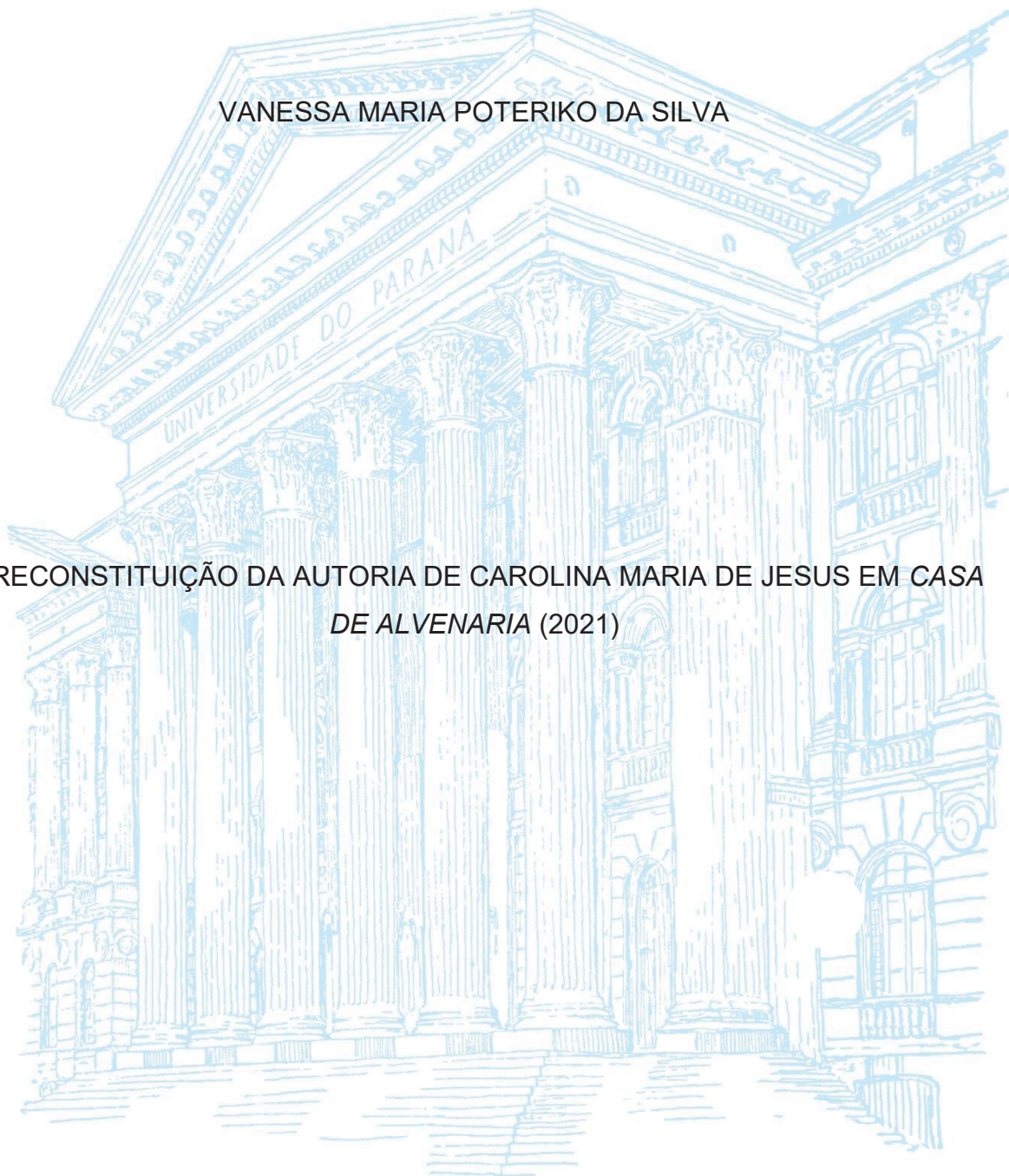


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

VANESSA MARIA POTERIKO DA SILVA

A RECONSTITUIÇÃO DA AUTORIA DE CAROLINA MARIA DE JESUS EM CASA
DE ALVENARIA (2021)



CURITIBA

2024

VANESSA MARIA POTERIKO DA SILVA

A RECONSTITUIÇÃO DA AUTORIA DE CAROLINA MARIA DE JESUS EM CASA
DE ALVENARIA (2021)

Tese apresentada ao curso de Pós-Graduação em Letras, Área de Concentração em Estudos Literários, na Linha de Pesquisa Literatura, História e Crítica do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná (PPGL/UFPR), Setor de Ciências Humanas, como requisito parcial à obtenção de título de Doutora em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Vasconcelos Machado

CURITIBA

2024

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS

Silva, Vanessa Maria Poteriko da

A reconstituição da autoria de Carolina Maria de Jesus em *Casa de Alvenaria* (2021). / Vanessa Maria Poteriko da Silva. – Curitiba, 2024.

1 recurso on-line : PDF.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Vasconcelos Machado.

1. Jesus, Carolina Maria de, 1914-1977 - Diários. 2. Literatura brasileira. 3. Casa de Alvenaria - Autoria. I. Machado, Rodrigo Vasconcelos, 1971-. II. Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

Bibliotecária: Fernanda Emanoéla Nogueira Dias CRB-9/1607



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO LETRAS -
40001016016P7

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação LETRAS da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da tese de Doutorado de **VANESSA MARIA POTERIKO DA SILVA** intitulada: **A RECONSTITUIÇÃO DA AUTORIA DE CAROLINA MARIA DE JESUS EM CASA DE ALVENARIA (2021)**, sob orientação do Prof. Dr. RODRIGO VASCONCELOS MACHADO, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de doutora está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 04 de Março de 2024.

Assinatura Eletrônica

04/03/2024 17:35:45.0

RODRIGO VASCONCELOS MACHADO
Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

04/03/2024 16:05:11.0

RAFFAELLA ANDRÉA FERNANDEZ

Avaliador Externo (INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS DA
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO)

Assinatura Eletrônica

04/03/2024 16:17:28.0

EVERTON RIBEIRO

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ - UFPR)

Assinatura Eletrônica

04/03/2024 17:09:08.0

ANTONIO AUGUSTO NERY

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

04/03/2024 17:08:17.0

GESUALDA DE LOURDES DOS SANTOS RASIA

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Rua General Carneiro, 460, 10º andar - CURITIBA - Paraná - Brasil
CEP 80060-150 - Tel: (41) 3360-5102 - E-mail: pgletras@ufpr.br

Documento assinado eletronicamente de acordo com o disposto na legislação federal Decreto 8539 de 08 de outubro de 2015.

Gerado e autenticado pelo SIGA-UFPR, com a seguinte identificação única: 343300

Para autenticar este documento/assinatura, acesse <https://siga.ufpr.br/siga/visitante/autenticacaoassinaturas.jsp> e insira o código 343300

A Carolina Maria de Jesus e seus familiares
A todos que se dedicam a pesquisar a Carolina
A todos que acreditam que a Literatura é um espaço
de todos e para todos
A todos que compreendem que a Literatura jamais
será a mesma pós-Carolina.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela vida, pela sabedoria, pela humildade, pela paciência, pela persistência e por ter colocado Carolina Maria de Jesus no meu caminho acadêmico.

Agradeço a minha família, minha mãe, Arlene Poteriko da Silva, meu pai, João Carlos da Silva, meus irmãos, Jean Carlos Poteriko da Silva, Geane Aparecida Poteriko da Silva, Carina Queiroz da Silva, que sempre acreditaram em mim e me deram força para seguir e concluir os desafios na trajetória de estudos.

Agradeço minha filha, Larissa da Silva Brunoro, que conviveu com meus estudos e teve que compreender minhas ausências devido a eles.

Agradeço a Universidade Federal do Paraná que contribuiu com minha formação acadêmica proporcionando um espaço democrático, público, gratuito e, principalmente, de excelência.

Agradeço ao professor e meu orientador Dr. Rodrigo Vasconcelos Machado por me acompanhar com muita paciência e prontidão, sempre, na minha trajetória de pesquisa, desde o Mestrado até o Doutorado.

Agradeço a professora e pesquisadora Dr^a Rafaella Fernandez que também me acompanha desde o Mestrado, auxiliando com seu vasto, precioso e decolonial conhecimento sobre Carolina Maria de Jesus.

RESUMO

A presente pesquisa realiza comparação entre *Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada*, publicado em 1961, e sua edição publicada em dois volumes, em 2021: *Casa de Alvenaria, Volume 1: Osasco* e *Casa de Alvenaria, Volume 2: Santana*. Por meio de pesquisa bibliográfica e documental, analisa-se a questão autoral e a relação com as edições, buscando estender um olhar histórico e crítico sobre a construção e reconstituição da autoria de Carolina Maria de Jesus. Com esse trabalho, evidenciou-se que a autoria de Carolina Maria de Jesus possui característica interseccional, ou seja, é permeada pelas questões de gênero, classe social e raça, que ficam evidentes na medida em que ocorre ou não interferência dos editores no texto publicado. A análise realizada permite contribuir com a desconstrução de estereótipos atribuídos à escritora e a sua obra, que se encontram interligadas, uma vez que suas narrativas autobiográficas possuem especificidades literárias únicas que, por não se enquadrarem no cânone literário foram estereotipadas antes mesmo da publicação.

Palavras-chave: Carolina Maria de Jesus. Autoria interseccional. Reconstituição de autoria.

ABSTRACT

This research makes a comparison between *Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada*, published in 1961, and its edition published in two volumes, in 2021: *Casa de Alvenaria, Volume 1: Osasco* and *Casa de Alvenaria, Volume 2: Santana*. Through bibliographic and documentary research, the authorial issue and the relationship with the editions are analyzed, seeking to extend a historical and critical look at the construction and reconstitution of the authorship of Carolina Maria de Jesus. With this work, it became clear that the authorship of Carolina Maria de Jesus has an intersectional characteristic: it is permeated by issues of gender, social class and race, which become evident to the extent that editors interfere in the published text or not. The analysis carried out allows us to contribute to the deconstruction of stereotypes attributed to the writer and her work, which are interconnected, since her autobiographical narratives have unique literary specificities that, as they do not fit into the literary canon, were stereotyped even before publication.

Keywords: Carolina Maria de Jesus. Intersectional authorship. Reconstitution of authorship.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01 – POPULAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO E DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO EM 1940	32
FIGURA 02 – DISTRIBUIÇÃO DOS EMPREGADOS DOMÉSTICOS NO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO, SEGUNDO A COR E O SEXO (1940)	33
FIGURA 03 – PRIMEIRA PÁGINA DE CASA DE ALVENARIA - VOL. 1, 2021	82
FIGURA 04 – FIM DO DIÁRIO PUBLICADO EM 1961	104
FIGURA 05 – 30 DE AGOSTO DE 1960: MANUSCRITO, PUBLICAÇÃO DE 1961 E PUBLICAÇÃO DE 2021	123
FIGURA 06 – GRAFIA DA LETRA “A” E DA LETRA “O”	125

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – TRECHO DE 8 DE MAIO DE 1961	26
TABELA 2 – TRECHO DE 21 DE MAIO DE 1961	28
TABELA 3 – TRECHO DE 6 DE FEVEREIRO DE 1961	34
TABELA 4 – TRECHO DE 17 DE ABRIL DE 1961	37
TABELA 5 – TRECHO DE 30 DE AGOSTO DE 1960 - MUDANÇA DA FAVELA I	46
TABELA 6 – TRECHO DE 30 DE AGOSTO DE 1960 - MUDANÇA DA FAVELA II	47
TABELA 7 – TRECHO DE 17 DE SETEMBRO/OUTUBRO DE 1960	48
TABELA 8 – SETEMBRO/OUTUBRO DE 1960	50
TABELA 9 – TRECHO DE 17 DE NOVEMBRO DE 1960	52
TABELA 10 – TRECHO DE 18 DE NOVEMBRO DE 1960	53
TABELA 11 – TRECHO DE 23 DE NOVEMBRO DE 1960	55
TABELA 12 – TRECHO DE 24 DE DEZEMBRO DE 1960 - MUDANÇA – PARTE 1	56
TABELA 13 – TRECHO DE 24 DE DEZEMBRO DE 1960 - MUDANÇA – PARTE 2	57
TABELA 14 – TRECHO DE 04 DE JANEIRO DE 1961	59
TABELA 15 – TRECHO DE 06 DE MARÇO DE 1961 - PARTE I	61
TABELA 16 – TRECHO DE 06 DE MARÇO DE 1961 - PARTE II	62
TABELA 17 – TRECHO DE 24 DE MARÇO DE 1961	63
TABELA 18 – 24 DE MARÇO DE 1961	65
TABELA 19 – TRECHO DE 21 DE MAIO DE 1960	66
TABELA 20 – TRECHO DE 23 DE NOVEMBRO DE 1960	108
TABELA 21 – TRECHO DE 30 DE NOVEMBRO DE 1960	110
TABELA 22 – TRECHO DE 24 DE DEZEMBRO DE 1960	111
TABELA 23 – TRANSCRIÇÕES DO DIA 30 DE AGOSTO DE 1960	124
TABELA 24 – COMPARAÇÃO ENTRE A GRAFIA DO MANUSCRITO E A PUBLICAÇÃO DE 1961	126
TABELA 25 – COMPARAÇÃO ENTRE A GRAFIA DO MANUSCRITO E A PUBLICAÇÃO DE 2021	127

TABELA 26 – COMPARAÇÃO DA GRAFIA DAS PUBLICAÇÕES	128
TABELA 27 – ESCOLHA DE PALAVRAS	129
TABELA 28 – TRECHO SOBRE A MUDANÇA PARA OSASCO	131

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. A SITUAÇÃO DO NEGRO NA SOCIEDADE BRASILEIRA - ASPECTOS HISTÓRICOS E SOCIAIS EM CASA DE ALVENARIA (1961 E 2021)	18
1.1 UMA ESCRAVIZAÇÃO VOLTADA AO MERCADO	18
1.2 CULTURA DE DEPRECIAÇÃO DO POVO NEGRO	21
1.3 A CONSTITUIÇÃO SOCIAL BRASILEIRA E PAULISTA	28
1.4 A MULHER NEGRA NA SOCIEDADE	42
1.5 CAROLINA MARIA DE JESUS NA CASA DE ALVENARIA	45
2. QUESTÕES LITERÁRIAS EM CASA DE ALVENARIA (1961 E 2021)	74
2.1 SOBRE LITERATURA, LINGUAGEM E CÂNONE	74
2.2 UMA ESCRITORA COM MÚLTIPLAS FACES	90
2.3 A QUESTÃO DO DIÁRIO	96
2.4 RESISTÊNCIA ANCESTRAL DE CAROLINA MARIA DE JESUS	105
3. ANÁLISE DE CASA DE ALVENARIA (1961 E 2021): SEMELHANÇAS E DIFERENÇA	113
3.1 RECEPÇÃO DE CASA DE ALVENARIA (1961), TRADUÇÕES E PARATEXTOS	113
3.2 A EDIÇÃO DE 1961	116
3.3 UMA POSSÍVEL COMPARAÇÃO DAS EDIÇÕES DE 1961 E 2021 ...	122
3.4 ANÁLISE LITERÁRIA DE CASA DE ALVENARIA (2021)	133
CONCLUSÃO	142
REFERÊNCIAS	146
ANEXOS	151

INTRODUÇÃO

A escritora Carolina Maria de Jesus (1914?-1977) ficou nacional e internacionalmente conhecida em 1960 com a publicação de seu diário: *Quarto de despejo: diário de uma favelada* que chamou a atenção para as precárias condições de vida em que se encontravam ela, seus três filhos e os demais moradores da extinta Favela do Canindé, em São Paulo.

Para relatar as agruras vividas, Carolina utilizou-se de linguagem própria, construída autodidaticamente, a partir de pouco estudo formal, o suficiente para aprender a ler e a escrever. Uma linguagem aparentemente simples, mas rica em imagens que representavam momentos tristes, alegres, melancólicos, de violação de direitos, que só poderiam ser criadas por ela própria, aprendida com as leituras que realizava e forjada sob a herança miserável a qual estava submetida, assim como estavam a maioria dos negros brasileiros após a abolição da escravidão. Carolina Maria de Jesus era uma leitora assídua (“Se eu pudesse, eu lia todos os livros que há no mundo” (JESUS, 2021, Vol. 2, p. 69), uma leitura diversificada, desde os clássicos nacionais ou internacionais (como Victor Hugo) até livros de escritores pouco conhecidos, emprestados das casas das patroas ou encontrados nas latas de lixo. Devido ao histórico de leituras diversificadas, segundo Pisa, citado por Fernandez (2019, p. 59) “em seu texto, Nietzsche e Nostradamus são vizinhos tranquilos”.

Carolina Maria de Jesus herdou de seu avô a inclinação à crítica política e filosófica, a quem denominava de “Sócrates Africano” (FERNANDEZ, 2019, p.161). Ao proporcionar à neta momentos de contação de histórias, ele revelava conhecimento da cultura ancestral, que Carolina se apropriou e depois manifestou em seus escritos. O autodidatismo propiciou a Carolina Maria de Jesus o conhecimento necessário para se manter resistente às condições e imposições do contexto em que se inseria: não obstante ser mulher em uma sociedade patriarcal, ser negra selava seu destino desde o nascimento (“O que as negras devem fazer.../ É ir pro tanque lavar roupa” (JESUS, 1996a)). A herança do trabalho doméstico foi vivenciada por Carolina até o nascimento de seu primeiro filho, após isso, ela passou a catar papel nas ruas de São Paulo para agregar a subsistência à maternidade. Sendo despejada na favela, Carolina, foi conciliando momentos de leitura, de escrita e de muita fome. Neste contexto, surgiu seu primeiro diário: *Quarto de despejo*, publicado em 1960.

O sucesso dessa obra impressionou até os mais otimistas, teve as primeiras dez mil cópias esgotadas em uma semana apenas, tornando-se um *best seller* no decorrer do ano de 1960 e foi traduzido em quatorze idiomas. No entanto, a fama conquistada por Carolina Maria de Jesus foi passageira, aproximadamente, um ano. Essa trajetória vivida entre a vertiginosa e breve fama e o duradouro esquecimento, principalmente após seu óbito, revelam que a escritora e sua produção artístico-literária esbarraram nas imposições dos padrões estéticos da língua, da literatura, da mídia e do mercado editorial. Até hoje, há quem não considere seus diários como literatura, ao compreender como literário apenas o que segue o cânone.

Assim, enquanto viveu, ela lutou não apenas contra a fome, mas também para ser reconhecida como escritora. Título este que dificilmente a sociedade à qual pertencia atribuiria a uma pessoa na condição social dela: uma mulher negra, catadora de papel, mãe de 3 filhos, solteira por vontade própria, moradora da favela do Canindé (zona Norte de São Paulo, hoje extinta), com pouco estudo formal. Sua segunda publicação, *Casa de Alvenaria* (1961) já não teve a mesma repercussão do diário anterior, apesar de retratar a vida da escritora após sair da favela, denunciando o preconceito racial e social de uma ex-favelada que tenta se inserir na classe média e no mercado editorial e literário brasileiro. Em 1963, Carolina teve que se utilizar de recursos próprios para publicar seu romance *Pedaços da fome*, bem como assim ocorreu com seu livro *Provérbios*, de 1964. Em 1982, é publicado postumamente, na França, o material que Carolina entregara a uma jornalista francesa que deveria se intitular, segundo Carolina, “Um Brasil para Brasileiros”, mas foi publicado como *Journal de Bitita*, um texto bastante modificado, adaptado para o público francês; em 1986, esse texto foi traduzido para o português e publicado no Brasil como *Diário de Bitita*, título este que corrobora com o estereótipo da escritora de diários, muito embora o corpus do texto não tenha se estruturado como um diário, com atualidade e demarcação dos dias, mas trazendo narrativas memorialísticas da autora, traduzidas da adaptação francesa do texto original de Carolina.

Na década de 90, um historiador brasileiro e um brasilianista norte-americano realizaram uma extensa pesquisa sobre Carolina, resultando no livro “Cinderela Negra, a saga de Carolina Maria de Jesus” (MEIHY; LEVINE, 1994). Com esse trabalho, foi possível recuperar grande parte de seu arquivo original, constituído por trinta e sete cadernos, cerca de quatro mil e quinhentas páginas escritas, contendo

muitos textos inéditos que perpassavam diversos gêneros, como poemas, crônicas, contos, máximas e romances. Esse arquivo se encontra dividido em várias instituições custodiadoras: Arquivo Público Municipal Cônego Hermógenes Cassimiro de Araújo Bruonswick, em Sacramento (MG); Divisão de Manuscritos da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro (RJ); Biblioteca do Congresso em Washington D.C., nos Estados Unidos; Acervo de Escritores Mineiros, do Centro de Estudos Literários e Culturais da UFMG; Arquivo de Coordenadoria do Instituto Moreira Salles, no Rio de Janeiro; Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, na Universidade de São Paulo (USP), em São Paulo; e Museu Afro Brasil, em São Paulo (BARCELLOS, 2015, p. 13-14); Fernandez (2019, p. 5) acrescenta que recentemente o Arquivo Edgar Leuenroth da Unicamp adquiriu as microfilmagens dos cadernos manuscritos que constam na coleção da Fundação da Biblioteca Nacional.

Desse trabalho realizado por Meihy e Levine (1994) também resultou a publicação de um livro de poesia *Antologia pessoal* (JESUS, 1996a), e de um outro diário denominado *Meu estranho diário* (JESUS, 1996b). Este último diário trouxe ao conhecimento do público trechos integrais originais dos cadernos manuscritos de Carolina Maria de Jesus que fizeram parte tanto de *Quarto de despejo* (1960) quanto de *Casa de alvenaria* (1961). Há também publicações recentes como *Onde estaes felicidade* (2014) – organizado por Dinha e Raffaella Fernandez; *Dr. Silvio* (2015) – romance publicado na tese de doutorado de Aline Alves Arruda, pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); e outras publicações organizados por Raffaella Fernandez como: *Meu sonho é escrever...contos inéditos e outros escritos* (2018) - que traz textos diversos escritos por Carolina Maria de Jesus no gênero narrativo; *Clíris* (2019) - com poemas inéditos que não foram publicados em *Antologia Pessoal* (1996). Em 2021, a editora Companhia das Letras publicou dois volumes de *Casa de Alvenaria*, Volume 1: *Osasco* e Volume 2: *Santana*, com a edição realizada por um coletivo de mulheres que compuseram o Conselho Editorial para revisitar os manuscritos de Carolina Maria de Jesus e publicar uma versão que objetiva “resguardar a integridade da voz e da escrita de Carolina”, segundo a nota lançada sobre a edição (JESUS, 2021, Vol. 1). O Conselho Editorial foi coordenado pela escritora Conceição Evaristo e pela filha de Carolina Maria de Jesus, Vera Eunice de Jesus, e contou com o auxílio de quatro pesquisadoras carolinianas: Raffaella Fernandez, Fernanda Felisberto, Fernanda Miranda e Amanda Crispim. Deste

trabalho do Conselho Editorial resultou também a recente publicação do romance *O Escravo* (2023), também pela editora Companhia das Letras.

São inúmeras as dissertações de Mestrado e Doutorado que se atentam às obras de Carolina Maria de Jesus, em várias áreas do conhecimento. A maioria das teses e dissertações referem-se ao livro *Quarto de Despejo, diário de uma favelada* (1960) - 56 dissertações de Mestrado e 16 teses de Doutorado, catalogadas no banco de dados da CAPES. Com relação à *Casa de Alvenaria, diário de uma ex-favelada* (1961) as pesquisas catalogadas pela CAPES trazem essa obra analisada em correlação com *Quarto de Despejo* ou com outras obras de escritores negros/negras produzidas, como, por exemplo, a tese *Canetas Roubadas de Carolinas que R.Existem*, de Talyssa Izabella Machado Sirino, publicada em 2019 pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, em que a pesquisadora reflete sobre a característica performática da escrita de Carolina Maria de Jesus, promovendo uma análise crítica sobre a invisibilização da autoria negra feminina na literatura e os mecanismos que corroboram para isso, trazendo um capítulo sobre a desconstrução do prefácio de *Casa de Alvenaria* (1961), o qual a pesquisadora considera “bastante problemático” (SIRINO, 2019, p. 51), por ser entendido como uma forma de silenciamento e apagamento da escritora Carolina Maria de Jesus por parte do editor do livro, Audálio Dantas, pela forma como ele descreve o texto e a escritora.

Com a nova versão da publicação de *Casa de Alvenaria* (2021), em seus dois volumes (*Casa de Alvenaria, Volume 1: Osasco* e *Casa de Alvenaria, Volume 2: Santana*), foi possível revisitar e comparar as edições feitas nos manuscritos de Carolina - em 1961, realizada por Audálio Dantas, um jornalista branco, e em 2021, realizada pelo conselho editorial feminino, majoritariamente negro, que procurou manter as escolhas gramaticais e a forma de escrever conforme encontradas nos manuscritos de Carolina Maria de Jesus. Desde a edição de *Quarto de Despejo* (1960), Dantas afirma que fez cortes na narrativa para evitar a exaustão da rotina da favelada, deixando apenas os trechos “mais significativos” (DANTAS in JESUS, 1963, p. 3). Sob essa ótica, ao identificar o que é “mais significativo”, ele acabou se utilizando de uma subjetividade própria, enquanto conhecedor do momento histórico, político e social no qual estava inserido, bem como conhecedor do que um público aceitaria ou não, vindo de uma escritora “negra, pobre e favelada” (ou ex-favelada, após se instalar em sua tão sonhada “casa de alvenaria”). Esse “trabalho cuidadoso de edição”, nas

palavras de Dantas, que ocorreu nas publicações de Carolina, levou à hipótese de que o estereótipo criado a respeito da escritora antecederia a recepção da obra dela no contexto histórico-social em que foi publicado, portanto, iniciar-se-ia durante o processo de edição do conteúdo que viria a público.

Dessa forma, o questionamento realizado nesta pesquisa refere-se a quanto o editor interferiu na construção final dos diários publicados, com base em quais fatores históricos e sociais essa interferência se justificava e que características da autora foram apresentadas/omitidas ao público. Cabe ressaltar que não se pretende aqui abordar essencialmente sob uma ótica negativa o trabalho de edição realizado nas publicações de Carolina Maria de Jesus ou culpabilizar o primeiro editor dos manuscritos pelas omissões realizadas. Os diferentes contextos de edição e publicação permitem traçar uma análise crítica, com base na conjuntura histórico-social brasileira, por meio da qual nossa sociedade se formou e, infelizmente, ainda se mantém, uma vez que as questões de aceitação, esquecimento e estereotipação da escritora Carolina Maria de Jesus ainda ocorrem e estão relacionadas a essa conjuntura.

Assim, apresenta-se como objeto de estudo deste trabalho as publicações: *Casa de Alvenaria* (1961), *Casa de Alvenaria - Volume 1: Osasco* (2021) e *Casa de Alvenaria - Volume 2: Santana* (2021). Foi realizada pesquisa bibliográfica e documental, enquadrando-se na Linha de Pesquisa Literatura, História e Crítica por analisar historicamente os textos literários dentro de seu processo de construção, compreendendo a relação desse processo com a constituição da autoria feminina negra no texto publicado. Com isso, buscou-se estender um olhar histórico e crítico sobre a construção e constituição da autoria negra feminina nos diários publicados de Carolina Maria de Jesus a fim de desconstruir os estereótipos atribuídos a ela e a sua obra, que se encontram interligadas, partindo do pressuposto de que suas narrativas autobiográficas possuem especificidades literárias únicas que, por não se enquadrarem no cânone literário e por estarem ligadas ao gênero e à raça, foram estereotipadas antes mesmo da publicação.

No primeiro capítulo da pesquisa, abordou-se a situação do negro na sociedade brasileira, ressaltando os aspectos históricos e sociais que permeiam a obra *Casa de Alvenaria* (1961, 2021). Sobre a formação histórico-social brasileira remete-se aos estudos de Caio Prado Júnior (1942; 2004); a análise da posição social do negro na

sociedade brasileira e paulista foi tratada sob a ótica de Florestan Fernandes (1972; 2021); sobre o tema da escravidão no Brasil, abordou-se os apontamentos importantes realizados por Jacob Gorender (2016); para tratar da questão da ancestralidade de Carolina Maria de Jesus, foram tomados como base os apontamentos de Raffaella Fernandez (2015, 2019) e textos da própria Carolina; sobre a mulher negra na sociedade abordou-se o trabalho de Angela Y. Davis (1981/2004).

O segundo capítulo trouxe questões literárias em *Casa de Alvenaria* (1961, 2021). Nele, foram apontados conceitos e análise de assuntos ligados à literatura, linguagem e cânone por meio de teóricos como Jacques Derrida (2014) e Mario César Lugarinho (2020); também neste capítulo, foram abordadas as múltiplas faces da escritora Carolina Maria de Jesus com base em textos da escritora e em estudos de Raffaella Fernandez (2015, 2019), Fernanda Miranda (2019, 2021) e Conceição Evaristo (2005); a questão do gênero autobiográfico foi tratado com base nos pressupostos de Philippe Lejeune (2014).

O terceiro capítulo trouxe as semelhanças e diferenças entre as duas edições de *Casa de Alvenaria* (1961, 2021), apontando para questões de edição, recepção e comparação entre as publicações. Com isso, procurou-se contribuir com a fortuna crítica dos estudos carolineanos, ampliando a perspectiva sobre o processo de edição ante futuras publicações de obras de Carolina Maria de Jesus ou sobre ela.

1. A situação do negro na sociedade brasileira - aspectos históricos e sociais em *Casa de Alvenaria* (1961, 2021)

“E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravidão atual – a fome!”¹
(JESUS, 1963, p.27)

1.1 UMA ESCRAVIZAÇÃO VOLTADA AO MERCADO

Do colonialismo à modernidade a evolução foi lenta ou inexistente no que diz respeito às questões raciais, é o que Carolina Maria de Jesus denunciou nos seus versos acima citados, atestando uma abolição que não ocorrera. Sendo o motor da economia por muito tempo, a escravidão era fomentada pelo ideal colonizador que moveu desde sempre a ocupação do Brasil: o comércio. Ao realizar um extenso trabalho de pesquisa sobre a formação social brasileira, Prado Junior (2004) buscou explicar as origens históricas da nação, compreendendo a transformação econômica e política do Brasil, desde a colônia até o nosso século. Tratou-se de uma explicação fundamentada nos conceitos de tradição marxista, perspectiva historiográfica até então inexistente, em que o Estado e as classes sociais ganharam dimensão nessa abordagem.

Nesse sentido, segundo Prado Junior (2004) a colonização brasileira foi marcada por uma intrincada e complexa dinâmica do mercado mundial, juntamente com os movimentos internos da economia e na sociedade, deixando de lado o viés religioso que, muitas vezes, embasou a história da colonização brasileira ligada, de forma simplista, à expansão do pensamento cristão, tendo em vista que, ao analisar a forma bárbara do processo de colonização dos povos da América Latina, os preceitos religiosos não explicam tamanha violência, o que favorece a análise da colonização ligada basicamente aos interesses comerciais:

Em suma e no essencial, todos os grandes acontecimentos desta era, que se convencionou com razão chamar dos "descobrimientos", articulam-se num conjunto que não é senão um capítulo da história do comércio europeu. Tudo que se passa são incidentes da imensa empresa comercial a que se dedicam os países da Europa a partir do séc. XV, e que lhes alargará o horizonte pelo Oceano afora. Não têm outro caráter a exploração da costa africana e o descobrimento e colonização das Ilhas pelos portugueses, o roteiro das

¹ Todas as citações de Carolina Maria de Jesus seguem conforme mantidas na edição de publicação. Algumas publicações preservam as características da forma de escrever da escritora e não realizam a correção ortográfica e gramatical.

Índias, o descobrimento da América, a exploração e ocupação de seus vários setores. É este último o capítulo que mais nos interessa aqui; mas não será, em sua essência, diferente dos outros. É sempre como traficantes que os vários povos da Europa abordarão cada uma daquelas empresas que eles proporcionarão sua iniciativa, seus esforços, o acaso e as circunstâncias do momento em que se achavam (PRADO JÚNIOR, 2006, p.22-23).

Assim, a preocupação com a expansão do comércio europeu foi a base da colonização. Na América, Prado Júnior diferenciou a colonização ocorrida nos diferentes climas - tropical e temperado. No clima temperado, observou-se “um caráter inteiramente apartado dos objetivos comerciais até então dominantes neste gênero de empresas” (2006, p. 26), o que não foi o caso do Brasil:

O que os colonos desta categoria têm em vista é construir um novo mundo, uma sociedade que lhes ofereça garantias que no continente de origem já não lhes são mais dadas. Seja por motivos religiosos ou meramente econômicos (estes impulsos aliás se entrelaçam e sobrepõem), a sua subsistência se tornara lá impossível ou muito difícil. Procuram então uma terra ao abrigo das agitações e transformações da Europa, de que são vítimas, para refazerem nela sua existência ameaçada. O que resultará deste povoamento, realizado com tal espírito e num meio físico muito aproximado do da Europa, será naturalmente uma sociedade, que, embora com caracteres próprios, terá semelhança pronunciada à do continente de onde se origina. Será pouco mais que simples prolongamento dele (PRADO JÚNIOR, 2006, p. 26-27).

A diferenciação entre os tipos de colonização foi importante porque, segundo Prado Júnior (2006, p. 29), promoveu uma “seleção entre colonos que se dirigem respectivamente para um e outro setor do novo mundo: o temperado e os trópicos”, sendo que, para os trópicos, “o europeu só se dirige, de livre e espontânea vontade, quando pode ser um dirigente” (idem), precisando, dessa forma, contar com um outro que trabalhe para ele, no nosso caso, os nativos indígenas e os negros escravizados oriundos da África.

A base econômica da construção do Brasil, de acordo com Prado Jr (2006, p. 29-32) possuiu três características principais que se combinavam e se completavam: a grande propriedade, a monocultura e o trabalho escravo. O escravismo deixou marcas na cultura, nos valores, na ética, na estética e seus reflexos nas relações sociais e condições de trabalho da sociedade brasileira.

Dessa forma, dentro das relações comerciais, a escravidão, muitas vezes relegada a papel secundário, foi tomada de forma distorcida ou parcial por

pesquisadores², que, muitas vezes, chegaram “a conclusões precipitadas por carência de visão de conjunto” (GORENDER, 2016, p. 100). A visão parcialmente adotada levou à construção de imagens distorcidas, tanto da escravidão quanto do negro escravizado, servindo de fomento para a marginalização do negro.

Contudo, o mais importante consiste em que o escravismo colonial nas Américas, ao invés de escravismo doméstico como no Oriente, foi essencialmente voltado para a produção comercial. *São, portanto, as relações de produção que o definem*. Inteiramente correto - e não abusivo - é afirmar que todos os escravos nas formações sociais escravistas das Américas, *todos sem exceção*, foram abrangidos pelo modo de produção escravista colonial. Os escravos improdutivos - prioritários no enfoque de Gilberto Freyre e de seus seguidores neopatriarcalistas - existiram porque podiam ser sustentados pela renda extraída da enorme maioria de escravos produtivos. A custa dos escravos dos engenhos, minas e fazendas, produtores de riquezas exportadas, criavam-se os recursos para manter escravos domésticos, pagar os serviços de negros de ganho etc. Errôneo seria desconhecer que os escravos improdutivos viviam situações peculiares. Entre os próprios escravos produtivos, manifestavam-se distinções. Cumpre reconhecê-las e pesquisá-las (GORENDER, 2016, p. 110).

Sob esse viés, mesmo em posições de trabalho distintas, a engrenagem era a mesma: as relações de produção. Enquanto engrenagem, as relações de produção eram movidas pelos homens que, por sua vez, “agem segundo ideias, segundo o imaginário” (CASTORIADIS citado por GORENDER, 2016, p.124). Gorender concordou com o apontamento de Castoriadis e reforçou:

a vida social seria simplesmente impossível sem as significações criadas pelos homens para todas e cada uma das relações sociais. A criação de significações requer imaginação, e desta procede o poder do simbólico. Certo é também que toda instituição possui um lado prático-funcional (ou que precisa ser prático-funcional) e um lado simbólico (GORENDER, 2016, p.125).

Assim, junto com o lado prático funcional defendido pelo Marxismo, a simbologia surgida da imaginação dos homens ocasionou a existência da força social, que é mutável devido às “contradições entre as condições de existência e os símbolos” (idem). O resultado dessas mudanças eram “novas criações imaginárias” que afetavam também a “força social das significações e dos símbolos” (idem). Mas o que

² Foram várias pesquisas analisadas por Jacob Gorender (2016, p. 110-116), citamos algumas como de Katia Mattoso (*Ser escravo no Brasil*, 1982, criticada por Gorender por propor que “as relações de produção não bastam”), e Leila Mezan Algranti (*O feitor ausente*, 1988, que aborda a questão do negro de ganho como algo não escravista).

isso tinha a ver com o negro escravizado? Segundo Gorender, isso contribuiu como forma de resistência e sobrevivência dos escravizados:

A resistência astuciosa ao trabalho compulsório e a elaboração reiterada do imaginário coletivo salvaram os escravos da infantilização, da despersonalização, da coisificação subjetiva. Não é novidade que muitos escravos também resistiram por meio de atos contundentes. Resistência individual através de fugas, agressões e atentados a senhores e feitores. Resistência coletiva através de conspirações, levantes e organização de quilombos (GORENDER, 2016, p.141).

Sob esse viés, o escravizado não era tomado como objeto nesta relação de produção e sim um sujeito integrante dela. A abolição da escravidão no Brasil, mesmo sendo tardia, “não foi um “negócio de brancos””, segundo Gorender, mas “constituiu conquista revolucionária da luta autônoma dos escravos conjugada à militância do abolicionismo urbano popular (2016, p. 202).

1.2 CULTURA DE DEPRECIAÇÃO DO POVO NEGRO

A escravidão era como cicatriz na alma do negro.
(JESUS, 2014, p. 61)

Após a abolição, tanto no período do império quanto da república, observou-se uma cultura estruturada na miséria, na concentração da propriedade rural, nas elites políticas que impediam com violência que o povo (principalmente o negro) assumisse algum protagonismo na história do país, isso ficou evidente nas narrativas memorialísticas de Carolina Maria de Jesus apresentadas no *Diário de Bitita*:

Eu notava que os brancos eram mais tranquilos porque já tinham seus meios de vida. E para os negros, por não ter instrução, a vida era-lhes mais difícil. Quando conseguiam algum trabalho, era exaustivo. O meu avô com setenta e três anos arrancava pedras para os pedreiros fazerem os alicerces das casas. Os pretos, quando recebiam aquele dinheirinho, não sabiam gastar em coisas úteis. Gastavam comprando pinga (JESUS, 2014, p. 59).

Carolina Maria de Jesus denunciou em seu texto memorialístico de infância a condição do negro pós-abolição, por meio da observação atenta da realidade que a cercava. Importante destacar aqui que a falta de instrução do negro era o principal motivo, que, na visão de Carolina, ocasionava a atribuição de trabalho exaustivo, isso porque ela valorizava demais o estudo. O avô era o exemplo de negro sem instrução formal, um ex-escravo liberto, que empregava um trabalho extremamente pesado aos

73 anos (arrancava pedras). Ainda, ela criticava que o pouco dinheiro recebido pelos negros não era bem empregado por eles por não saberem como gastar. Segundo Gorender:

O reordenamento das formas de trabalho, em seguida à Abolição, afetou a situação dos negros, já nascidos livres ou recém-libertos. Constituíam, então, a maioria da população, mas se distribuíam de maneira muito desigual entre as regiões do país. A inserção dos negros na força de trabalho ocupada sofreu a influência das diferenças regionais (2016, p. 211).

Assim, cada região (rural ou urbana), com seu respectivo tipo de ocupação, apresentava forma diferenciada de lidar com a reordenação da mão de obra. Na área rural, Gorender destacou:

Como frisou Lúcio Kowarick, numa das melhores obras historiográficas da última safra, o trabalhador nacional era depreciado pelos fazendeiros. Estes não esperavam extrair do negro *livre* o mesmo rendimento que extraíam do negro *escravo*. Predominava a expectativa de que os escravos abandonariam as fazendas ou fariam exigências exorbitantes para continuar nelas. Por sua vez, a grande massa de homens livres era incluída na categoria dos *desocupados* - gente que estimava o ócio e só trabalhava para satisfação das necessidades elementares. Eram os *vadios*, que só por compulsão se fariam trabalhadores disciplinados (2016, p. 212).

Assim, no ambiente rural predominavam muitas as especulações com relação ao futuro do negro pós-abolição e, principalmente com relação à mão de obra. Na região rural e urbana de São Paulo, o negro, da mesma forma, viu-se completamente desfavorecido:

Sucedeu que, em São Paulo, onde se desenvolvia a economia mais dinâmica do país, as condições foram as mais desfavoráveis à incorporação dos negros ao mercado de trabalho.

Nas fazendas de café, a exclusão completa dos negros pelos imigrantes europeus, no período pós-Abolição, ocorreu ao longo de dez ou quinze anos. As fugas em massa de escravos não trouxeram o esvaziamento total das fazendas pelos negros. Houve, sem dúvida, uma perda definitiva, mas certo número de libertos continuou a trabalhar no café, em geral empregando-se com um novo fazendeiro. Todavia, no decênio seguinte à abolição, os negros seriam praticamente afastados das fazendas do Oeste de São Paulo. Uma parte se transferiu para o vale do Paraíba, onde não precisaria concorrer com imigrantes. Mas outra parte se somou aos negros da capital do Estado e de outras cidades, numa situação de subemprego ou de marginalidade (GORENDER, 2016, p. 217).

No estado com maior desenvolvimento econômico, o negro não conseguiu se estabelecer de forma digna, tendo que ir para outras regiões para buscar a subsistência ou se contentar com a situação de miserabilidade econômica e social

que a capital reservava a eles. No entanto, Gorender questiona se a chegada de mão de obra imigrante foi realmente a causa dessa marginalização da mão de obra negra:

Contudo, faz-se difícil fundamentar a marginalização dos negros no período pós-Abolição na suposição da incapacidade de concorrência com os imigrantes europeus. Afinal, ao contrário destes, os ex-escravos conheciam as práticas da cafeicultura e da lavoura brasileira em geral, com hábitos de trabalho já adaptados a essas práticas. Mesmo do ponto de vista da qualificação profissional, as condições de superioridade da grande maioria dos europeus eram apenas levemente significativas. Na indústria da época, o nível técnico atrasado induziu o largo emprego de mulheres e crianças. Então, qual a desvantagem decisiva dos negros? (GORENDER, 2016, p. 219).

A resposta sobre qual era a desvantagem do negro em relação ao estrangeiro é formulada por Gorender:

A desvantagem localizou-se precisamente no passado escravista e nas suas sequelas. Desde o início, o relacionamento entre libertos e fazendeiros paulistas foi agudamente litigioso. Os fazendeiros continuaram a tratar os negros livres como o faziam com os escravos, movidos pela prepotência e pelo preconceito racista (GORENDER, 2016, p. 219).

Uma desvantagem herdada do passado. Ao seu próprio modo de ver, Carolina Maria de Jesus apresenta seu argumento, que também é um olhar popular, com relação ao descarte da mão de obra negra:

Após a libertação, os portugueses ficaram apavorados com medo dos negros. Era o reverso da medalha para eles que foram os leões e eram obrigados a transformar-se em ovelhas. Milhares deixaram o país e o Brasil ficou à deriva. - Já que vocês são livres, saiam das minhas terras! Vamos ver se vocês conseguem encher a barriga com a liberdade. Imagina só ter que dar dinheiro aos negros! É um pecado (JESUS, 2014, p. 62)

Carolina apresentou o medo dos portugueses de uma forma de “revanche” por parte dos negros pelos sofrimentos e maus tratos por que passaram no período de escravidão e também aponta o aspecto do preconceito, que tinha que ser superado, e estava marcado na expressão: “Imagina só ter que dar dinheiro aos negros! É um pecado” – o pecado, no contexto cristão religioso, é um ato a ser evitado por ser algo que ofende a Deus. Assim, a convivência do negro liberto na sociedade brasileira foi sendo dificultada:

Quando os negros bebiam, eu pensava: “Por que é que só os pretos bebem?”. Mas os brancos bebiam dentro de suas casas. Se um branco cambaleava nas ruas diziam que era indisposição, mal-estar. Se um branco bebia nos bares era repreendido: – Você está imitando os negros? Arranjou um negro para ser seu professor? A única coisa que está ao alcance do negro para ele

nos ensinar é beber pinga. Na pinga eles são catedráticos (JESUS, 2014, p. 55).

Na comparação de costumes, os do negro eram tomados como exemplo a não seguir, o mau exemplo. O emprego de violência recaía também ao negro: “Quando havia um conflito, quem ia preso era o negro. E muitas vezes o negro estava apenas olhando. Os soldados não podiam prender os brancos. Ter uma pele branca era um escudo, um salvo-conduto” (JESUS, 2014, p. 55).

Sobre essa questão racista enraizada na cultura brasileira, consequência de séculos de exploração do trabalho escravo, Gorender apontou:

A questão a ser enfrentada é a do racismo no regime capitalista, que hoje domina o país.

Florestan Fernandes explicou o racismo antinegro persistente na *sociedade de classes* (= sociedade capitalista) como arcaísmo, sociopatia, fenômeno de demora cultural. Por sua natureza, a sociedade capitalista não classifica os indivíduos segundo critérios de raça, mas segundo critérios racionais de eficiência econômica. A raça deixa de ser atributo adscritivo das pessoas que competem no mercado de trabalho. Ocorre que a revolução burguesa, no Brasil, deu somente alguns passos, de tal maneira que a antiga classe dominante sobreviveu com sua ideologia aristocrática de senhorio rural. O novo empresário industrial também absorveu esta ideologia, mesmo quando tivesse nascido em família de imigração recente. O racismo seria um desses valores do passado escravista conservado no quadro de uma sociedade burguesa incompleta (2016, p. 221).

Essa “sociedade burguesa incompleta” conservava aquilo que ideologicamente valorizava forma de representatividade. A cultura popular não a integrava. Com relação à cultura, Bosi (1992, p. 323) apontou que é consequência desse processo de colonização a rotulação de “residual” imposta às manifestações culturais populares (chamadas também de “*folclóricas*”):

A tendência dos estudos sociológicos convencionais, de filiação evolucionista, é rotular de residuais todas as manifestações habitualmente chamadas folclóricas. Estabelecido firmemente esse ponto de vista, tudo o que estiver sob o limiar da escrita, e, em geral, os hábitos rústicos ou suburbanos, é visto como sobrevivência das culturas indígenas, negra, cabocla, escrava ou, mesmo, portuguesa arcaica: culturas que se produziram sempre sob o ferrete da dominação.

E extremamente importante repensar o processo de formação de toda essa cultura que viveu e ainda vive sob o limiar da escrita. Certa vertente culta, ocidentalizante, de fundo colonizador, estigmatiza a cultura popular como fóssil correspondente a estados de primitivismo, atraso, demora, subdesenvolvimento (BOSI, 1992, p. 323).

Assim, “resíduo” seria a sobra, aquilo que não se enquadra no que é institucionalizado pelo dominador, isso leva a ideia de descarte, primitivo. Importante

o posicionamento que Bosi (idem) traz a respeito da necessidade de se “repensar o processo de formação” dessa cultura.

Em suma, a preocupação com a expansão do comércio europeu, base da colonização, e o autoritarismo, como marca histórica, trouxeram consequências que se refletiam na imagem que se tem da nossa sociedade como debilitada, sem capacidade de ser organizar, incompetente, que necessita tutela. Essas mesmas características foram fortemente incutidas também no sujeito negro, integrante desta sociedade.

É necessário romper com essas marcas deixadas pelo autoritarismo e repensar as políticas sociais numa perspectiva de classe, em uma dimensão coletiva. Essa análise é feita por Carolina Maria de Jesus ao cobrar, muitas vezes, em seus diários, ações de políticos ou questionar as políticas públicas que excluía os menos favorecidos.

A comparação com a condição de pessoa escravizada foi encontrada, por várias vezes na narrativa de *Casa de Alvenaria*, principalmente na publicação de 2021. Carolina percebeu que sua expectativa de ter uma vida tranquila fora da favela não foi realizada: “Não tenho tempo de cuidar dos meus filhos. Tenho a impressão que sou escrava” (JESUS, 2021, Vol. 2, p. 39), relato feito em 28 de dezembro de 1960, apenas constou na edição de 2021, a edição de 1960 cortou muitas passagens com relação este dia que revelava que ela saiu da favela pensando em ter uma vida melhor em que poderia ter mais tempo para ler, para escrever e para cuidar dos filhos. No entanto, o “fenômeno da escritora favelada” muito mostrado na mídia fez com que as pessoas pensassem que Carolina estivesse rica e a procura por doações e empréstimos era constante em seu cotidiano e os relatos deste dia demonstram isso.

Em um outro trecho, retirado de 09 de março de 1961, ela reclama: “O João retornou-se com um carta do Audalio. Eu disse-lhe que quero sair do meio destes brancos desgraçados. Eles, para conseguir seus obgetivos escravizam uma pessoa. Não tem noção no pensar que aqui em São Paulo todos lutam” (JESUS, 2021, Vol. 2, p. 217). Este trecho consta somente na publicação de 2021, sendo cortado na edição de 1961 e é um importante relato de que o negro que tivesse uma condição de vida melhor passava por outro tipo de exploração: o dos aproveitadores que não admitiam que um negro estivesse em posição superior e tentavam se aproveitar dessa situação

por meio da exploração. Carolina percebeu isso, mas, mesmo assim, ainda ajudava as pessoas que a procurava.

Além disso, ela se sentiu escravizada ao gênero literário com o qual tinha se consagrado, o diário: “Eu estava cansada. Juro que estou enjoando de ser escritora. Uma escritora escravizada porque o escritor que escreve Diário é um martir. É a carreira literária mais desgraçada que existe” (JESUS, 2021, Vol. 2, p. 49). Este trecho foi retirado do dia 30 de dezembro de 1960 e também foi omitido na edição de 1960. É um relato que demonstra que a vida de escritora não estava sendo como ela pensava: ela queria ter tempo para ler, para escrever seus textos, estar livre de amarras a gêneros textuais, principalmente o diário, o qual ela sabia que poderia lhe trazer problemas. Porém, seu editor, na época, Audálio Dantas, não aceitou publicar nada além do diário.

Havia um outro fator de escravização para Carolina Maria de Jesus na sua vida fora da favela: a dependência financeira, retratada na tabela a seguir, que traz o mesmo trecho de 8 de maio de 1961 publicado nas duas edições, a de 1961 e a de 2021:

TABELA 1 – TRECHO DE 8 DE MAIO DE 1961

1. Publicação de 1961	2. Publicação de 2021 (Vol. 2)
Passei o dia em casa. A Dona A. veio trabalhar. O João foi na Livraria levar um bilhete para o Dr. Lelio. Eu pedia 10.000 cruzeiros para comprar material para concluir a reforma da casa. Queixei-me no bilhete que o reporter reclama que gasto muito. E eu não gosto de ser observada injustamente. É horrível ter <i>sinhô</i> . Mas o dia 13 de maio está chegando... (JESUS, 1961, p. 174)	Passei o dia em casa. A dona Argentina veio trabalhar. O João foi na livraria levar um bilhete para o dr. Lelio, eu pedia 10.000 para comprar material para concluir a reforma da casa. Queixei-lhe no bilhete que o Audálio reclama que gasto muito. E eu não gosto de ser observada injustamente. É horrível ter <i>sinhô</i> . Mas dia 13 de maio está chegando! (JESUS, 2021, Vol. 2, p. 318)

FONTE: A autora (2023)

Ao observar os dois trechos do mesmo dia, é possível perceber que há algumas diferenças lexicais e ortográficas decorrentes do processo de edição que refletem escolhas dos editores em omitir ou revelar aspectos da escrita e da própria narrativa de Carolina. Sobre isso, trataremos adiante. Aqui cabe a reflexão sobre o que Carolina revela com relação ao seu cotidiano: o dinheiro recebido pela publicação de *Quarto de despejo* era enviado para a Livraria que o publicou e depois era repassado a parte a qual a escritora tinha direito. O problema era que não tinha como ela ficar esperando e ela precisava recorrer ao editor ou à livraria constantemente para receber valores

que precisava para se manter no cotidiano ou para fazer qualquer outra coisa, como a reforma da casa de alvenaria, escolhida e comprada por Audálio Dantas. Conforme é possível notar, Carolina não é uma pessoa que se conforma com essa condição, por isso, diz que “13 de maio está chegando” (fazendo referência à data oficial da comemoração da abolição da escravidão), pois, já estava realizando planos para sair daquele núcleo onde percebia que não se enquadrava. Ainda, ao comparar os trechos, percebe-se que houve omissão do nome da empregada de Carolina, mesmo parecendo algo ínfimo, isso é muito significativo: no diário publicado em 2021, Carolina relata que a “Dona Argentina” é uma mulher branca que frequentemente lhe solicitava dinheiro emprestado, de tanta insistência, Carolina ofereceu um valor mensal para que a Dona Argentina realizasse os serviços domésticos porque o tempo de Carolina estava escasso e ela precisava de ajuda com a casa; após o acordo feito, Carolina relatou que a mulher branca tinha vergonha de dizer que trabalhava para uma negra e não queria ter seu nome divulgado no diário: “Eu, nunca pensei que um dia ia ter empregada. E o pior de tudo isto, é que a dona Argentina não quer ser mencionada no Diário como empregada. Tem que ser empregada porque paga a 5.000 por mês. Mas quem lava as roupas sou eu” (JESUS, 2021, VOL. 2, p 310). Dessa forma, a omissão do nome, na época da primeira publicação, é uma forma de não expor a senhora branca na sociedade paulistana de 1960, com seu racismo muito bem estruturado.

A simbologia do dia 13 de maio como dia de libertação (ou de busca pela libertação, conforme Carolina Maria de Jesus trazia em seus escritos) passou a ser negada, principalmente ao correr do centenário da abolição, comemorado em 13 de maio de 1988, como uma forma de ver o passado “pela consciência social da atualidade” (GORENDER, 2016, p.21). Segundo Gorender, o surgimento do Movimento Negro Unificado (MNU) com “a reanimação dos movimentos sociais e políticos de caráter democrático, popular e operário, na segunda metade dos anos 1970”, trouxe diversas instituições e correntes que ideologicamente contribuíram “para o surgimento da consciência social que julgou de maneira negativa o 13 de maio de 1988” (GORENDER, 2016, p. 21-22), grupos esses que, assim como Carolina Maria de Jesus, evidenciaram que a abolição proclamada apenas ganhara outra aparência:

TABELA 2 - TRECHODE 21 DE MAIO DE 1961

1. Publicação de 1961	2. Publicação de 2021 (Vol. 2)
Eu estava confusa naquêlo nucleo. Percebi que a Dona Elite encara o problema da favela com vergonha. É uma mancha para um país. (...) (JESUS, 1961, p. 180-181)	Eu estava confusa naquêlo nucleo. Percibi que a Dona Elite encara o problema da favela com vergonha. É uma mancha para um país. Um país com favela é identico uma época de escravidão. Atualmente é escravidão social. Diferença de classe. Ricos e pobres. O mundo para o pobre está se transformando num elo. Que lhe comprime até dizima-lo. Este elo... chama-se custo de vida! (Grifo nosso) (JESUS, 2021, Vol. 2, p. 339-340)

FONTE: A autora (2023)

O mundo da “Dona Elite” deixava Carolina confusa porque não era o que ela esperava: repleto de desrespeito, racismo, egoísmo, ganância e etc. É importante notar que o comentário de Carolina sobre a atual escravidão social do pobre, preso ao custo de vida, não foi publicado no ano de 1961, provavelmente para evitar uma rejeição pela manifestação de seu ponto de vista crítico com relação ao contexto político, econômico e social.

Enfim, o desenvolvimento econômico do país, o crescimento de uma indústria leve e a formação de uma classe média urbana, assim como de um proletariado industrial iriam provocar rupturas no sistema econômico e social, uma vez que novos elementos desejavam participar do poder e não tinham condições de fazê-lo, face às estruturas montadas. *Casa de Alvenaria* (1961, 2021) denuncia o racismo e o preconceito social na tentativa do negro, em especial, da mulher negra, de se integrar à classe média brasileira.

1.3 A CONSTITUIÇÃO SOCIAL BRASILEIRA E PAULISTA

Não estou tranquila com a ideia de que dêvo escrever o meu Diário da vida atual. Escrever contra a burguesia, eles são poderosos, pode destruir-me. (JESUS, 2021, Vol. 1, p. 144)

Conforme foi mencionado até aqui, na emergência da sociedade de classes brasileira, a abolição não deu conta das consequências de trezentos anos de escravidão. É importante abordar algumas considerações realizadas por Florestan Fernandes sobre a sociedade do século XX e sobre o negro inserido nela. Segundo Fernandes (2021, p. 59), “O destino do escravo se manteve em foco enquanto se ligou

a ele o futuro da lavoura”, assim que a abolição foi promulgada, os senhores proprietários tinham outros interesses e preocupações, como indenizações, auxílios para a crise da lavoura e o embate político para que fosse trazida mão de obra estrangeira (idem). Os principais centros econômicos do Brasil, como Salvador, Rio de Janeiro e Recife foram perdendo sua potência em detrimento da evolução da produção de café e da industrialização. Então, a elite brasileira passou a vislumbrar a cidade de São Paulo, enquanto sinônimo de progresso:

Sobre o pano de fundo da concepção tradicionalista do mundo e da dominação patrimonialista (exercida por reduzido número de famílias "gradas" e "influentes"), São Paulo aparecia como o primeiro centro urbano especificamente burguês. Não só prevalecia entre os homens uma mentalidade marcadamente mercantil, com seus corolários característicos - o afã do lucro e a ambição do poder pela riqueza. Pensava-se que o "trabalho livre", a "iniciativa individual" e o "liberalismo econômico" eram os ingredientes do "progresso", a chave que iria permitir superar o "atraso do país" e propiciar a conquista dos foros de "nação civilizada" pelo Brasil (FERNANDES, 2021, p. 63).

Sob essa ótica, do avante para o progresso, o passado precisaria ser superado, esquecido. Para Fernandes (1972), a inexistência de um “esforço sistemático e consciente” para promover uma transformação social real no que diz respeito à questão racial no Brasil, criou uma falsa noção de que basta “esquecer o passado” ou “deixar que as coisas se resolvam por si mesmas”, o que condenou o negro e o mulato pós abolição a uma “desigualdade racial com tudo que ela representa num mundo histórico construído pelo branco e para o branco” (1972, p. 26).

Fomentando essa desigualdade, havia a ideia da “democracia racial” que há muito tempo foi difundida no Brasil e que, segundo Fernandes (Idem), era resultado de uma “distorção criada no mundo colonial, como contraparte da inclusão de mestiços no núcleo legal das “grandes famílias” – ou seja, como reação a mecanismos efetivos de ascensão social do “mulato”.

Tudo isso se configurou, na realidade, como meios que “asseguravam a ordem social escravagista”, dando também continuidade a ela. Como consequência, surgiu a imagem do “negro de alma branca”, ou seja, “o protótipo do negro leal, devotado ao seu senhor, à sua família e à própria ordem social existente” (FERNANDES, 1972, p. 27), sendo o branco o modelo de tudo o que possa ser considerado bom. Assim, a superioridade e a hegemonia do branco marcaram a ideia da democracia racial existente no Brasil, gerando no negro um comportamento contraditório com relação

ao branco e a ele mesmo. Para Fanon (2008, p. 33), “O negro tem duas dimensões. Uma com seu semelhante e outra com o branco. Um negro comporta-se diferentemente com o branco e com outro negro. Não há dúvida de que esta cissiparidade é uma consequência direta da aventura colonial...”.

Em geral, Fernandes (2021, p. 509) resume cinco “fontes dinâmicas de dificuldades estruturais” que afetaram a transição do negro da “área marginal para o núcleo de sistema de relações de produção capitalista”:

(...) as interferências da estereotipação negativa na definição social do “trabalhador negro” e na limitação de suas oportunidades de trabalho; as inconsistências da socialização prévia do “trabalhador negro”; os efeitos reativos de sua situação social de existência; os efeitos compulsivos do “complexo” e o conformismo (FERNANDES, 2021, P. 509).

A estereotipação negativa produziu uma expectativa com relação a “características desejáveis e indesejáveis” do trabalhador negro, criando uma barreira invisível e universal que dificultava a “transição do trabalho escravo para o trabalho livre”, afetando a questão moral (ao qualificar o negro como preguiçoso, desonesto, alcoólatra, ineficiente, irresponsável, vagabundo) de modo que, para conseguir ter alguma ascensão no trabalho, era preciso uma mentoria do branco. Com isso, aponta-se que:

Assim, o “branco” não visa, propriamente, resguardar-se e proteger-se da competição profissional com o “negro”. Torna-a, apenas, impossível. Em consequência, o caminho fica aberto para manter o “negro em seu lugar”, no caso os “serviços de pretos”, e o próprio “branco” preserva todo um rico arsenal de racionalizações, destinado a dar sentido e a fundamentar suas atitudes ou comportamentos exclusivistas. (FERNANDES, 2021, p.513-514)

Ao induzir a um “lugar de preto”, recaiu-se sobre as “inconsistências da socialização prévia do “trabalhador negro””, mencionado anteriormente, o que, consequentemente, reduziu as oportunidades de trabalho que caberiam ao homem negro e a mulher negra. Certamente, a profissão de “escritora” não estava neste rol social de empregabilidade da pessoa negra. Ao ser abandonado à própria sorte, a concorrência com o branco e também com a mão de obra estrangeira promoveu ainda mais a marginalização do negro, segundo Fernandes (1972, p. 88), o negro “não possui nem o treino técnico, nem a mentalidade, nem a autodisciplina do assalariado”, consequências do que se configurou como “os efeitos reativos de sua situação social de existência”. Por si só, ele “não domina (ou domina precariamente) os meios

disponíveis para corrigir os efeitos e as causas do desajustamento profissional" (FERNANDES, 2021, p. 517), sem auxílio governamental, sem um salário digno que lhe assegurasse um futuro com melhoria nas oportunidades ocupacionais, ficou difícil uma reação e ocorreu a persistência em se manter em um mesmo ramo de trabalho, mesmo que a contragosto ou pelas condições desumanas.

Já os "efeitos compulsivos do "complexo" e o conformismo", mencionados anteriormente, diziam respeito ao temor em ser rejeitado em uma ocupação por causa da cor, o que gerou um conformismo em se contentar com ocupações consideradas inferiores e isolamento a círculos de relações sociais (que poderiam levar a um emprego melhor).

No entanto, como já vimos que, no Brasil, desde o processo de colonização, prevaleceram as necessidades de se manter o comércio, a expansão da industrialização abriu espaço para que as barreiras irracionais impostas socialmente pela cor perdessem força, mas, nem de longe, desapareceriam:

A grande barreira, onde os critérios de peneiramento sofriam interferências irracionais, nascia da cor. O crescimento econômico compeliu muitas empresas, em todas as categorias econômicas, a aplicar com maior rigor técnicas racionais de seleção, de supervisão e de promoção de pessoal. As entrevistas com administradores brancos e com empregados negros ou mulatos, de diversas qualificações, mostraram que essa alteração equivale, para os interesses econômicos e ocupacionais da "população de cor", a uma autêntica revolução. Muitas empresas só admitem à seleção "candidatos brancos"; outras possuem meios para solapar ou neutralizar os resultados favoráveis aos "candidatos de cor". Não obstante, é considerável o avanço que se deu. (FERNANDES, 2021, p. 522).

Embora tenha sido observado um avanço com relação à empregabilidade de pessoas negras nas empresas, tendo em vista o foco no interesse econômico, ainda se esbarrava no racismo historicamente registrado na nossa sociedade. No entanto, essa abertura a atividades antes não ocupadas pelos negros possibilitou a estabilidade para muitas famílias negras:

A ocupação estável não garante só uma posição na sociedade e uma concepção do mundo. Ela desenvolve os pontos de apoio estruturais e dinâmicos que impediam o "negro" de participar, normalmente, da ordem social competitiva. Já pode pensar em educar o filho. No futuro da família. Em ter uma casa. Em ostentar melhor padrão de vida. E por aí afora. Eis toda uma cadeia de conexões e de motivações, que criam e generalizam ideais mais ou menos sólidos de ascensão social. O homem que descobre que "não é escravo do trabalho", mas que pelo trabalho se liberta e se afirma socialmente (FERNANDES 2021, p. 523-524).

Assim, o trabalho passou a ser visto como “libertação” e “afirmação social” não como “escravidão” e “exclusão”. Infelizmente, esta estabilidade não atingiu a grande maioria da população negra, nem tampouco quebrou a herança de miserabilidade a qual muitos ainda se encontravam, mantendo-os à margem da sociedade.

Carolina Maria de Jesus viu na profissão de escritora uma ocupação estável, por meio da qual poderia ter uma vida melhor e, assim, educar seus filhos. Para Florestan Fernandes (2021, p. 524), “poucos chegaram a participar desse estado de espírito”. Carolina chegou em São Paulo em 1937 e encontrou uma cidade predominantemente branca. No entanto, sua resistência, sua ancestralidade, seu conhecimento e amor pela leitura e pela escrita contribuíram para que, mesmo estando em uma sociedade que procurava determinar seu trabalho, sua forma de agir, sua forma de pensar, sua forma de vida, em geral. Porém, ela não aceitou ser subjugada, indo na contramão das estatísticas de sua época.

Ao trazer dados estatísticos do IBGE do recenseamento de 1940³, Fernandes nos apresentou em números e gráficos a disparidade entre negros e brancos. Primeiramente, com relação à quantidade de brancos, pretos, pardos, amarelos e não declarados, tinha-se os seguintes números:

FIGURA 01 – POPULAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO E DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO EM 1940

População do estado de São Paulo e do município de São Paulo em 1940				
População	Estado de São Paulo		Município de São Paulo	
	N ^{os} Brutos	%	N ^{os} Brutos	%
Brancos	7.823.111	85,65	1.929.410	87,78
Pretos	727.789	7,97	169.5645	7,71
Pardos	292.669	3,20	55.342	2,51
Amarelos	14.003	3,03	41.457	1,89
De cor não declarada	276.851	0,15	2.323	0,10
Totais	9.134.423	100,00	2.198.096	100,00

Fontes: Recenseamento Geral do Brasil (1^a de setembro de 1940). Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Série Regional; Parte xvii – São Paulo (tomo i), *Censo Demográfico*, IBGE, Rio de Janeiro, 1950; “A população do município de São Paulo segundo a cor” (Valério Mortara). Em: *Pesquisas sobre os diversos grupos de cor nas populações do estado de São Paulo e do Distrito Federal*, pp. 2035.

FONTE: Fernandes (2021, p. 495)

³ Em 1960, o município de São Paulo teve o total de 3.825.351 habitantes, no entanto, Segundo Fernandes (2021, p. 489), o recenseamento de 1960 “não contém referências às distribuições segundo a cor”, para conseguirem algum número, os pesquisadores lançam mão dos dados de registros de crianças nascidas vivas. Além disso, foram utilizados aqui os dados de 1940 porque incide na época em que Carolina Maria de Jesus chegou em São Paulo e tentou se estabelecer na cidade.

Na imagem, é possível verificar que tanto o estado de São Paulo quanto a cidade de São Paulo eram majoritariamente constituídos por brancos, 85,65% e 87,78% respectivamente. A soma de pretos e pardos chegava a 11% no estado e menos do que isso na cidade, 10,22%. Ao pensarmos sobre a competição injusta entre pretos e brancos já mencionada aqui, percebe-se o quanto era difícil para a população negra conseguir a tão sonhada estabilidade.

Fernandes (2021), também trouxe dados do recenseamento com relação à quantidade de trabalhadores domésticos na cidade de São Paulo em 1940:

FIGURA 02 – DISTRIBUIÇÃO DOS EMPREGADOS DOMÉSTICOS NO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO, SEGUNDO A COR E O SEXO (1940)

Distribuição dos empregados domésticos no município de São Paulo, segundo a cor e o sexo (1940)*

Cor	N ^{os} Brutos	Homens %	Proporção por 100 Habitantes em cada grupo de cor	N ^{os} Brutos	Mulheres	Proporção por 100 Habitantes em cada grupo de cor
Branco	4.011	80,53	0,84	22.010	58,92	4,53
Pretos	552	11,08	2,58	10.501	28,11	35,44
Pardos	327	6,56	2,04	4.633	12,48	23,61
Amarelos	91	1,83	1,56	183	0,49	3,99
Totais	4.981	100,00	0,96	37.357	100,00	6,92

★ Fonte: IBGE (Recenseamento de 1940).

FONTE: Fernandes (2021, p. 494)

Ao analisar os grupos distribuídos na imagem, observou-se que o trabalho doméstico era majoritariamente de negros e pardos (63,67%, no total geral), com predominância do gênero feminino (59,05%). As demais atividades profissionais realizadas pela população negra, foram também mencionadas pelo referido autor: indústrias de transformação e serviços e atividades sociais, em maior porcentagem, após as atividades domésticas; transportes, comunicações e armazenagem, comércio de mercadorias, agricultura, pecuária e silvicultura, profissões liberais, ensino particular, indústrias extrativas, todas em quantias bem pequenas de ocorrência. Na sua análise, Fernandes (2021, p. 495-496) apontou:

Há uma diferença entre viver e pertencer a uma sociedade de classes. Ora, somente os negros e os mulatos que fazem parte da primeira parcela desfrutam, realmente, de modo parcial ou total, de situações de classe (como

pequenos empresários, operários qualificados e semiquualificados etc.). Os demais, localizam-se em posições periféricas ou marginais, que não conduzem nem à profissionalização, nem à proletarização, nem à acumulação capitalista. Para estes, o drama ocupacional possui tons sombrios, pois se erige no limite que separa, efetivamente, o "negro" do "branco".

A sociedade de classes mantida pelo capitalismo era vivida apenas pelos negros que conseguiram se estabelecer em ocupações qualificadas de trabalho, sendo uma pequena maioria. A grande maioria, relegada a subempregos, acabou integrando a margem da sociedade de classes.

Na década de 60, Carolina Maria de Jesus revelou em seus diários que não houve muita mudança com relação aos dados apontados pelo recenseamento de 1940. Embora, em vinte anos, a quantidade de negros habitando a cidade aumentou⁴, a condição do negro na cidade de São Paulo não havia melhorado. Isso foi constatado nos relatos que encontramos tanto em *Quarto de despejo* (1960) quanto em *Casa de Alvenaria* (nas versões de 1961 e na de 2021) sobre a população negra, estes que denunciam as dificuldades passadas por essa população para manter as condições mínimas de dignidade e sobrevivência, como alimentação, saúde e moradia, conforme é possível verificar no trecho a seguir:

TABELA 3 – TRECHO DE 6 DE FEVEREIRO DE 1961

1. Publicação de 1961	2. Publicação de 2021 (Vol. 2)
Sem referência ao trecho.	Encontrei um preto bem vestido com uma fisionomia calma. Brinquei com ele. - Você precisa trabalhar! Ele olhou-me sério. Percibi que ele não apreciou-me. Eu disse-lhe que gosto de brincar com os pretos. Que escrevi o Quarto de Despejo. - Ah! Você é a Carolina? - Olhando-me com simpatia. Disse-me que seus filhos estudaram. São contador. Eu disse-lhe que gosto de ser preta. So que estou descontente com a vida literaria. Mas, comprei uma casa para os filhos. Vou interna-los porque vou viajar. Ele disse-me que o seu nome é Pedro. Contei-lhe que fiquei horrorizada com a preta que suicidou-se desgostosa por ser preta. Toliçe. A cor não regrida as pessoas. Os atos sim. Deus que suavise o seu grande erro. Eu disse-lhe que não aliso os cabelos porque aprecio o que é natural. Despedi do preto

⁴ Segundo Fernandes (2021, p.488), o número da população negra pode ter dobrado com relação a 1940.

	pensando na nossa cor que foi e continua sendo sacrificada. O preto citou a época que o negro não podia ser funcionario publico. Que suplicio para o preto encontrar local para trabalhar. Ninguém preocupava em dar instruções aos negros. Quer é ignorante e inútil. (JESUS, 2021, Vol. 2, p. 131)
--	---

FONTE: A autora (2023)

A tabela acima mostra a conversa entre Carolina Maria de Jesus e um homem negro chamado Pedro que ela encontrou aleatoriamente em um bar, onde parou para comer doces. Essa passagem não foi publicada na versão de 1961. O negro chamou a atenção de Carolina por estar bem-vestido e com semblante calmo. Ele parecia não ter gostado da brincadeira de Carolina que o aconselhou a trabalhar, mas a conversa fluiu quando ele soube que ela era a escritora de *Quarto de despejo*. A conversa girou em torno do ser negro, ele disse que estudou os filhos, que eram contadores, o que demonstrou que os filhos negros conseguiram se alocar na sociedade de classes. Carolina disse que gostava de ser preta mas estava decepcionada com a literatura, e seguiu comentando sobre a mulher negra que cometeu suicídio; apesar de Carolina se dizer horrorizada com este ato, ela sabia que a condição, para muitos negros, era tão dura que muitos pensavam em acabar com a vida e o faziam; a própria Carolina, por várias vezes, em momentos difíceis, pensou nesta opção, mas desistiu pelos filhos. O trecho também apontou a época em que era proibido ao negro ser funcionário público e as dificuldades para encontrar emprego. Carolina apontou então sua conclusão da conversa “Despedi do preto pensando na nossa cor que foi e continua sendo sacrificada” (JESUS, 2021, Vol. 2, p. 131).

Voltando à questão do suicídio, seguem outras passagens em que Carolina menciona ter passado pela vontade de tirar a vida:

Foi em 1937 que o meu pensamento literario manisféstou-se. Eu xinguei. Queria suicidar-se. Depôis... fui habituando-me. Hoje... está auxiliando-me, porque resolveu o meu problema... de fome (JESUS, 2021, Vol. 2, p.43).

Ela falava que eu prejudiquei-lhe. Eu disse-lhe que tem hora que eu tenho vontade de suicidar. Porque a condição do negro no mundo é hedionda. Tem que viver submetido aos caprichos dos brancos que querem prevalecer (JESUS, 2021, Vol. 2, p.151).

- Onde a senhora trabalha?

Responde-me com uma voz fraca voz de quem come só uma vez por dia. As palavras saem picadas agonisantes prestes a extinguir-se.

- Eu... sou... fun... ci... o... na... ria, pu... bli... ca.

Mas o senhor Carvalho Pinto não anda nas ruas a pé para ver os seus funcionarios indigentes. Eu fico revoltada ouvindo o povo falar de suicidio. Até eu estou ficando contagiada qualquer aborrecimento eu digo:
- Ah! Eu vou suicidar (JESUS, 2021, Vol. 2, p.153).

Quando cheguei em casa pensei: vou descansar. Entrei e plantei uma muda de flôr que a dona Juana deu-me. A dama da nôite. O João abriu a porta para mim. Fui tomar banho. Sai do banho com dor de cabeça. Pensei: que turtura sofre o côrpo humano.

Sente fome, sente frio, sente dor, sente saudades, sente inquietação interior. Sente sede, tem ambição, esta sombra negra que deturpa o homem. O homem é falso. É mesquinho. E eu fiquei com vontade de morrer.

Mas a morte não vem quando desêjamos. Mas um dia ela ha de vir... (JESUS, 2021, Vol. 2, p. 373).

Eram tantas as dificuldades a serem superadas, inclusive seguir em frente quando a vontade era desistir até da vida, mas Carolina sempre seguiu até quando a morte viesse por conta própria. Mas estava claro para ela a condição do negro: “hedionda”. Quando havia alguma ascensão social, o negro passava a conhecer melhor questões envolvendo o preconceito racial, questões essas que tentavam ser camufladas em nome de uma “Paz social”:

O que caracteriza, fortemente, a reação do "branco" às manifestações do "preconceito de cor" não é o desejo de reconhecê-lo como problema social e de extirpá-lo. Mas, ao contrário, o empenho de "salvar as aparências", agora combinado ao temor de que a exacerbação do "preconceito de cor" acarrete novas ameaças à paz social. Enquanto a concepção tradicionalista do mundo se mantinha com equilíbrio, era fácil conjurar esses riscos descarregando nas costas do "negro" os ônus pelo equilíbrio do sistema de relações raciais. Assim, recorria-se a um expediente consagrado pela prática. Onde o "preconceito de cor" se manifestasse de forma típica, exigindo reajustamento da situação, esta se processava à custa do próprio "negro" (FERNANDES, 2021, p.815).

Um exemplo da questão de camuflar o preconceito foi dado por Carolina Maria de Jesus e se refere ao trabalho artístico. O trecho a seguir, datado de 17 de abril de 1961, fala do encontro de Carolina com artistas quando ela foi até o Canal 5 para a gravação de um programa de televisão:

TABELA 4 – TRECHO DE 17 DE ABRIL DE 1961

1. Publicação de 1961	2. Publicação de 2021 (Vol. 2)
Encontramos os artistas que vão tomar parte na peça "Quarto de Despejo". Estava presente a Ruth de Souza, Celia Biar e outros. No programa de televisão foi citado que a peça vai estreiar no dia 27 de abril. (JESUS, 1961, p. 167)	Encontramos os artistas que vão tomar parte na peça Quarto de Despejo. Estava presente a Celia Biar, Rute de Sousa e outros. A Rute reclamou que tomou parte no filme Brumas secas e o seu nome não aparece no programa. A Rute queixa que encontra segregação racial no nucleo theatral. Ela não está mentindo. Quando eu era jovem tentei incluir-me nomeio artistico, fui vedada. Eu queria cantar. Depois fiquei observando qual o nucleo que devia entrar. Lixeiros, mendigos. Para ser mendiga precisa ter defeitos fisicos. E eu sou forte, graças a Deus. Não posso trabalhar como domestica. Porque as ideias literarias impede-me nos afazeres. Fico confusa. O unico nucleo que adaptei foi entre os jornalistas. Entre eles não ha dicacidade. Conteí ao Audálio que fui empregada do dr. Pedro Monteliani. Não continuei porque o dr. tinha um cachorro que não gostava de negro. O programa de televisão foi citando as impressões da peça, que vae estreiar dia 27 de Abril. (Grifo nosso) (JESUS, 2021, Vol. 2, p. 288-289)

FONTE: A autora (2023)

Percebe-se que o trecho que fala do racismo no meio artístico não foi publicado em 1961, uma possível atitude do editor para manter a “paz social” apontada por Florestan Fernandes. Carolina Maria de Jesus, além de confirmar que havia preconceito na área artística, revelou que havia socialmente o trabalho destinado ao negro: “lixeiros, mendigos” e o trabalho doméstico, pelo qual ela já tinha passado. Ela defendeu a área do jornalismo, por estar, mesmo que temporariamente, sendo aceita por eles.

Essa aceitação com relação a Carolina Maria de Jesus e à fama nacional e internacional da publicação de *Quarto de despejo*, em 1960, teve seus precursores histórico-sociais fomentados por movimentos sociais negros. Falando sobre esses movimentos, sob a ótica de um quadro histórico geral, Florestan Fernandes apontou seus aspectos negativos e positivos:

Pela própria natureza das coisas, essa "revolução dentro da ordem" e para a "pureza e a normalidade da ordem" estava destinada ao malogro. Mesmo se contentando em ficar dentro dos limites da ordem social estabelecida, pretendendo apenas expurgá-la de elementos ou de influências condenáveis à luz dos *mores* em vigor, o "negro" jamais poderia ter êxito sem a

compreensão, a cooperação e a solidariedade do "branco". Por isso, os movimentos vão eclodir e desaparecer ou se diluir em certas instituições antes de alcançarem seus fins últimos e de preencherem as funções históricos-sociais revolucionárias, a que se consagravam. Ainda assim, impõe-se cuidar deles com toda a atenção possível. De um lado, porque representam os únicos mecanismos de reação societária consistente aos dilemas sociais criados pela situação de contato racial, imperante na cidade de São Paulo. De outro, porque eles constituem uma impressionante façanha histórica, na luta pela modernização da sociedade brasileira no presente (2021, p. 379).

Para Fernandes, por procurarem ficar dentro da “ordem social” estabelecida, os movimentos sociais estavam fadados ao seu fim, no entanto, eles eram os “únicos mecanismos de reação societária” e um importante constituinte na “modernização da sociedade brasileira”. Datados com início a partir da segunda década do século XX, logo ao final da I Grande Guerra, efetivam a participação do negro e do mulato na história da modernização da cidade, propondo uma “revolução dentro da ordem”, conforme Fernandes:

Empenhavam-se, portanto, em abolir distinções sociais que se convertiam, automaticamente, em privilégios raciais e em alcançar, a curto prazo, igualdade econômica, social e política perante os "brancos". O teor revolucionário dessas inquietações e movimentos sociais se objetiva na disposição de se opor contra a persistência indefinida do *antigo regime* no plano das relações raciais. Admitia-se e aceitava-se a ideologia econômica, jurídica e política dos círculos dirigentes da "raça dominante". Pretendia-se que ela fosse aplicada com equanimidade e de modo íntegro, de maneira a se proscrever tanto a deformação quanto às inconsistências da ordem social competitiva (2021, p. 380-381).

Assim, os movimentos sociais negros buscavam uma forma de se tornarem “elementos ativos na sociedade de Classes” (FERNANDES, 2021, p. 381), como sujeitos integrantes combativos às questões raciais historicamente herdadas e presentes na sociedade de classes. Fernandes listou inúmeros movimentos, os quais apresenta-se aqui:

No período de 1927 a 1945 surgiram várias associações, beneficentes, culturais ou recreativas, e muitas delas fomentaram campanhas ou realizações com objetivos práticos. Em nosso levantamento, registramos a Associação José do Patrocínio, a Associação dos Negros Brasileiros, o Centro Cívico Beneficente Senhoras Mães Pretas, o Centro Cívico Palmares, o Clube Negro de Cultura Social, a Federação dos Homens de Cor, a Frente Negra Brasileira, a Frente Negra Socialista, o Grêmio Recreativo e Cultural, o Grêmio Recreativo Kosmos, a Legião Negra Brasileira, o Movimento Afro-Brasileiro de Educação e Cultura, Organização de Cultura e Beneficência Jabaquara, a Sociedade Beneficente 13 de Maio e a União Negra Brasileira. Essa lista, que não é completa, deveria compreender, ainda, a veneranda Irmandade de N. S. do Rosário dos Homens Pretos; e algumas iniciativas

posteriores, como a Associação Cultural do Negro, a Bandeira Cultural Negra Brasileira e a Casa da Cultura Afro-Brasileira (2021, p. 414-415).

Em meio a tantos movimentos de ações afirmativas de valorização do negro e de sua cultura, de cobrança igualitária de direitos, entre a década de 30 e 40 surgiu um movimento literário e político denominado Negritude, iniciado em Paris, acabou mobilizando negros em inúmeros países. Apesar de assumir várias significações mundialmente, o termo “negritude” pode ser utilizado para se referir “ao fato de pertencer à raça negra; à própria raça enquanto coletividade; à consciência e à reivindicação do homem civilizado; à característica de um estilo artístico ou literário; ao conjunto de valores da civilização africana”, segundo Bernd (1988, p. 14-15).

Na literatura, o movimento de Negritude promoveu a quebra de barreiras entre o negro também marginalizado ao ser literariamente incorporado, tomado como objeto, como o “outro”, passando a ser sujeito integrante da sociedade da qual sempre esteve inserido, mas não tinha sido realmente integrado a ela. Essa Literatura passou a ser denominada de Literatura Negro-Brasileira ou Literatura Afro-brasileira. A ideia principal não era segregar o discurso literário, mas incorporar uma visão de respeito, de humanidade, de empoderamento ao negro, de valorização da sua experiência e de seu sentimento. Enfim, no movimento literário negro, houve a busca de um discurso que represente o negro ou que seja dele. Ao buscar sua própria identidade, o negro procurou representatividade enquanto um sujeito cidadão tal qual como os demais cidadãos não negros (SILVA, 2019, p.49).

Um exemplo de Literatura Negra é o poema “Filhos na rua”, de Conceição Evaristo (2008):

Filhos na rua
 O banzo renasce em mim.
 Do negror de meus oceanos
 a dor submerge revisitada
 esfolando-me a pele
 que se alevanta em sóis
 e luas marcantes de um
 tempo que aqui está.

O banzo renasce em mim
 e a mulher da aldeia
 pede e clama na chama negra
 que lhe queima entre as pernas
 o desejo de retomar
 de recolher para
 o seu útero-terra

as sementes
que o vento espalhou
pelas ruas...

Em uma das possíveis interpretações⁵, o tema remete à diáspora negra, ao sofrimento causado pela saída forçada da terra natal motivada pela escravidão, mais especificadamente, ao sofrimento da mulher que foi “espalhada pelo vento” pela escravização. A autoria é de Conceição Evaristo, uma mulher negra, de origem humilde, escritora, participante do movimento negro, hoje reconhecida nacional e internacionalmente, com o título de Doutora em Literatura Comparada, que sofreu para conseguir conciliar os estudos com o trabalho de doméstica. Em 2023, ela também recebeu o título de Doutora *Honoris Causa* pela Universidade Federal do Paraná. O ponto de vista no poema é marcado por um eu lírico que se reconhece como negro (“o banzo renasce em mim” / “do negror de meus oceanos” / “esfolando-me a pele”). A linguagem apresentada por Evaristo constitui uma discursividade própria do negro ao se utilizar de vocábulos e expressões como “banzo” (do quimbundo *mbanza* - “aldeia”): refere-se ao sentimento de melancolia em relação à terra natal, depressão; “negror”: qualidade do que é negro, “oceano” caminho por onde eram trazidos os escravizados; “mulher da aldeia”: a aldeia simboliza a constituição social na terra natal; “útero-terra”: África, terra natal. O público leitor é algo externo ao poema, é representado pelas pessoas, especialmente as mulheres negras, que se reconhecem nos textos da escritora Conceição Evaristo.

Um outro exemplo de enunciação de Literatura Negra é o poema “Os Feijões”, de Carolina Maria de Jesus, publicado em 2019 no livro *Cliris*:

Os Feijões

Será que entre os feijões
Existem o preconceito
Será que o feijão branco,
Não gosta do feijão preto?
Será que o feijão preto é revoltado?
Com seu predomador
Precebe que é subjugado
O feijão branco será um ditador.

Será que existem rivalidades?
Cada um no seu lugar
O feijão branco é da alta sociedade.
Na sua casa o feijão preto não pode entrar
Será que existem desigualdades

⁵ Essa interpretação foi realizada por mim na dissertação de mestrado e reutilizar aqui para exemplificar melhor a questão da Literatura Negra, está disponível na p. 49, no link: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/60738>> Acesso em 20 de outubro de 2023.

Que deixa o feijão preto lamentar
Nas grandes universidades

O feijão preto não pode ingressar
Será que existem as seleções
Prêto pra cá e branco pra lá
E nas grandes reuniões
O feijão prêto é vedado a entrar?
Crêio que no núcleo dos feijões
Não existem as segregações.
(JESUS, 2019, p. 25)

Neste poema, Carolina utiliza-se de linguagem metaforizada em que relaciona a diferenciação racial por meio das cores dos feijões. Ao falar das diferenças entre os “feijões”, vai-se traçando uma crítica sobre a desigualdade entre negros e brancos, sobre a exclusão do negro das “grandes universidades”, embora constata-se que todos pertençam à mesma espécie, “Crêio que no núcleo dos feijões/ Não existem as segregações” (feijões = humanos). É possível inferir sobre o verbo “crer” enquanto “acreditar”, ou seja, uma afirmação, quanto “esperar”, sendo algo ainda incerto, mas possível de ocorrer.

Em *Casa de Alvenaria*, a percepção com relação ao “preconceito de cor” foi ficando mais forte para Carolina Maria de Jesus na medida em que ela ia adentrando no mundo dos brancos. Quem se mesclava em outro núcleo, como dizia Carolina, tinha que cuidar: “Um dia o Miller disse para o Audálio que não devia me dar muito dinheiro porque ela é favelada, está habituada a viver de qualquer jeito. E o Miller supôs que eu não notei esquecendo eles que quando estou no meio deste povo os meus ouvidos ficam de prontidão (JESUS, 2021, Vol. 2, p. 490 491).

Assim, em 1963, três anos após ter ficado famosa com a publicação de *Quarto de Despejo*, na época, já traduzido em 12 idiomas, Carolina Maria de Jesus volta a ter preocupação com a fome que rondou novamente sua família:

Quando eu era inciente eu tinha a impressão que deveria andar atrás da felicidade. Mas ela ha de vir. Porque, Deus me protege muito - já faz dias que não compro carne por não ter dinheiro. Escrevi o Quarto de Despejo, para ter dinheiro e não tenho dinheiro, porque o senhor Dantas deu ordem aos editores internacionais para não me dar dinheiro.
Porque é que eles não fazem assim com as escritoras brancas?
É porisso que eu estou ficando rascista. É duro para o negro, viver no mundo dos brancos (JESUS, 2021, Vol. 2, p. 491).

Após conviver três anos na casa de alvenaria, entre pessoas de várias classes sociais, Carolina passou a enxergar as coisas de uma forma diferente, dizia que deixou de ser “inciente”, ou seja, passou a ter o conhecimento de mundo necessário

para analisar sua vida de forma diferente. Começou a questionar a interferência dos editores nas negociações, tanto com relação às publicações quanto sobre as questões pessoais, e sentia que sua vida como escritora era dificultada também por questão racial, percebendo a diferença de tratamento dado a ela em detrimento das demais escritoras brancas. Ao dizer que estava ficando “rascista”, ela denotou que percebia claramente a divisão que havia na sociedade paulistana e brasileira com relação ao branco e o negro, já que o mundo em que vivia era dos brancos.

1.4 A MULHER NEGRA NA SOCIEDADE

*Eu disse: o meu sonho é escrever!
Responde o branco: ela é louca.
O que as negras devem fazer...
É ir pro tanque lavar roupa.*

(Carolina Maria de Jesus – Antologia Pessoal (1996).

Conforme analisado anteriormente, todo esse processo histórico, social e econômico desfavorecendo o sujeito negro por séculos resultou em uma dificuldade de aceitação do sujeito negro em determinadas funções que não eram as que se esperava dele (a “estereotipação negativa”, abordada por Fernandes (2021, p. 509)). No caso da mulher, além da questão racial, havia a questão do gênero. Era difícil para aquela sociedade aceitar uma mulher negra como escritora, tendo em vista que a posição social determinada a esta mulher estava ligada ao trabalho doméstico com precárias condições. Isso não era apenas uma questão nacional. Ao analisar a sociedade americana, Davis (2004, p. 96) apontou:

Sin embargo, la equiparación ocupacional de las mujeres negras con el servicio doméstico no era un simple vestigio de la esclavitud destinado a desaparecer con el paso del tiempo. Durante casi un siglo, un número significativo de ex esclavas fue incapaz de escapar del trabajo doméstico (...). Más de las dos terceras partes de las mujeres negras de su ciudad estaban obligadas a arrendar sus servicios como cocineras, niñeras, lavanderas, camareiras, domésticas, vendedoras ambulantes o porteras, y estaban atrapadas em condiciones que eran “exatamente igual de duras, cuando no peores, que las que soportaban bajo la esclavitud”⁶.

⁶ No entanto, a equiparação ocupacional de mulheres negras com serviço doméstico não era um simples vestígio de escravidão destinada a desaparecer com o passar do tempo. Por quase um século, um número significativo de ex-escravas não conseguiu escapar do trabalho doméstico (...). Mais de dois terços das mulheres negras em sua cidade foram obrigadas a arrendar seus serviços como cozinheiras, babás, lavadeiras, garçonetes, empregadas, vendedoras ambulantes ou carregadoras, e ficaram presas em condições que eram “tão difíceis quanto quando não pior do que aqueles que sofreram sob a escravidão” (tradução nossa).

Além das péssimas condições de trabalho, a sexualização da mulher doméstica, tomada como objeto de desejo sexual do patrão, promoveu a ideia da atividade doméstica como atividade imoral:

Desde la implantación del régimen esclavista, la condición de vulnerabilidad de la trabajadora doméstica no ha dejado de alimentar muchos de los sempiternos mitos acerca de la "inmoralidad" de las mujeres negras. En este clásico escenario de "entre la espada y la pared", el trabajo doméstico se considera degradante porque ha sido realizado en una proporción desmesurada por mujeres negras, quienes a su vez son percibidas como "ineptas" y "promiscuas". Pero la ineptitud y la promiscuidad que se les atribuye son mitos que se ven repetidamente confirmados por el trabajo degradante que están obligadas a realizar. Como observó W.E.B. Dubois, cualquier hombre blanco "decente" le cortaría el cuello a su hija antes que permitirle aceptar un empleo en el servicio doméstico⁷.

A atribuição do serviço doméstico como algo "indecente" e a relação dele com as mulheres e, em questão, mulheres negras, formavam uma intersecção entre trabalho, raça e gênero que antecedeu o conceito de "Interseccionalidade", cunhado em 1989, na tese de doutorado de Kimberlé Crenshaw, citado por Djamila Ribeiro (2018, n.p):

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras.

O tratamento desigual e discriminatório estava ligado não somente ao fato de ser mulher ou ao fato de ser negra, mas a fatores intrinsecamente ligados. Segundo Djamila Ribeiro (2018, n.p.):

Pensar a interseccionalidade é perceber que não pode haver primazia de uma opressão sobre as outras e que é preciso romper com a estrutura. É pensar que raça, classe e gênero não podem ser categorias pensadas de forma isolada, porque são indissociáveis.

⁷ Desde a implantação do regime escravo, a condição de vulnerabilidade da trabalhadora doméstica não parou de alimentar muitos dos mitos eternos sobre a "imoralidade" das mulheres negras. Nesse cenário clássico de "entre a espada e a parede", o trabalho doméstico é considerado degradante porque foi realizado em proporção excessiva por mulheres negras, que por sua vez são vistas como "ineptas" e "promíscuas". Mas a ineptidão e a promiscuidade atribuídas a elas são mitos que são repetidamente confirmados pelo trabalho degradante a que são obrigadas a realizar. Como W.E.B. Dubois, qualquer homem branco "decente" cortaria o pescoço da filha antes de permitir que ele aceitasse um emprego no serviço doméstico.

Assim, ao falar das condições de Carolina Maria de Jesus, é necessário levar em conta fatores intrínsecos como: mulher, negra, pobre, mãe solo. Ela enfrentou o trabalho rural e doméstico que lhe coube, tendo ainda que rebaixar seu “status” com a função de catadora de papel, considerado um rebaixamento, por estar em constante contato com o lixo. Ao querer ser vista como escritora, sua condição social foi um dos inúmeros entraves impostos a ela. Sendo assim, era evidente que qualquer editor da década de 60 faria seleção criteriosa do texto a ser publicado de modo a não “encalhar” o livro nas prateleiras das livrarias, a pensar nos julgamentos realizados na época da publicação por quem o compraria.

Além disso, ao escrever seu diário, até mesmo Carolina Maria de Jesus já direcionava seu discurso, pois, conscientemente, tinha um objetivo com ele: deixar a favela e comprar sua tão sonhada casa de alvenaria. Os favelados também não eram seu público alvo de leitores. Seu texto era destinado para quem estava longe daquele ambiente.

Assim, Carolina Maria de Jesus representou uma voz feminina negra que ecoou após a abolição: o negro ficou à própria sorte dentro de um contexto histórico, cultural e econômico que o excluía, pois, toda a justificativa que a sociedade escravocrata utilizou durante anos para colocá-lo em uma posição inferior ao branco, não iria naturalmente, nem facilmente, desaparecer das práticas sociais. Agora então era que o processo de abolição se iniciara e o negro teria uma batalha árdua para enfrentar que continua até os dias atuais.

No diário “Quarto de despejo”, Carolina afirmou: “*E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravidão atual – a fome!*” (JESUS, 1963, p.27). No mesmo diário, a escritora desabafou, ao mesmo tempo que fez uma denúncia sobre a condição social do negro de sua época:

A vida é igual um livro. Só depois de ter lido é que sabemos o que encerra. E nós quando estamos no fim da vida é que sabemos como a nossa vida decorreu. A minha, até aqui, tem sido preta. Preta é a minha pele. Preto é o lugar onde eu moro (JESUS, 1963, p. 147).

Neste trecho, Carolina se utilizou da cor “preta” não apenas para se referir a sua pele, mas para caracterizar negativamente a sua vida e o lugar onde morava, sendo “preta” sinônimo de algo ruim, sem esperança, difícil, em condições indignas. Essa condição do negro, vivida por Carolina, era algo considerada como invisível na sociedade brasileira, até a escritora relatar claramente, no seu primeiro diário, por

meio de uma linguagem simples, objetiva, mas cuja descrição dos fatos permitiam ao leitor a construção de imagens que lhe favoreciam a visualização do que é narrado, o que trouxe um desconforto temporário na elite brasileira, o que foi rapidamente abafado ao perceber a rapidez com que a fama da escritora se passara.

Além disso, com relação à Carolina Maria de Jesus, a estereotipação negativa foi um grande obstáculo, gerado pelas questões racial (ser negra), de gênero (ser mulher) e socioeconômica (ser ex-favelada), que afetou tanto a recepção de sua obra literária quanto a aceitação de que uma mulher negra pudesse ser tida como escritora ou “poetiza”, como ela dizia de si mesma. Para Fernandes (2001, p. 509):

Não há dúvida de que a estereotipação negativa interfere em dois pontos centrais: 1º - ela dá o contorno da definição social do “negro” e, portanto, traça as características desejáveis ou indesejáveis do “trabalhador preto”; 2º - ela regula a maneira pela qual o “branco” põe em prática um código de avaliações e de reconhecimento de valor amplamente desfavorável ao “negro” e, por conseguinte, às suas aspirações ocupacionais.

O “contorno” social de Carolina já havia sido traçado (“O que as negras devem fazer.../É ir pro tanque lavar roupa.”), no entanto, ela buscou durante toda a sua vida quebrar as barreiras e os limites impostos por sua cor, por seu gênero e por sua condição social. A partir do momento que ela aprendeu a ler e escrever, buscou trilhar outros caminhos, distintos da maioria da população negra, e passou a procurar seu lugar.

1.5 CAROLINA MARIA DE JESUS: DA FAVELA PARA A CASA DE ALVENARIA

Eu ganho dinheiro com livros, tem pessoas no Brasil que tem pavor de ler, eu dei exemplo (JESUS, 2021, Vol. 1, p. 138)

Carolina Maria de Jesus publicou seu primeiro livro, *Casa de Alvenaria*, em 19 de agosto de 1960 e dizia que, com isso, pretendia sair da favela e dar uma vida melhor aos filhos. A tão sonhada saída da favela ocorreu em 30 de agosto de 1960, 11 dias após a publicação do seu livro, mas a mudança ainda não seria para a casa de alvenaria, que ocorreu somente em 24 de dezembro de 1961. O senhor Antônio Soeiro Cabral emprestou-lhe um quarto na cidade de Osasco para ela ficar até conseguir juntar o dinheiro para a aquisição da casa. A convivência de Carolina na favela já estava sendo motivo de preocupação devido ao fato de os moradores da

favela pensarem que ela estava ficando famosa e, principalmente, que ela estava ganhando dinheiro a custas deles. A mudança foi conturbada e foi relatada por Carolina Maria de Jesus no seu diário *Casa de Alvenaria*, tanto na edição de 1961 quanto no Volume 1 da edição de 2021. Havia repórteres cobrindo a mudança, um evento para sensacionalismo. Carolina foi hostilizada por moradores, o caminhão de mudança foi apedrejado por eles, as pedras acertaram os filhos. Audálio Dantas também estava junto, tentando estabelecer a diplomacia, na esperança de uma despedida pacífica entre Carolina e a favela, mas não foi bem assim:

TABELA 5 – TRECHO DE 30 DE AGOSTO DE 1960 - MUDANÇA DA FAVELA I⁸

1. Publicação de 1961	2. Publicação de 2021 (Vol. 1)
A Leila agitou-se, pegou pedra e atirou dentro do caminhão. Eu olhava as pedras e a direção com receio de atingir os olhos da Vera e do José Carlos, que já estava ferido com as pedradas. Que confusão! Eu não sei de onde surgiu tantas pessoas para presenciar a minha partida. A Chica e a Nair xingavam-me e diziam: - Você vai embora para não apanhar! Eu disse-lhe: - Estou aqui há 12 anos e você nunca espancou-me. Pode espancar. Eu vou residir em Osasco. O meu endereço é Rua Antonio Agu 833. O Audálio e os outros jornalistas estavam no meio dos favelados. Eu temia uma agressão. Despedi só da D. Alice e da D. Eunice. O Audálio queria que eu despedisse dos favelados pegando-lhes nas mãos, gesto que eu reprovei. (JESUS, 1961, p. 146)	A Leila que envelhece mas é sempre infantil agitou-se, pegou uma pedra e atirou dentro do caminhão. Eu olhava as pedras e a direção com receio de atingir os olhos da Vera e do José Carlos que já estava firido com as pedradas. Que confusão. Eu não sei de onde surgiu tantas pessoas para presenciar a minha partida. O Chico Kiss e a Nair Mathias xingava-me e diziam: - Você vae embora para não apanhar! Que nojo que eu tenho da Nair ela, foi criada na favela, e não aprendeu nada, podia aprender o corte e custura, podia trabalhar em casa, para auxiliar o seu ilustre espôso que é muito bom. Eu disse-lhe: - Estou aqui ha doze anos, e vocês nunca expancou-me, podem expancar, eu vou ressidir em Osasco, o meu endereço é rua Antonio Agui 833, pergunta ao senhor Antonio Soeiro Cabral onde é a minha ressidencia, ele indica. O Audalio e os jornalistas estavam no méio dos favelados. Eu temia uma agressão, despedi so da Dona Aliçe de Barros e Dona Eunice, as duas visinhas amáveis. Eu estava no centro. O Audalio queria que despedisse dos favelados pegando lhes nas mãos, gesto que eu reprovei, porque a mão do favelado não tem poesia, não tem ternura, não sabe acariciar. Mãos que não pratica um gesto caritativo, maos que desconhecem suas utilidades, porque a mão quando é bem orientada constroe altares de gloria. Maos que suplantam as machinas. (Grifo nosso) (JESUS, 2021, Vol. 1,P. 29)

FONTE: A autora (2023)

⁸ O trecho reproduzido nesta tabela aparecerá em outra tabela do Capítulo 3, item 4 desta tese, para fins de análise de outros aspectos que não serão abordados aqui.

A comparação entre as publicações revela que há mais riqueza de detalhes na publicação de 2021, como a infantilização da Leila, o sentimento negativo com relação à moradora Nair, as vizinhas amáveis de quem Carolina sentirá saudades e o motivo do desdém com relação a não cumprimentar os favelados na saída. Os sentimentos se misturam nesta confusão e uma saída pacífica da favela, em meio às câmeras de reportagem, foi difícil. Foram muitos problemas, confusões, desrespeitos passados entre Carolina e outros moradores. Embora soubesse que sentiria falta de algumas pessoas que a ajudaram quando precisou, ela compreendia que, daquele “núcleo”, como dizia, era difícil de esperar ações positivas e colaborativas, já que a maioria estava imersa nas suas angústias cotidianas, como violência, fome, falta de condições dignas, falta de auxílio, desânimo diante da vida e falta de vontade de lutar para sair daquele ambiente.

O motorista do caminhão não estava entendendo nada e questionou se aquilo se tratava de um “despejo”, alguém sendo despejado do “quarto de despejo” da cidade de São Paulo, Carolina achou engraçado.

TABELA 6 – TRECHO DE 30 DE AGOSTO DE 1960 - MUDANÇA DA FAVELA II

1. Publicação de 1961	2. Publicação de 2021 (Vol. 1)
O motorista, senhor Milton Bitencourt parou no seu ponto e disse para os seus colegas que ia aparecer na televisão. Um jornalista desceu para telefonar. Um senhor que nos olhava perguntou: - Isso é despejo? - Não. Não é despejo, eu estou saindo do quarto de despejo. Sorri achando graça na coincidência. Eu não estava triste. O jornalista que foi telefonar voltou, entrou no caminhão e zarpamos. (JESUS, 1961, p. 47)	O motorista senhor Milton Bitencourt parou no seu ponto e disse para os seus colegas que ia aparecer na televisão no canal 4. Um jornalista desceu para telefonar, um senhor que nos olhava perguntou: - Isto é despêjo? - Não, não é despejo, eu estou saindo do quarto de despêjo. Sorri, achando graça na coincidência. Eu não estava triste, porque simpatisei com o senhor Antonio Soeiro Cabral. E tinha confiança naquele homem que havia visto pela primeira vez e percibi que ele é bom, que podia confiar-lhe. O jornalista que foi telefonar voltou entrou no caminhão e zarpamos. (Grifo nosso) (JESUS, 2021, Vol. 1, p. 30)

FONTE: A autora (2023)

Neste trecho, pode-se notar que foram poucos cortes entre a edição de 1961 e a de 2021. No entanto, o trecho omitido revelou ao leitor um ponto até então não observado: Carolina Maria de Jesus estava se mudando da favela para um lugar que não era o seu espaço, era um lugar emprestado, em Osasco, longe do centro de São

Paulo, que pertencia ao Senhor Antônio Soeiro de Cabral, pessoa que ela mal conhecia, em quem teve que confiar, já que saiu com seus três filhos e os poucos pertences e teria que conviver no quintal da casa dele. Realmente, parecia a uma situação de despejo para quem não conhecia a realidade da favela. Apesar de tudo isso, Carolina não estava triste, tamanha era a vontade dela de sair daquele local, fato que Audálio ia ignorando por questão de marketing do livro ou mesmo por não ter entendido essa necessidade de Carolina.

Carolina Maria de Jesus saiu do “quarto de despejo” com expectativa de encontrar seu local de paz, onde pudesse ler e escrever, onde seus filhos poderiam ter tranquilidade para crescerem em um ambiente bom. Já nos primeiros três meses de saída, Carolina foi percebendo que a vida fora da favela também tinha seus problemas:

TABELA 7 – TRECHO DE 17 DE SETEMBRO/OUTUBRO⁹ DE 1960

1. Publicação de 1961	2. Publicação de 2021 (Vol. 1)
Não tenho tempo para escrever o meu <i>diário</i> devido os convites que venho recebendo de varias cidades do interior para autografar livros. Convite que atendo com todo o prazer, porque vou conhecer algumas cidades do Brasil. Eu estou cansada. Não tenho tempo para ler. O reporter disse-me que este entusiasmo do povo passa. Fui autografar livros em Mogi das Cruzes (...) O senhor Antonio Soeiro Cabral não reclama a nossa permanencia na sua casa. (Grifo nosso) (JESUS, 1961, p. 58-59)	Não tenho tempo para escrever o meu Diário devido os convites que venho recebendo de varias cidades do interior para autografar livros. Convites que atendo com todo prazer porque vou conhecer algumas cidades do Brasil. Eu estou cansada. Não tenho tempo para ler. O Audálio disse-me que este entusiasmo do povo passa. Eu pretendia ficar na favela, mas as mulheres feras que ressidem la maltratavam o meu filho Jose Carlos na minha ausência. Fui autografar livros em Mogi das Cruzes. O Audalio acompanhou-me, quando voltamos eu não encontrei condução, paguei um taxi para conduzir-me a Osasco. 300,00. Tive que ressignar. E eu que quero fazer economia para comprar uma casa. Eu vinha dormindo dentro do automovel. Quando Chegamos em Osasco o motorista despertou-me. Desci do auto e paguei o taxi, os filhos estavam dormindo. Que suplicio para desperta-los. O senhor Antonio Soeiro Cabral não reclama a nossa permanencia na sua casa. (Grifo nosso) (JESUS, 2021, Vol. 1, p. 52)

FONTE: A autora (2023)

⁹ Na edição de 1961 consta 17 de setembro, na edição de 2021, consta 17 de outubro, não é possível identificar qual seria o dia em específico porque a narrativa é extensa e pode ter abordado vários dias sem a devida demarcação por Carolina.

Na comparação dos trechos de 17 de setembro de 1960, é possível verificar o uso de reticências dentro dos parênteses para avisar que houve corte, no entanto, pode-se perceber também que houve corte sem o aviso ao leitor, como no trecho que fala dos maus tratos que os filhos de Carolina recebiam na favela por parte de outros moradores. Outro ponto observado foi a troca do nome do editor: na edição de 1960, encontra o termo “reporter”, enquanto que na edição de 2021 foi utilizado o nome dele, “Audálio”; isso ocorreu muitas vezes na edição de 1961, como estratégia para afastar a personalidade do editor, evitando até mesmo que ele sofresse críticas, mas isso era difícil, tendo em vista que ele fazia parte do contexto narrado. Carolina também reclamou que estava muito cansada, não tinha tempo para escrever e ainda tinha que deixar os filhos em casa ao viajar (muitas vezes, ela levava apenas a filha mais nova, Vera Eunice). Este trecho revelou também como era difícil para Carolina se deslocar para Osasco, pela distância e também devido ao horário do retorno das viagens não ter mais transporte coletivo disponível. Chamou a atenção o fato de ela própria pagar o deslocamento para autografar livros em eventos promovidos pela editora; como ela ficava apenas com parte do lucro, ela não teria que pagar pela divulgação que promovia mais vendas dos livros, isso ela foi percebendo com o tempo e reclamou quando foi descontado da parte dela a viagem para Porto Alegre e para o Rio de Janeiro, fato publicado apenas na versão de 2021:

Fiquei horrorizada com o gesto indelicado do dr Lélío de Castro Andrade. Ele é quem enviou-me a Porto-Alegre e Rio de Janeiro e descontou as despesas da viagem no meu pagamento. Se ele tivesse dito-me que eu é que ia pagar as viagens, eu não teria ido a Porto-Alegre e ao Rio. Admito o desconto do dinheiro que pedi para despesas pessoais. Quer dizer que o lucro do editor é intocável? O escritor é quem arca com as despesas extras? Eu sou inciente na literatura. Mas, no próximo livro não colaboro nas vendas. O dr. Lélío é advogado, sabe que não podemos fazer nada sem consultar as pessoas (JESUS, 2021, Vol. 2, p. 112).

Este trecho, omitido da edição de 1961, foi datado de 27 de janeiro de 1961, cinco meses após a publicação de Quarto de Despejo. Carolina Maria de Jesus já estava ficando esperta com as pessoas que se aproveitavam dela, inclusive tinha noção da ilegalidade daquele ato do dono da livraria. A vida fora da favela era um grande desafio para ela, que agora enfrentava o outro lado: o da elite gananciosa e preconceituosa.

Além da falta de tempo para ler e escrever, devido aos inúmeros convites e compromissos que a publicação de seu diário trouxe, Carolina teve que aprender a

lidar com o dinheiro, agora em quantias bem maiores que aquele que mal dava para garantir o alimento diário dela e dos filhos. Carolina viu como o dinheiro mudava o comportamento das pessoas:

TABELA 8 – SETEMBRO/OUTUBRO DE 1960

1. Publicação de 1961	2. Publicação de 2021 (Vol. 1)
Fui na lavanderia. Duas mulheres lavavam as roupas das crianças. E ferviam num tacho. Olhei as duas mulheres. Davam a impressão de ser dois esqueletos trabalhando. Cumprimentei-as, elas não deu-me atenção. A Dona Adelina disse-lhes que eu sou escritora. Elas ouviam, dizendo: - Hum! Hum! Hum! Abri a bolsa e dei-lhes uma cedula de 1.000 cruzeiros. E disse-lhes: - É para vocês. Ela pararam bruscamente, olharam a nota de mil cruzeiros. Depois olharam-me. E sorriam. Pensei: Ah, dinheiro... invenção diabolica que escravisa o homem e liberta o homem. (JESUS, 1961, p. 60-61)	Fui na lavanderia. Duas mulheres lavavam as roupas das crianças, e ferviam num tacho. Olhei as duas mulheres. Dava a impressão de ser dois esqueletos trabalhando, sera deficiencia alimentar ou aborrecimentos acumulados, ideias sem possibilidades de concretiza-los? Cumprimentei-as. Elas não deu-me atenção. A Dona Avelina disse-lhes que eu sou escritora. Elas ouvia dizendo: - Hum! Um! Um! Abri a bolsa e deu-lhes uma cedula de 1.000, cruzeiros e disse-lhes: - É 500,00 para voces. Elas pararam bruscamente olharam a nota de mil cruzeiros depois olhou-me, e sorriam. Pensei: ha dinheiro... invenção diabolica e enigmatica que escravisa o homem e liberta o homem. O dinheiro empana a consciência do homem. (Grifo nosso) (JESUS, 2021, Vol. 1, p. 55)

FONTE: A autora (2023)

Este trecho apresentou data imprecisa (entre setembro e outubro de 1960). Nele, os trechos omitidos da publicação de 1961 não tiveram a marcação das reticências; o primeiro item omitido revelou a preocupação de Carolina com o motivo das funcionárias estarem esqueléticas, o que, para uma pessoa da elite isso dificilmente importaria. Na sequência do relato, Carolina disse que elas não deram atenção para o cumprimento dela (Carolina sempre ficava brava quando alguém ignorava o seu cumprimento), mas mudaram de comportamento ao receberem uma quantia de dinheiro. Carolina, ao ver as mulheres muito magras (“dava a impressão de ser dois esqueletos trabalhando” (idem)) compadeceu-se delas e deu o dinheiro. Ao perceber a mudança abrupta de comportamento das trabalhadoras, Carolina emitiu seu pensamento, onde se percebe uma característica de seu estilo próprio de escrever: a construção de enunciados curtos, com alto teor crítico e humor sutil, ao qual denomino “enunciado-chave”: “Pensei: ha dinheiro... invenção diabolica e enigmatica que escravisa o homem e liberta o homem”. Ao relacionar a invenção humana (dinheiro) aos qualitativos “diabólico” e “enigmático” ela contrapõe essa

invenção (humana) à divina e ainda critica a consequência antagônica do seu uso - “escravisa” e “liberta” o próprio criador dele.

Muitas pessoas se aproveitaram do pouco tato que Carolina tinha inicialmente com o dinheiro. Isso passou a ser um grande problema nesse novo ambiente de convívio de Carolina:

O senhor Joaquim Rosa queria dinheiro. E eu não tenho. Ele quer ser vereador prometi auxiliá-lo para encorajá-lo, porque percibi que ele pertence a classe das pessoas que sonha com a vida, sem procurar conhecer as realidades que é ação. Começo a desgostar desta transição, onde encontro muitas dificuldades que é resolver o problema dos outros. Porque muitos pensam que os problemas só se resolvem com o dinheiro. São os tolos que pensam que é o dinheiro o lubrificante da vida (JESUS, 2021, Vol. 1, p. 113).

O trecho acima, datado de 06 de novembro de 1960, não foi publicado na edição de 1961 e é importante porque mostra o quanto as pessoas tentavam explorá-la. Quando Carolina dizia que iria ajudar alguém, as pessoas já ligavam à ajuda financeira. Assim, ela foi procurada inúmeras vezes para resolver os problemas alheios, a custo de inimizades ao não atender às solicitações. Neste trecho, também encontramos um “enunciado-chave” - “São os tolos que pensam que é o dinheiro o lubrificante da vida”: por meio dele, ela criticou as pessoas que pensam que a vida fica mais suavizada com o dinheiro, o termo “lubrificante” pode ser poeticamente inferido como suave, macio, desimpedido, livre.

Ao sair da favela, Carolina também adentrou no mundo dos brancos, onde encontrou ganância e fingimento, segue o trecho de relato de uma noite de autógrafos:

TABELA 9 – TRECHO DE 17 DE NOVEMBRO DE 1960

1. Publicação de 1961	2. Publicação de 2021 (Vol. 1)
Estavam presentes escritores e artistas. Os escritores foram na minha barraca. Dona Adalgisa Nery, Dona Maria Dezone Pacheco Fernandes, Mattos Pacheco, senhor José Tavares de Miranda. ...Fiquei horrorizada ouvindo uma senhora da alta sociedade dizer que ficou contente quando o seu esposo faleceu. Tenho impressão que estou vivendo num mundo de joias falsas. (JESUS, 1961, p. 80-81)	Estava presente escritores e artistas. Os escritores que foram na minha barraca, conduzindo sua bagagem de cultura, educação e sapiência, Dona Adalgisa Nery, Dona Maria Dezone Pacheco, Fernandes Matos Pacheco, o senhor José Tavares de Miranda. O meu agradecimento ao Pacheco, auxiliou-me muito, e o senhor Audálio Dantas, eu não tenho complexo, mas, quando estou entre os brancos, tenho a impressão que eles detestam a minha presença, ou talvez seja, a não estar habituada com estas damas, que não sabem o que é ter fome. Fiquei horrorizada, ouvindo uma senhora da alta sociedade, dizer que ficou contente quando o seu esposo faleceu, mêsno brigando ou separada de um homem devemos desêjar-lhe a vida. Despedi do Audálio e fui pra Osasco de carro. Tenho a impressão que estou num mundo de joias falsas. O que noto na sociedade é o fingimento: - E eu que não sei fingir estou dessolada nêste nucleo. Vendi 60 livros, sobrou alguns. (Grifo nosso) (JESUS, 2021, Vol. 1, p. 137-138)

FONTE: A autora (2023)

Carolina gostava muito de estar com artistas e escritores porque lhe transmitiam sabedoria, cultura e educação, coisas que ela valorizava muito. O trecho omitido da edição de 1961 mostra isso. Outro trecho omitido revelava como Carolina se sentia desconfortável ao estar no mundo da elite branca, mesmo ela não tendo complexo de cor, ela sentia que era um corpo estranho naquele núcleo de excessos repleto de pessoas que não tinham ideia do que era passar fome. A falsidade era algo que Carolina abominava, sua personalidade forte, com palavras diretas, cortantes, precisas, muitas vezes eram até interpretadas como grosseria. Ela não conseguia guardar para outro momento o que precisava ser dito, por isso, a falsidade a desolava, mas ela logo compreendeu que isso era algo apreciado pela elite, embora ela não conseguisse agir como uma pessoa falsa.

A tabela abaixo é muito significativa com relação à rotina e à logística diária de Carolina Maria de Jesus para dar conta das viagens de divulgação de Quarto de despejo.

TABELA 10 – TRECHO DE 18 DE NOVEMBRO DE 1960

1. Publicação de 1961	2. Publicação de 2021 (Vol. 1)
Vou a São José do Rio Pardo. A Vera estava animada. Fomos de onibus. Eu ia contemplando as exuberancias do nosso País e a imensidade de terras sem cultivar. Não culpo o homem do campo por abandonar as terras, porque eles trabalham e nunca tem nada. Eu já fui do campo. (...) Eu ia revendo as paisagens agrestes, contemplando a revoada das aves na amplidão. (JESUS, 1961, p. 81)	Levantei as duas horas preparando as bagagens, vamos em São José do Rio Pardo. Vou ver a ponte que o infausto Euclides da Cunha construiu. Pedi ao dono do bar para dar refeições aos filhos, vou levar so a Vera. Saimos de manhã. Tenho dó de dêixar os meus filhos sosinhos, porque o Juvenal expanca-os, e ele é forte está com quinze anos, ele não conforma que o negro deve ter dinheiro. Eu ganho dinheiro com livros, tem pessoas no Brasil que tem pavôr de ler, eu dei exemplo. Fui esperar o Audálio no saguão dos Diarios. A Vera estava animada, fomos de onibus. Eu ia contemplando as exuberancia do nosso país, a imensidades de terras sem cultivar, não culpo o homem do campo por abandonar as terras, porque eles trabalham e nunca tem nada - Eu já fui do campo, que quadro inesquecivel! Eu não conhecia a humanidade tão confusa e egoista. Eu pensava que predominava no mundo tudo o que eu lia, na Briblia — Amaivos, uns aos outros. Quando chegamos ficamos girando pelo saguão, as sete horas o Audálio chegou. Dirigimos ao ponto de onibus, o Audálio estava contente. Um jovem nos deu as passagens, as oito horas o onibus seguio, eu ia revendo as paisagens agrestes, contemplando as revôadas das avês n'amplidão. (Grifo nosso) (JESUS, 2021, Vol. 1, p. 138)

FONTE: A autora (2023)

Comparando os trechos, percebe-se que o trecho de 1961 não conseguiu demonstrar o que a escritora passava para dar conta das viagens, pois apenas trouxe informações centrais, sem detalhes, em períodos simples e curtos, como: “Vou a São José do Rio Pardo. A Vera estava animada. Fomos de onibus”. Já o trecho de 2021 proporcionou ao leitor o conhecimento de toda a dimensão logística que a escritora (e também, e principalmente, mãe) tinha que fazer para dar conta de seus compromissos. Algumas situações dessa rotina se repetiam desde a época da favela: neste novo ambiente, Carolina ainda precisava acordar de madrugada, “Levantei duas horas preparando as bagagens, vamos em São José do Rio Pardo.”; ela só consegue levar a filha mais nova e os filhos mais velhos ficavam sozinhos em casa e, como na favela, ainda sofriam violência (“Tenho dó de deixar os meus filhos sozinhos, porque o Juvenal expanca-os, e ele é forte está com quinze anos). Carolina se referiu

criticamente sobre a questão do negro que tinha problemas quando conseguia ter uma posição social melhor, criticou o egoísmo e o desamor da humanidade. O comentário crítico sobre o homem do campo ocorreu nas duas edições. Com tudo isso, como boa observadora e enquanto poetisa, seguia “revendo as paisagens agrestes, contemplando as revôadas das avês n'ampidão”, poetizando seu relato.

Seguindo com a nova rotina de Carolina Maria de Jesus fora da favela, no retorno da viagem, ela também se deparou com problemas:

Quando chegamos em Osasco as lojas estavam fechadas. Eu estava com sono pensando: Será que posso dormir. Quando entrei encontrei a casa numa desordem tremenda. Os filhos estavam sujos. Xinguei a Dona Maria tia de Dona Rosa. Eu pago-a quatro mil cruzeiros por mês para lavar roupas e olhar os meus filhos quando eu viajo.
O João, quêixou-se que o dono do bar, dava o resto de comida que sobrava dos pratos dos freguêses para eles comêr - Fui ao bar. Xinguei o dono do bar. Hoje é o meu dia de xingar. Então vamos xingar...
O dono do restaurante disse ser mentira do João. Ha pessoas que prevalecem de ser adultos e desmentem as crianças. Fiquei pensando em paga-lo, e não paga-lo (JESUS, 2021, Vol. 1, p. 141).

Esse relato, datado de 20 de novembro de 1960, não foi publicado em 1961, apenas o conhecemos na edição de 2021. Além de toda a logística para sair de viagem, na chegada, Carolina também passou por transtornos. Ver os filhos sujos, a casa desarrumada e ainda ouvir o relato que o filho comeu sobras quando ela combinou de pagar pela refeição, é algo difícil para a escritora que tinha que dar conta de seu ofício e ainda cumprir os afazeres da maternidade, sendo uma mãe presente e preocupada com os filhos. Além de tudo isso, ela tinha que conviver com os que criticavam por ela estar “rica”:

Quando retorno de minhas viagens tem milhares de olhos fixos no meu rôsto comentando, e cismando:
- Ela... está rica!
- Fico pensando: meu Deus do céu! Eu passava muita fome lutei para ter o que comêr. É um direito que assiste ao ente humano. Passei o dia em casa limpando-a (JESUS, 2021, Vol. 1, p. 142).

A experiência no novo ambiente parecia deixar Carolina confusa. Até então, ela estava tentando compreender o novo espaço, as pessoas que ali habitavam. Também incomodava Carolina o fato de as pessoas parecerem inconformadas por ela, uma mulher negra, ganhar dinheiro. Muitas vezes, as pessoas achavam que ela tinha o dever de lhes emprestar dinheiro, como se verifica a seguir:

TABELA 11 – TRECHO DE 23 DE NOVEMBRO DE 1960

1. Publicação de 1961	2. Publicação de 2021 (Vol. 1)
Não estou tranquila com a ideia de escrever o meu diário da vida atual. Escrever contra os ricos. Eles são poderosos e podem destruir-me. Há os que pedem dinheiro e suplicam para não mencioná-los. Tem uma senhora que quer dinheiro para comprar uma casa. Eu não tenho. Ela ficou de mal comigo. Ela quer 500.000 cruzeiros. Estes dias eu não estou escrevendo. Estou pensando, pensando, pensando. Quando escrevi contra os favelados fui apedrejada Todos os dias chega cartas de editor internacional que quer traduzir o livro. Até eu estou abismada com a repercussão do livro. (JESUS, 1961, p. 183)	Levantei as 6 horas. Não estou tranquila com a ideia de que dêvo escrever o meu Diário da vida atual. Escrever contra a burguesia, eles são poderosos, pode destruir-me. Eles querem ser ricos. Ha os que pedem dinheiro, e suplicam para não menciona-los. Tem uma senhora que quer dinheiro para comprar uma casa, eu não tenho, ela ficou de mal comigo. Ela olhava a Vera para eu viajar, ela quer 500.000. Estes dias eu não estou escrevendo, estou pensando, pensando, pensando. Quando escrevi contra os favelados fui apedrejada. Escrevendo contra a burguesia podem enviar-me um tiro. Mas o Audálio diz que eu devo escrever Diário, sêja feita a vontade do Audálio. Tenho recebido cartas do globo, agradeço aos que me escrevem. O Audalio está amável, atencioso. Nos não esperavamos este sucesso do livro. Todos os dias chegam cartas de editor internacional, que quer traduzir o livro. Até eu estou habismada com a repercussão do livro! Tem pessoas que jogam livros fora, ou quêima-os. Aconselho o povo a ler, a lêitura, é o adubo da alma, fortifica o carater. E o que é forte triunfa. (Grifo nosso) (JESUS, 2021, Vol. 1, p. 144)

FONTE: A autora (2023)

Neste trecho acima, de 23 de novembro de 1960, nas duas edições, é possível perceber que Carolina era procurada para arrumar dinheiro para as pessoas, que não gostavam quando suas solicitações não eram atendidas (“Ela ficou de mal comigo”). Outra questão latente neste trecho era a preocupação de Carolina Maria de Jesus ao publicar seu novo diário, porém, as informações a mais que o leitor teve na edição de 2021 trouxe detalhes, como o entendimento que Carolina tinha sobre a burguesia, a obrigatoriedade de seguir escrevendo diários, a seu contragosto, mas por ordem de Audálio, e o aconselhamento, por meio de provérbio, que Carolina utilizou ao final do trecho, aos moldes ancestrais cabindas. No mais, o receio dela de escrever contra a burguesia tinha fundamento: uma coisa era expor a vida na favela, outra coisa, seria desvelar os panos e máscaras da burguesia que nunca passou pelo drama da fome física, mas escondia um outro tipo de fome: a da ganância, em busca por mais dinheiro, por mais poder e fama.

Para que a primeira versão de *Casa de Alvenaria*, de 1961, fosse aceita pelo público de sua época, sem que ela “levasse um tiro”, como disse, mesmo que

poeticamente interpretado, Audálio até tentou, no prefácio do livro, solicitar uma “licença poética”¹⁰ para que os “venerados” leitores de 1961 entendessem que o diário se tratava de relatos de uma pessoa que acabara de chegar na sala de visitas da sociedade, portanto, seriam superficiais, pessoais, exóticos do ponto de vista de quem fala. Mas não, Carolina não falava sem conhecimento, o que ela via e escrevia era o que realmente a sociedade longe da favela demonstrava. Independente da tentativa de “proteção” de Audálio, a fama tinha seus preços e Carolina pagou por todos, conforme se demonstrou nos seus relatos que seguem.

Finalmente, a compra da casa de alvenaria ocorreu no dia 8 de dezembro de 1960, mas a mudança demorou para ocorrer porque a casa estava ocupada, “Todos os dias eu vou na imobiliária Joia para saber quando é que o Senhor Carivaldo vae entregar-me a casa. Ele fica embrulhando-me” (JESUS, 2021, Vol. 2, p. 27). A casa vendida para Carolina estava também alugada a outra família. Após dezesseis dias de espera, mesmo sem a casa estar liberada, Carolina decidiu se mudar, afinal, ela pagou pela casa.

TABELA 12 – TRECHO DE 24 DE DEZEMBRO DE 1960 - MUDANÇA - PARTE 1

1. Publicação de 1961	2. Publicação de 2021 (Vol. 2)
Levantei as 4 horas. Fiquei pensando na confusão da minha vida. Todos os dias eu vou na Imobiliária para saber quando é que o Senhor Carivaldo vai entregar-me a casa. (...) Decidi que vou morar na minha casa de qualquer jeito. Comecei arranjando as roupas e preparando as louças. Quando o dia despontou-se eu fui ao bar para perguntar ao dono do bar se havia possibilidade dele arranjar um caminhão para conduzir a minha mudança para a Rua Benta Pereira 562. Fui pagar o japonês, umas coisas que eu comprei fiado. Paguei a dona da quitanda. Quando o caminhão chegou perguntei ao espanhol se queria conduzir-me até a minha casa no Alto de Santana. Disse-me que não. Que não podia porque ia na oficina. Mande o José Carlos procurar um caminhão. (JESUS, 1961, p. 110-111)	Levantei as 4 horas. Fiquei pensando na confusão de minha vida. Todos os dias eu vou na imobiliária Joia para saber quando é que o Senhor Carivaldo vae entregar-me a casa. Ele fica embrulhando-me. Eu não simpatisei com ele nem com o dono da imobiliária que vendeu-me a casa. É tão facil reconhecer as pessoas que nos fazem de palhaço - Dicidei que vou morar na minha casa de qualquer gêito, porque eu fico tão cansada viajando nos onibus para Osasco. Comecei arranjando as roupas e preparando as louças. Quando o dia despontou-se, eu fui ao bar para perguntar ao dono do bar se havia possibilidade d ele arranjar um caminhão para conduzir a minha mudança para a Rua Benta Pereira 562. Fui pagar o japonez, umas coisas que comprei fiado. Paguei a Dona da quitanda. Quando o caminhão chegou, perguntei ao espanhol se queria conduzir-me até na minha casa no alto de Santana. Disse-me que não podia porque ia na oficina. - Mande o José Carlos ir procurar um caminhão! (Grifo nosso) (JESUS, 2021, Vol. 2, p. 27)

FONTE: A autora (2023)

¹⁰ Sobre essa “licença poética” será abordado melhor no Capítulo 4, item 4.1, que trata da edição de 1961.

Carolina Maria de Jesus, finalmente, mudou-se para sua tão sonhada casa de alvenaria. O dia foi 24 de dezembro de 1960, véspera de Natal. A casa foi comprada no início de dezembro e a numerosa família que morava lá (15 pessoas) tinha que liberar a casa até o dia 20 de dezembro, o que não ocorreu. A edição de 1961 omitiu o nome da imobiliária - “Joia” - e também não foi publicado o comentário de revolta de Carolina, que estava se sentindo enganada. Mas, motivada a não perder mais tempo em Osasco, por todo sofrimento que passava para conseguir dar conta de seus compromissos de escritora, ela resolveu se mudar, mesmo com pessoas na casa, confusão na certa, conforme é possível perceber na tabela a seguir:

TABELA 13 – TRECHO DE 24 DE DEZEMBRO DE 1960 - MUDANÇA - PARTE 2

1. Publicação de 1961	2. Publicação de 2021 (Vol. 2)
... Quando cheguei encontrei um nortista confabulando com o senhor Monteiro. Quando entrei o homem que estava confabulando com o senhor Monteiro olhou-me com ironia. Enfrentei o seu olhar. Ele queria impedir-me de entrar na casa. Eu comprei esta casa! O senhor Carivaldo disse-me que a casa estava vazia. Era para eu mudar no dia 20. - O homem mudou de atitude. Mudou por completo. E foi almoçar. Eu estava com sono, queria desocupar um quarto para mim. O homem não permitiu. Para evitar encrenca resolvi ficar na sala. (JESUS, 1961, p. 113)	Quando cheguei, encontrei um nortista confabulando com o senhor Monteiro. Quando entrei, o homem que estava falando com o senhor Monteiro olhou-me com ironia. Enfrentei o seu olhar. Ele queria impedir-me a entrar na casa. Eu comprei esta casa. E o senhor Cariovaldo disse-me que a casa estava vazia. Era para eu mudar dia 20. - Eu vou buscar a policia, porque eu pôsso gastar até 30 mil cruzeiros. - Se a questâ é dinheiro, eu tambem posso gastar, porque eu ganho 50.000 por dia! O homem mudou de atitude. Os burros confiam no dinheiro. Os sabios, na razão. O homem mudou por completo e foi almoçar. Começou xingar o senhor Cariovaldo de canalha, que ele não tem palavra. E eu xinguei o dono da imobiliaria Jóia porque está me levando na conversa. Eu estava com sono, queria dessocupar um quarto para mim, o homem não permitiu. Para evitar encrenca, ressolvi ficar na sala. Ouvi dizer que o tal Cariovaldo não queria entregar-me a casa, aludindo que eu tenho que pagar mais. Eu estava com sono. Quando subi, que suplicio! Nunca vi tantas pulgas na minha vida! Sai, fui na padaria comprar pão. (Grifo nosso) (JESUS, 2021, Vol. 2, p. 31)

FONTE: A autora (2023)

Neste trecho de 24 de dezembro de 1961, em que se relatou a mudança, deixou evidente que, quando Carolina decidia algo, ela cumpria. Ela decidiu se mudar para a casa que ela comprara e assim o fez, mesmo com pessoas morando lá. A edição de 1961 mostra que, a princípio houve recusa do morador de deixá-la entrar na casa,

mas ele mudou de ideia. Na edição de 1961, o leitor ficou sem saber como isso ocorreu e, devido a esse desconhecimento, o leitor pode inferir que a atitude de Carolina foi grosseira com relação a se mudar com pessoas na casa (ênfatizando, assim, uma característica estereotipada com relação a pessoa que morava na favela, como pessoa grosseira), mas não foi assim, ela estava se assumindo como protagonista da situação assim que percebeu que estavam tentando passá-la para trás. Já na edição de 2021, o leitor pode perceber que Carolina sabia jogar com as regras de jogo burguês: o dinheiro. Ela usou de esperteza para enfrentar a situação de ser impedida de se mudar para a própria casa, mencionou o poder do dinheiro e lançou mais um “enunciado-chave” ao comentar a mudança de atitude do homem: “Os burros confiam no dinheiro. Os sábios, na razão”. Ela considerou que não é sábio quem confia no dinheiro e se colocou na posição dos que confiam na razão, ou seja, dos sábios. Mas essa mudança repentina não foi fácil para a família de Carolina porque ela teve que se contentar em ficar na sala “para evitar encrenca”. Sabendo de sua personalidade forte, em outra passagem, ela comentou “Não sabe que eu sou descendente da bomba atômica” (JESUS, 2021, Vol. 2, p. 366). Além de ficar na sala, a casa estava infestada de pulgas e levou um tempo para que ela conseguisse se livrar das pulgas. Carolina teve que conviver com as pulgas e com a família que estava morando na casa até o dia 12 de janeiro de 1962. Um início conturbado para conseguir realizar um sonho. A casa se localizava no Bairro de Santana, na cidade de São Paulo. Apesar desse ocorrido, para Carolina, isso era a concretização do seu sonho.

Carolina Maria de Jesus, finalmente, poderia experimentar como era estar em um núcleo diferenciado, fruto de sua luta, contente por não ter desistido de escrever e mantido o sonho de ser escritora, mesmo com todas as adversidades:

TABELA 14 – TRECHO DE 04 DE JANEIRO DE 1961

1. Publicação de 1961	2. Publicação de 2021 (Vol. 2)
... Eu consegui enriquecer com o meu livro. O meu livro foi uma fada que transformou-me de gata borralheira a princesa. Os meus sonhos estão concretizando. Eu desejava uma casa de alvenaria. Consegui. O que emociona-me é introduzir a chave na fechadura e abrir a porta e saber que a casa é minha. Tem hora que tenho vontade de dar um grito para ser ouvido no Universo: Viva o meu livro! Viva os meus dois anos de grupo escolar! E viva os livros, porque é a coisa que eu mais gosto, depois de Deus. (JESUS, 1961, p. 122-123)	O senhor Mario Donato, com a sua cultura, o seu conhecimento dos pronomes, não conseguiu dinheiro com os livros que escreveu. Eu... com os meus dois anos de grupo, escrevo estropiadamente, consegui enriquecer com o meu livro! O meu livro foi uma fada que transformou-me de gata borralheira a princesa! Levo uma vida de viludo. Os meus sonhos estão concretizando. – Eu desejava uma casa de alvenaria – consegui! Está suja, infestada de pulga, mas eu hei de limpá-la! - O que emociona-me é introduzir a chave na fechadura e abrir a porta e saber que a casa é minha! Tem hora que eu tenho vontade de dar um grito extentoreo, para ser ouvido no Universo: - Viva o meu livro! Viva os meus dois anos de grupo! E viva os livros! Porque é a coisa que eu mais gosto, depois de Deus. O senhor Mario Donato disse-me que foi colega do Audalio nas Folhas. Que o Audalio é iducado. Eu fico pensando: Eu sou de favela. Semi-ilustrada e suplantei na vendagem os escritores de Academia. (Grifo nosso) (JESUS, 2021, Vol. 2, p. 63)

FONTE: A autora (2023)

Este trecho, de 04 de janeiro de 1961, surgiu de uma conversa com um escritor chamado Mario Donato, que alertou Carolina para empregar bem o dinheiro dela porque “Literatura não era meio de vida”. Apesar de a resposta ter sido dada em época de auge da fama, Carolina não estava errada: com a literatura, ela conquistou o sonho de ter saído da favela, com seus três filhos, e conseguiu vencer a miserabilidade da vida da favela. Ela entendeu que seu feito, com apenas dois anos de estudo formal foi grande e todo mérito tinha que ser dado a ela por isso. Ela procurou a edição dos jornais, ela buscou as emissoras de rádio e, mesmo com as portas se fechando, ela não desistiu de estudar, de escrever e de ler. Ela chamou a atenção do jornalista Audálio Dantas e lhe mostrou os cadernos com seus escritos. Por muitas semanas, seu livro ficou no topo das vendas, superando vários outros escritores brasileiros.

Devido a isso, ela passou a ser convidada para palestras, para programas de TV, para redações de jornais, viajou para cidades do Brasil e da América Latina. Assim poderia ter sido sua vida de escritora, até o fim, no entanto, ela foi percebendo que algo não estava se encaixando, não conseguia mais ter tempo para dar sequência a

seu ofício. Assim como em Osasco, a vida de escritora, mesmo morando mais próximo, trouxe uma contradição - a falta de tempo para ler e escrever: “Vera procurou um livro pra ler. Ela lê um livro por dia. Invejo-a. Eu não tenho tempo. Eu lia na favela, mas a minha vida está atabalhoada” (JESUS, 2021, Vol. 2, p. 104). A “inveja” da filha, que podia ler, demonstrou que Carolina teve que deixar de fazer o que mais gostava para conseguir se firmar como escritora, isso tirava seu tempo: “É que o povo reconhece-me. Tenho que parar nas ruas para conversar e não sobra tempo para escrever e lêr. Percebi que tenho que viver dentro do meu ideal literário” (JESUS, 2021, Vol. 2, p. 198). Tanto a fama quanto os afazeres domésticos ocupavam demais Carolina e dificultavam que ela se mantivesse no seu “ideal literário”. Ela sabia que se ela quisesse viver como escritora, precisaria continuar lendo e escrevendo, como não estava conseguindo, isso a aborrecia, principalmente porque as ideias fervilhavam na cabeça dela:

Tem pessoas que melhoram o modo de viver, ficam orgulhosos, soezes. Não pertenco esta classe. - O que aborrece-me, são as ideias ininterruptas promanando-as promanando-as e eu, não posso detê-las. Tem dia que chego odiar a minha existência.
Depois que publiquei o livro Quarto de Despejo passei a odiar a vida. Ficou insípida: devido as pessoas que vem aborreger-me com seus problemas. A dona Adelia, a caixa da livraria, percebe quando estou nervosa.
Sai da livraria xingando a minha vida mentalmente. Eu sou uma desgraçada! Negro não tem sorte! Negro da um passo para frente. E dois mil para trás (JESUS, 2021, Vol. 2, p. 208).

Este trecho, publicado somente na edição de 2021, foi totalmente omitido na edição de 1961. Amor e ódio, felicidade e tristeza, orgulho e decepção, alegrias e aborrecimentos eram algumas das inúmeras contradições que passaram a acompanhar Carolina no seu dia a dia. A relação dessas contradições com a questão racial foi ficando mais nítido para ela, conforme ia convivendo no novo ambiente, observando-o e o analisando. Era perceptível que ser mulher negra com dinheiro não facilitou as coisas quando o problema era o preconceito com relação a sua cor e ao fato de ter morado na favela.

TABELA 15 – TRECHO DE 06 DE MARÇO DE 1961 - PARTE I

1. Publicação de 1961	2. Publicação de 2021 (Vol. 2)
O reporter ouvia-me em silencio. Quando êle me vê, pergunta: - Quais são as novidades? Todos os dias tenho algo a queixar-me. O que admira no reporter é a paciencia que êle tem com os meus nervos excitados. Mas êle compreende. Eu sou sosinha para trabalhar, cuidar da casa, dos filhos, estudar, escrever. Agora que estou mesclada com o povo fico observando os tipos de pessoas, classificando os seus carateres. Há os tipos trapaceiros fantasiados de honestos. São os cínicos. Tem duas faces. Tipos que querem ser granfinos sem ter condições de vida definida. Sonham com o impossível, aludindo a cada instante: "Se eu tivesse dinheiro..." Penso que êles devem dizer assim: "Se eu tivesse coragem para trabalhar..." (Grifo nosso) (JESUS, 1961, p. 151)	O Audalio, ouviu-me em silêncio. Quando ele me vê pergunta: - Quaes são as novidades? Todos os dias tenho algo a quêixar-lhe. O que adimira no senhor Audalio Dantas é a paciência que ele tem com os meus nervos excitados. Mas, ele, compreende. Tem esposas que os homens da-lhes tudo que elas querem, e elas são nervosas. E eu? Sou sosinha para trabalhar, cuidar da casa dos filhos estudar escrever ler e suportar a massa humana. Agora que estou mesclada com o povo, fico observando os tipos de pessoas. Classificando seus caraters. Ha os tipos trapaçeiros fantasiados de honestos. São cínicos. Tem duas face suas palavras são leves; não pesam porque não tem valôr. São os metaes laminados. Tipos que querem ser granfinos. Sem ter condições de vida definida. São sonhadores, sonham com o impossível aludindo a cada instante: - Se eu tivesse dinheiro!... Penso que eles devem dizer assim: Se eu tivesse coragem para trabalhar!... Quem trabalha triunfa. (Grifo nosso) (JESUS, 2021, Vol. 2, p. 209)

FONTE: A autora (2023)

Com a comparação realizada na tabela acima, percebe-se que, novamente, a edição de 1961 substitui o nome de Audálio Dantas pelo termo “reporter”, uma possível estratégia do editor para afastar sua pessoa do discurso de Carolina. Na época desse relato, datado de 06 de março de 1961, a relação entre Carolina e Audálio Dantas ainda era amigável, porque ele “compreende” seu contexto, sua luta: “Sou sosinha para trabalhar, cuidar da casa dos filhos estudar escrever ler e **suportar a massa humana**”. A expressão “suportar a massa humana” veio ligada à nova realidade de Carolina, na qual ela precisava conviver com os “trapaceiros fantasiados de honestos” que desejavam dinheiro sem trabalho, explorando os demais, sem se importar com o outro. Para finalizar seu discurso, Carolina se utilizou de uma expressão proverbial: “Quem trabalha triunfa”, como modo de aconselhamento, característica muito presente na construção de seu relato.

A seguir, é possível perceber o quanto Carolina estava nervosa com sua nova realidade:

TABELA 16 – TRECHO DE 06 DE MARÇO DE 1961 - PARTE II

1. Publicação de 1961	2. Publicação de 2021 (Vol. 2)
Estou ficando nervosa com os aborrecimentos diários. Tem dia que não escrevo por falta de tempo. (...) O que sei dizer é que a minha vida está muito desorganizada. Estou lutando para ageitar-me dentro da casa de alvenaria. E não consigo. Minhas impressões na casa de alvenaria variam. Tem dia que estou no céu, tem dia que estou no inferno, tem dia que penso ser a Gata Borralheira. (JESUS, 1961, p. 151)	Estou ficando nervosa com os aborrecimentos diários. Não mais aprecio as ruas. Quando estou nas ruas ouço mais de mil vezes, as pessoas citando o meu nome: - Olha a Carolina! Ela está rica! Param e fitam-me interrogam-me se estou escrevendo outro livro. Tem dia que não escrevo por falta de tempo. A casa é grande. Não tenho empregada. Que confusão. Tenho que varrer os quartos, tirar o pó, limpar os vidros. Cuidar da cosinha. Regar o jardim. Ir a cidade. Preparar os filhos para ir a aula. Tem dia que não faço almoço por ter que ir a cidade. Tomamos café com leite. A professora mandou dizer-me para dar mais comida aos meus filhos que eles estão enfraquecendo. Tem pessoas que vem visitar-me e diz-me que não tenho nada. Para eu mobilhar a casa. O que tenho, já é o bastante para roubar o meu tempo de ler, e escrever. O que eu sei dizer é que a minha vida, está muito dessorganizada. Estou lutando para ageitar-me dentro da casa de alvenaria e não consigo. Minhas impressões na casa de alvenaria variam. Tem dia estou no céu. Tem dia que estou no inferno. Tem dia que penso ser a gata borralheira. (Grifo nosso) (JESUS, 2021, Vol. 2, p. 209-210)

FONTE: A autora (2023)

Ao ler os dois trechos, nota-se que a publicação de 1961 não especificou quais são os aborrecimentos diários de Carolina Maria de Jesus. Os detalhes desses aborrecimentos constam apenas na edição de 2021: ela era incomodada nas ruas por pensarem que ela estava rica, eram tantos os afazeres domésticos por causa da casa e dos filhos, do cuidado para que os três frequentassem a escola (mesmo assim, a professora a repreendeu pela alimentação dos filhos), e ainda havia crítica dos que visitavam a sua casa. Tudo, para ela estava ocorrendo de forma rápida e turbulenta, ao ponto de ela dizer sua impressão da seguinte forma: “Tem dia estou no céu. Tem dia que estou no inferno. Tem dia que penso ser a gata borralheira”.

É importante ressaltar que, durante a edição de 1961, verificou-se que houve muitos cortes com relação aos cuidados de Carolina com os filhos, como se a questão da maternidade não fosse de interesse do editor ou do público, mas era algo extremamente importante para Carolina, que tinha plena consciência de suas responsabilidades de mãe e se esforçava para cumpri-las.

Um questionamento e realizado era que, se ela estava rica, por que não pagava alguém para realizar tantos afazeres? Aqui se depara com mais uma dificuldade enfrentada pela mulher negra, quando ela tinha posses: mesmo pagando, era difícil conseguir alguém para limpar a casa e cuidar dos filhos para que ela pudesse cumprir as demandas que a fama exigia. Agora, não comer era pela falta de tempo, não de dinheiro. As pessoas que ela contratava para trabalhar deixavam o serviço a desejar ou faltavam sem aviso, de modo que Carolina não podia contar com elas quando ela mais precisava.

TABELA 17 – 21 DE MARÇO DE 1961

1. Publicação de 1961	2. Publicação de 2021 (Vol. 2)
Recebi a visita do Osvaldo do jornal "O Ebanho". Disse-me que o dono do sabão A. anulou o contrato. Ele vai processá-lo. Quer que eu assine procuração para o processo. Eu disse-lhe que o reporter não permite que eu faça propaganda de produtos. Ele insiste que eu devo auxiliar a raça. Estou confusa. Não tenho ideias para escrever. (JESUS, 1961, p. 157)	Recibi a visita do Osvaldo do jornal O Ebanho. Disse-me que o dono do sabão Appia anulou o contrato. Ele vae processa-lo. Quer que eu assine a procuração para o processo. Eu disse-lhe que o Audalio não permite que eu faça propaganda de produtos. Ele insiste que eu dêvo auxiliar a raça. Estou confusa. Não tenho ideias para escrever. Porque chorei. Quando o poeta chora as ideias literarias ausentam-se. Que confusão na minha vida. Percibi que o Dr. Lelio ficou ressentido comigo por dizer-lhe umas verdades. Eles impõe que eu escreva a verdade. Mas, não posso dizer-lhes as verdades. Eu escrevia ficção. Porque a verdade tem o sabôr acre. Impuzeram-me... Tem que escrever Diário. E eu, relutei para não escrever este tipo de literatura. Mas a vontade do preto não prevaleçe. Branco diz: vae! o negro tem que obedecer. E assim vamos vivendo neste mundo onde as fusões de raças convivem-se. Uns predominando os outros. Recibi a visita de um senhor maravilhôso. Eu gosto d'ele. Conheci-o em Osasco. Ele, é um tipo de homem que desperta tudo que está adormecido numa mulher. Com ele uma mulher retórna-se aos desse seis anos. (Grifo nosso) (JESUS, 2021, Vol. 2, p. 244)

FONTE: A autora (2023)

A tabela 17 traz toda a narrativa do dia 24 de março de 1961, publicada nas duas edições, não se trata de um trecho do dia, mas o relato todo dele. Na edição de 1961, nos relatos de março, abril e maio de 1961, é possível observar muitos cortes por parte do editor, de modo que vários relatos dos dias seguintes fiquem bem breves,

saindo o pouco do que o gênero diário propõe, com a narração do dia, ficando mais como um resumo do dia, com a publicação apenas das partes que, na opinião do editor, interessariam para o público da época¹¹. Conforme se percebe na comparação dos trechos, as informações cortadas revelavam que a confusão na vida de Carolina a fazia chorar, como a pressão de um homem negro que cobrava dela que ela auxiliasse a raça, cedendo ao que ele solicitava, ou a pressão dos editores de impedir que ela escrevesse textos de ficção, como ela queria, fazendo com que ela se mantivesse escrevendo diários. Além disso, queriam que ela escrevesse a verdade, mas não gostam de ouvir verdades. Havia também a pressão por perceber que sua pele negra e feminina atraía pessoas e mais pessoas querendo direcionar sua vida. Mesmo assim, com tudo isso, Carolina concluiu o relato do seu dia de forma leve, ao descrever sutilmente seu relacionamento com um senhor, mostrando que ela tinha o direito a uma vida em completude, relacionando-se com quem quisesse, distanciando-se da imagem de mulher casta, muitas vezes ignorando sua maternidade, que seus editores queriam que ela mantivesse, evitando uma fama negativa no grupo social onde ela estava convivendo.

TABELA 18 – 24 DE MARÇO DE 1961

1. Publicação de 1961	2. Publicação de 2021 (Vol. 2)
A Dona Didi está trabalhando para mim. Quer ganhar 7.000 cruzeiros por mês. (Grifo nosso) ... Mandeí confeccionar um vestido para eu ir a Curitiba. (JESUS, 1961, p. 157)	A dona Didi está trabalhando para mim. Quer ganhar sete mil cruzeiros mas o serviço dela não é feminino. Ela é irmã da Dona Dinorah por parte de mãe. Ha uma diferença enorme entre as duas. A Dinorah é feminina. Tem a vaidade mulher. É habilidosa. Tem gosto. É modesta. Confeccionou a minha saia branca bordada com aplicações chinêzas. Hoje é dia de fêira. Fui fazer compras, comprei uns presentes para o homem maravilhoso. Eu gosto de dar presente. Não gosto de dar obgetos usados. Gosto de dar artigos nóvos. Comprei fiado. Tenho conta na fêira. Passei o dia lendo. Mas... estou desligando da literatura. Estou perdendo o ideal pelos livros. O Audalio diz que sou eu quem arranja confusão para mim. Chegou uns parentes de Dona Elza Rêis. Residem no Rio de Janeiro. Ele, é professor. Está com a família. Não fui vê-lo porque estou preocupada com a modista. Mandeí confeccionar um vestido para eu ir em Curitiba. (Grifo nosso)

¹¹ Por exemplo, dia 29 de março de 1961 e 05 de abril de 1961 (2021, Vol. 2, p.159); 06 de abril de 2021 (2021, Vol. 2, p.160); 15 de abril de 1961 (2021, Vol. 2, p.166); 18 de abril de 1961 (2021, Vol. 2, p.167); dentre outros.

(JESUS, 2021, Vol. 2, p. 244-245)

FONTE: A autora (2023)

A tabela 18 trouxe toda a narrativa do dia 24 de março, publicado na edição de 1961, enquanto ao lado tem-se o trecho correspondente a esse dia, com continuidade nesta edição. Na edição de 1961, foi adicionada a informação de que o valor pago era por mês e não por dia/semana, para não gerar dúvidas ao leitor sobre esse valor para ter auxílio nos trabalhos domésticos, que não são do agrado de Carolina pela “falta de feminilidade” da “dona Didi”, metáfora para falta de delicadeza, de dedicação, de cuidado com o outro, etc, por parte da funcionária, mais uma vez apontando a dificuldade que ela encontrava para contratar trabalhadores que realizassem para ela um serviço considerado de qualidade com o qual se podia contar. Novamente, Carolina se queixou de estar triste com a Literatura ao ponto de estar perdendo o “ideal com os livros”, o que a deixou muito triste, dado o valor que ela tinha por eles. Ela citou, outra vez, o relacionamento com o “homem maravilhoso” e escutou do Audálio que ela própria que arranjava confusão para si mesma, não sendo possível afirmar para qual situação seria esse comentário, se para os relacionamentos, se para a literatura, se para as pessoas que trabalhavam para ela...

O diário *Casa de Alvenaria* publicado em 1961 acabou sua edição na data de 21 de maio de 1961, com o relato do debate que se seguiu no teatro após a encenação de Quarto de Despejo, um debate acalorado, com crítica a políticos da época, conforme demonstram os trechos a seguir:

TABELA 19 – TRECHO DE 21 DE MAIO DE 1960

1. Publicação de 1961	2. Publicação de 2021 (Vol. 2)
O Solano Trindade¹² prosseguio, repetindo o que a Ruth de Souza disse na peça: - Quando uma criança passa fome é problema de todo o mundo. Fico horrorizada vendo a fome debatida em assembleia. O Deputado Cid Franco disse que passou fome e conhece as agruras que o meu livro relata. Que o regime capitalista é a causa das desigualdades de classe. A Dona Conceição Santamaria dizia: - Ele pertence ao regime capitalista. Ele está metamorfoseando-se na frente do publico. Ele está de mãos dadas com o regime capitalista. Que confusão para mim. Queria ouvir o Deputado Cid Franco por causa da sua cultura. Ele não é banal. Não é político de negociatas. Citou: - Se existe favelas são criadas e alimentadas pelo regime capitalista, que suga a seiva da classe salarial para duplicar seus haveres. - Não apoiado - respondeu o Dr. Paulo Suplicy. Um jovem na plateia disse que o Deputado Cid Franco errava aludindo ao regime capitalista o desajuste social. O Deputado Cid Franco disse: - Tenho um filho de 18 anos que não teme a extinção do regime capitalista. Foi aplaudido. Os estudantes interferiram. Eu pedia ao Deputado Rogê Ferreira que desse as palavras, porque os estudantes são os homens de amanhã. Os estudantes apuparam o deputado. Ele, sentou-se, dizendo que nunca foi a favela pedir voto. (Grifo nosso) (JESUS, 1961, p. 182)	O Solano Trindade prosseguio. Repetindo o que a Ruth disse: - Quando uma criança passa fome é dever de todos ampara-la. Fico horrorizada vendo a fome debatida em assembleia. O Deputado Cid Franco disse que passou fome. E conhece as agruras que o meu livro relata. Que o regime capitalista é o causador das desigualdades de classe. A dona Conceição Santamaria dizia: - Ele pertence ao regime capitalista. Ele está metamorfoseando-se na presença do publico. Mas ele não apoia um projeto que venha favorecer a classe proletaria. Ele está de mãos dada com o regime capitalista. Que confusão para mim. Que queria ouvir as opiniões dos protetores do povo por quatro anos. Queria ouvir o deputado Cid Franco. Por causa da sua cultura. Ele não é banal. Não é político de negociatas. Não é tipo Lupion.¹³ Citou que esteve preso quando foi comunista militante. - Adimiro no livro de Carolina a despreocupação literaria. O grau de qualidade literaria do livro é ausência de intenção política, quando ela cita o convite que um deputado fez ao povo e distribuiu pão e regua. Paulo Teixeira de Camargo. Se existe favelas são criadas e alimentadas, pelo regime capitalista que suga a seiva da classe salarial para duplicar seus haveres. - Não apoiado. - Respondeu o dr. Paulo Suplicy. Eu levantava andando no palco nervosa e arrependida de ter morado na favela. Os que saíram da favela encontram paz de espirito. E eu... sinto não poder dizer o mesmo. Um jovem na plateia disse que o Deputado Cid Franco errava aludindo ao regime capitalista o desajuste social. O deputado Cid Franco, disse: - Tenho um filho de 18 anos que não teme a extinção do regime capitalista. Foi aplaudido. Os estudantes interfériam. Eu pedia ao deputado Rogê Ferreira que desse as palavras porque os estudantes, são os homens de amanhã. Os estudantes apuparam o Deputado ele sentou-se, dizendo que nunca foi a favela pedir voto. (Grifo nosso) (JESUS, 2021, Vol. 2, p. 342-343)

FONTE: A autora (2023)

¹² Poeta e artista brasileiro, militante do Movimento Negro e do Partido Comunista.

¹³ Segundo a nota da edição, trata-se de “Moisés Lupion, ex-governador do Paraná deposto sob acusações e corrupção (JESUS, 2021, Vol. 2, p. 343)

Neste trecho de 21 de maio de 1961, é relatado como foi o debate sobre a peça *Quarto de Despejo*. Na edição de 1961, esse dia marca o “FIM DO DIÁRIO”, enquanto a edição de 2021 trouxe o final na data de 18 de dezembro de 1963, dia em que Carolina Maria de Jesus deixou a cidade de São Paulo e sua casa de Alvenaria para morar em um sítio em Parelheiros. Por ser o último dia e por trazer uma discussão importante, notou-se que a edição de 1961 não realizou cortes muito grandes no que foi relatado, mas os detalhes trazidos a mais na edição de 2021 deram ao leitor uma dimensão maior dos acontecimentos desse dia. A fala do poeta Solano Trindade era forte “Quando uma criança passa fome é problema de todo o mundo”, mas Carolina não queria ver a fome combatida no discurso e sim na prática: “Fico horrorizada vendo a fome debatida em assembleia”. O comportamento de políticos que iam a favelas em época de eleição e depois desapareciam foi questionado. Questionou-se a desigualdade gerada pelo regime capitalista. Na edição de 2021, há um comentário sobre a despretensão política e literária do diário *Quarto de Despejo*, o que não procedia. Destacou-se a visão positiva que Carolina tinha dos estudantes, querendo lhes passar a fala, ouvir o que eles tinham a dizer, já que eles que assumiriam o dever de melhorar o país para todos. Enfim, Carolina percebeu que não tinha paz de espírito no seu novo ambiente fora da favela:

- A senhora sumiu! Está rica.
 Rica! Palavra que eu tenho nêjo de ouvir! Quando eu vejo um pedaço de doce devorado pelas formigas penso. Este pedaço de docê coincide comigo. Depois que eu publiquei o Quarto de Despejo.
 - Como vae a vida?
 - Eu estou no inferno!
 Não saiu nada como desêjei. E eu não gosto de ser teleguiada. Eles é quem adimministra o que arrecado eu queria alugar a casa que estou morando e comprar outra ao meu gosto. Com o aluguel da casa eu pagava as prestações. Mas tenho que obedecer. Se eu tivesse diploma superior seria respêitada. Mas tenho só dois anos de grupo. Sou semi analfabeta. Quêixei minhas maguas para o senhor Rodolfo Sheroufer. Disse-me:
 - Bem que eu te dizia que você seria feliz se continuasse catando papel. Você está no mêio dos ricos... quem não sabe fingir alí, não vence.
 Fiquei refletindo mentalmente. Fingir (JESUS, 2021, Vol. 2, p. 371-372).

O dinheiro recebido passava pela livraria. Sempre que Carolina precisava de dinheiro, tinha que pedir, assim, ela não estava livre para realizar seus negócios e isso a deixava muito nervosa, como ela dizia, não gostava de ser “teleguiada”. Ela sempre tinha lutado e batalhado sozinha, não precisava ser sempre tutoriada, “o meu temperamento, é de ser livre igual a brisa” (JESUS, 2021, Vol. 2, p. 394), nesta

comparação, temos uma marca da escrita de Carolina, que é a comparação com elementos da natureza, no caso, a brisa que é livre para transitar no espaço.

Com o aumento da inflação, Carolina percebeu que a vida na cidade estava ficando difícil e novamente estava com problemas para se manter:

Eu estava pensando: Meu Deus se o dr. Lelio, não mandar dinheiro, eu vou catar os resto da fêira e faço uma sôpa.

O José Carlos, entrou com um saquinho de papel e disse:

- Um caminhão ia passando. E o saco de açúcar furou e caiu um pouco de açúcar eu catei e trouxe para a senhora. Posso continuar catando o que encontrar no lixo. Vamos voltar a comer o que encontramos no lixo outra vez?

- Não sei meu filho? A nossa vida é igual um balão que sobe sobe e depois quêima e tudo se acaba.

O Jose Carlos, olhou-me e disse:

- Acho que eu vou levar a senhora no médico, para ele tirar uma chapa da cabeça da senhora para ver se está funcionando bem. A senhora vae ficar louca (JESUS, 2021, Vol. 2, p. 386).

Nota-se por meio deste trecho que, um ano e três meses após a publicação de *Quarto de Despejo*, a situação financeira de Carolina estava complicada, consequência do aumento dos preços e do custo de vida, das muitas despesas com a reforma da casa, das inúmeras ajudas financeiras dadas a várias pessoas, das viagens realizadas e custeadas por ela para a divulgação do livro. Porém, entre altos e baixos, ela seguia. Ela ilustrou a vida, neste trecho, da seguinte forma: “A nossa vida é igual um balão que sobe sobe e depois quêima e tudo se acaba”, utilizando-se de um recurso linguístico muito recorrido por ela, a comparação, principalmente com objetos do cotidiano ou com elementos da natureza, como uma forma de melhor representar imageticamente sua narrativa.

Dois anos e um mês após a publicação de *Quarto de Despejo*, Carolina já entende que a fama estava passando:

...graças a Deus não fui fotografada. Ja estou saindo dos noiticiarios. Não comparei na sala onde a Clarice Lespector estava. Não a vi. Não lhe comprimentei. Serviram refrescos e comestiveis as 23 horas retornei para casa. Pensando no dinheiro que gastei pintando as unhas e pagando conduções. Dinheiro que poderia guardar para comprar pão e feijão para os meus filhos (JESUS, 2021, Vol. 2, p. 425).

O dinheiro gasto para comparecer a eventos já começava a fazer falta no orçamento familiar, conforme demonstrou o trecho acima, publicado apenas em 2021. Mesmo com a fama passando - “Ja estou saindo dos noiticiarios” - Carolina seguia seu ideal: manter-se como escritora e conquistar a independência, sabendo que, para isso, era importante conseguir sair daquele ambiente hostil do “mundo dos brancos”:

Quando Deus disse: Amaivos uns aos outros, ja previa as segregações raciaes. Os filhos foram a escola eu fui guiar. Estou aprendendo a dirigir. Quero ver se compro um carro. Quero residir lá em Parelheiros. Estou na Auto Escola Santana. Já estou gostando de dirigir. Já conheço varios bairros. Quem escreve necessita ter um auto. Estou conhecendo a cidade. Os pretos ficam habismado quando me vê guiando. Exclamam:

- Olha a negra que vae comprar um carro.

Se o negro no Brasil ainda não desinvolveu-se é porque tem muito complexo. E os que ganham muito dinheiro não sabe organizar-se. Eu não tenho complexo. O meu instrutor é o senhor Gabriel (JESUS, 2021, Vol. 2, p. 427).

Quando Carolina pensou em conquistar sua independência, ela se referia a uma independência completa: financeira, amorosa, literária e até mesmo com relação a seu transporte. Uma mulher dirigindo já era revolucionário na época dela, sendo mulher negra, escritora e dirigindo, era muito para a compreensão e aceite daquele núcleo, “olha a negra que vae comprar um carro”. A afronta não era somente saber dirigir, mas o fato de pensarem na possibilidade de ela comprar um carro, coisa que estava acima do poder aquisitivo da maioria da população brasileira. Carolina não chegou a comprar o veículo, mas, ainda a contragosto de muitos, ela conseguiu comprar um lote de terras em Parelheiros. Era um local afastado, na zona sul de São Paulo, ainda sem condições básicas de moradia como água encanada e energia elétrica. Justamente pela distância, pensando em sua locomoção futura, ela decidiu aprender a dirigir, mas ela conhecia o que pensavam sobre a mulher dirigir, quanto mais a mulher negra, e afirmou não ter “complexo” e ainda que ela, ao contrário de outros negros que ganhavam dinheiro, sabia se “organizar”. Ficou representado, neste trecho, a questão abordada por Fernandes (2021, p. 509) a respeito dos “efeitos compulsivos do “complexo” e o conformismo” com relação ao negro na sociedade, bem como as ações de Carolina se distanciam da ideia de que o negro não sabia o que fazer com o dinheiro. Ainda sobre aprender a dirigir, não apenas as mulheres negras estavam admiradas, as vizinhas brancas também - “As visinha que me viu guiando o carro estão habismada e comentando. Para elas eu sou um fenomeno” (JESUS, 2021, Vol. 2, p. 428). Mas Carolina estava mais preocupada com o futuro do que com a opinião dos que a rodeavam:

As vizinhas estão adimiradas por eu estar guiando. É uma responsabilidade tremenda. Não pode descuidar. É... A vida atual não é sôpa. E será que vae ficar pior? Na Argentina há revulção. Que tolice destruir o proprio pais. E eles são civilisados.

Está chovendo em São Paulo. Eu estou mais calma. Estou deixando de ser tola (JESUS, 2021, Vol. 2, p. 428).

Ao afirmar que “está deixando de ser tola”, ela demonstrou conhecimento e preocupação com a realidade ao seu redor. Viu, na viagem que fez à Argentina, que as coisas por lá estavam difíceis e, caso algo acontecesse no Brasil, ela queria estar no seu pedaço de terra produzindo o que comer para não voltar a passar fome com os filhos. Aprendendo com o que lia e com o que vivenciava, ela seguia tomando as rédeas da sua vida, mesmo que o direcionamento social com relação à mulher negra e mãe solo era para outra situação, conforme se vê no trecho a seguir:

9 DE DEZEMBRO DE 1963

Passei a noite pensando. Que não tenho nada para os filhos comêr e eles dormiram com fome. Se me Deus tivesse advertido-me que eu ia ser mais infausta eu não dêixava a favela.

Na favela eu pedia esmola. E pensava que era infeliz. Enganei, mas o engano é propio da humanidade. Recordo quando eu estava preparando para deixar a favela eu disse:

- Graças a Deus vou viver com os homens da alta categoria!

E o Adalberto disse-me com sua voz ebria:

- Você vae viver com os homens da alta catiguria.

E aqui estou eu realizando o meu grande sonho que era ser escritora. Oh sonho! Que a maior vitima são os meus filhos. Contei ao João, o que disse o senhor Luiz. Que a Vera chorou o ano passado. Por não ganhar brinquêdo.

Amanhã vou vender a maquina de escrever para comprar comida para os meus filhos. O José Carlos, não tem sapato. Eles dizem que eu sou idiota. Que dêixo o Audálio, explorar-me (JESUS, 2021, Vol. 2, p. 480).

Carolina tentou da forma com pode manter uma vida melhor para si e para os filhos. No entanto, voltou a não ter o que comer, mesmo depois de tanto sucesso com a publicação de 1960. Ela se viu confusa. Audálio Dantas, bem como os demais responsáveis por suas publicações, passaram a ser vistos por ela e pelos que a rodeavam como vilões que a exploravam:

Não sou idiota. Sou correta. E não gosto de polemica. Quando conheci o Dantas, e ele insistiu comigo para escrever. O Quarto de Despejo. Pedi:

- Eu escrevo o livro e o senhor retira-me da favela. Mas, não quero ficar na cidade. Quero viver num sitio, porque lá para o ano de 1970, vae ser dificil para o pobre viver aquí dentro de São Paulo. No ano de 1970, os pobres do Brasil já morreram de fome.

Mas o Audálio, não retirou-me da favela. Retirou apenas o livro. Porque o livro ia dar-lhe dinheiro (JESUS, 2021, Vol. 2, p. 480).

Carolina demonstrava ter visão do porvir, contava com sua habilidade de leitura e de escrita, com sua garra e coragem, mas percebeu como era difícil seguir neste mundo desenhado para os brancos. Ao final de 1963, a relação entre Carolina Maria de Jesus e Audálio Dantas estava muito conturbada. Ela tinha sido advertida com relação às dificuldades de se viver como escritora, mas ela tomava isso como inveja:

Agóra que estou passando fome novamente, é que compreendo as advertências. As advertências são as sementes que planta-se numa época para colher mais tarde. Não me foi possível dormir. Pensando que não tenho sabão para lavar roupas. E não tenho dinheiro para comprar pão. Um barbeiro da Cidade Dutra disse-me que eu devia estar recebendo 200 mil cruzeiros¹⁴ por mês. Mas os reportes da Rússia dizem que nos países capitalistas os pobres trabalham para sustentar os burgueses, tipos que saem da classe média.

É a vida. E a classe mais desumana para se viver com ela, é a classe humana que com o decorrer dos tempos vai degenerando-se (JESUS, 2021, Vol. 2, p. 481).

Carolina estava para fechar um contrato de tradução com a Rússia, também estava construindo uma casa em Parelheiros para sair em breve da cidade. Desiludiu-se com a Literatura e com as pessoas. Acentuou-se a questão racial:

O pior é que todas maldades partem dos brancos que desde os tempos remotos pensam que são os donos do mundo. E quantos infelizes sofrem no mundo dos brancos. Jesus Cristo, foi crucificado. Sócrates morreu envenenado. Kenedy, morreu assassinado. João Batista, decapitado. Joana Darc foi queimada. Maria Antonieta guilhotinada. E eu? Como será que vou morrer? Penso que vou morrer matada. Porque os trapaceiros que lidam com os meus livros não são corretos comigo. E eu os desprezo. Porque não tenho muito amor aos bens materiais. Sou preta. E o preto tem ambição limitada. Eu deixei o leito às 5 horas horário de verão (JESUS, 2021, Vol. 2, p. 481).

O que horrorizou-me foi saber que a minha filha lamenta nas casas dos vizinhos que nós passamos fome. Não me envergonho porque eu trabalho para os brancos. Só uma coisa eu digo: depois que sai da favela fiquei racista. Preto e branco não acertam o passo, dançando esta música que se chama vida (JESUS, 2021, Vol. 2, p. 482).

Ela ficou mais alguns dias na sua casa em Santana, passando dificuldades: “Como é horrível ver um filho com fome. É a hora que uma mulher tem desgosto de ser mulher” (JESUS, 2021, Vol. 2, p. 485). Tentou arrumar um emprego, mas não conseguiu:

A tarde fui telefonar para o Dr Lélío, saber se tem umas fotos do lançamento do livro para enviar a um reporter da Coreia. E disse ao Dr Lélío que estou procurando emprego. Fui pedir trabalho não consegui. Eles aludem que sou rica. Fui pedir esmolas não ganhei. Fui vender bilhete de loteria não me foi possível eles dizem que estou rica. Que vida hedionda. Depois que deixei a favela. Por isso vivo suplicando a Deus para fazer com que o Jorge apareça, para me auxiliar me livrar destes tipos imaturos, que não sabem compreender as coisas simples da vida.

Eu não pedi ao Dantas para me comprar esta casa. Queria sítio. Retirar os meus filhos da favela e residir no campo. Num lugar simples. Mas o mundo tem de ser sempre negro, para o negro.

O Dr Lélío, respondeu-me que eu devo arranjar trabalho interno. Devo custurar etc.

¹⁴ Segundo a nota da edição do livro, este valor representava, em 2021, cerca de R\$13.700,00. Também em nota, é informado na p. 486 que, em 1963, a inflação alcançou 79,9%.

Depois que eles me cansaram é que o dr Lelio quer que eu seja costureira (JESUS, 2021, Vol. 2, p. 489-490).

Após três anos escrevendo para jornais e revistas, após várias viagens para divulgação do livro (para várias regiões do Brasil, inclusive para Curitiba), após a tradução do livro em 13 idiomas, o dono da livraria sugeriu que Carolina trabalhasse como costureira. Isso é mais uma exemplificação da estereotipação negativa do negro que, segundo Fernandes (2021, p. 509), o branco, ao estabelecer os “serviços de pretos”, ele “não visa, propriamente, resguardar-se e proteger-se da competição profissional com o “negro”. Torna-a, apenas, impossível”.

Sendo uma mulher batalhadora, decidida, Carolina tomou a iniciativa de se afastar daquele núcleo e seguir o seu caminho, afastando-se da cidade e mais próxima do campo. Assim, no dia 18 de dezembro de 1963, ela e os filhos pegaram o ônibus para Parelheiros, levando roupas e cobertores. Assim, foi o relato sua última mudança:

18 DE DEZEMBRO DE 1963

Deixamos o leito as 7 horas preparando para irmos a Parelheiros. O José Carlos, não queria ir. Xinguei:

- Cachorro! Você deve fundar um sindicato dos preguiçosos e você será o diretor.

Eu disse que o João ia acompanhar-me, e a casa ia ficar fechada. Então o José Carlos, decidiu acompanhar-me.

Levamos roupas para uza-las e cobertores. Em Santo Amaro comprei toucinho, e carne no açougue 10001.

E disse ao proprietario que vou residir em Parelheiros. Tivemos sorte. Assim que iam saindo chegou um onibus de Parelheiros e nos embarcamos. Quando cheguei no sitio vi os fios de luz. Pensei: ja ha possibilidade de mudar-mos para a minha casa de campo. Seguimos os 500 metros. Fico contente quando vejo a casa. Está inacabada. Faltam as janelas. Pedi a enxada a esposa do Senhor Orlando e fui carpir os tomates. Temperei a carne. Fritei o toucinho, e fiz uma sôpa de macarrão.

A noite, o José Carlos dormiu no chão. Reclamando que está habituado com colchão de algodão. Que silêncio gostoso. Não ha radio. Apenas o côaxar dos sapos. Que sono reconfortante. Não ouço aquelas vozes curiosas.

- A Carolina está rica! (JESUS, 2021, Vol. 2, p. 500).

Mesmo com a casa inacabada, Carolina se mudou. Para os filhos, voltar à vida sem conforto não foi fácil, mas ali ela teria tempo para ler, escrever, além de cultivar alimentos e criar animais para fonte de alimentação e renda. Ali residiu até o falecimento, em 1977, aos 62 anos, com crise asmática.

O crucial nesta trajetória narrada após a saída de Carolina Maria de Jesus da favela é apontar que, mesmo em seu novo núcleo de convívio social, ela também passara por inúmeras dificuldades, no entanto, ela não permaneceu nele como vítima.

Isso foi revelado por meio dos detalhes relatados por ela e publicados apenas na edição de 2021. Por ser ótima observadora, ela foi aprendendo os mecanismos de resistência atrelados àquele meio e aprendeu a como se impor. O problema foi que essa imposição de vontades não era o que se esperava dela, mulher negra, mãe solo, de baixa condição social: esperava-se submissão. Para a edição de 1961, parecia ser mais “aceitável” atribuir certas atitudes ao fato de ela ter saído da favela, como um mau comportamento dela, já que a sociedade negaria qualquer forma de libertação das amarras sociais que tentaram impor sobre ela. No entanto, a edição de 2021 revelou ao leitor que Carolina demonstrou ser capaz de dialogar em qualquer núcleo, de argumentar, tanto sobre os assuntos que a rodeavam quanto sobre situações que ocorreram mundialmente. Percebe-se, com a comparação das obras publicadas, que os trechos que não foram omitidos contribuíram com preciosos detalhes dos relatos diários da vida fora da favela que apontam que a trajetória de Carolina Maria de Jesus foi marcada pela busca do espaço social, do espaço literário, do direito a uma vida digna que visivelmente ficou barrado na interseccionalidade de fatores que perpassaram sua trajetória.

2. QUESTÕES LITERÁRIAS EM CASA DE ALVENARIA (1961 E 2021)

2.1. SOBRE LITERATURA, LINGUAGEM E CÂNONE

Os escritores de Academia não quer considerar-me escritora. Mas, o povo quer. Então, eu não impreciono-me com a fraquissima opinião dos escritores de Academia!
(JESUS, 2021, Vol. 2, p. 54).

O sucesso popular da primeira publicação de Carolina Maria de Jesus colocou a escritora no topo dos livros mais vendidos, por semanas, acima de Jorge Amado e Clarice Lispector. Certamente, a opinião dos “escritores de Academia” com relação à obra de Carolina seria de reprovação, diante de inúmeros fatores prezados pela academia (como a titulação do escritor, o uso da língua culta, a tipologia textual, etc), mas há também que se levar em conta a condição de Carolina ser mulher, negra e pobre. Já mencionamos as condições histórico sociais com relação ao fato de a mulher negra ter suas dificuldades em ser aceita como escritora na sociedade, mas vamos voltar nossa atenção para a “Academia”, trazendo o questionamento que Carolina Maria de Jesus fez em 19 de outubro de 1960 a respeito da Literatura: “sera que o preconceito existe até na literatura? O negro não tem o direito de pronunciar o classico?” (JESUS, 2021, Vol.1, p. 69). Ao conviver três anos na casa de alvenaria entre os mais abastados, Carolina Maria de Jesus descobriu a resposta, que lhe foi dada aos poucos:

19 DE JANEIRO DE 1961

Hoje eu não vou sair, passei o dia em casa, lavando as roupas dos filhos. Li o artigo que a Dona Helena Silveira de Queiroz escreveu referindo-se ao meu livro. Ela disse que não viu nada no meu livro para ser classificado Best Seler. Os semi intelectuaes não vê nada que ocorre no seu país, vao a China inspirar-se. Escrevem livros que ficam ignorados do publico e acabam nas latas de lixo (JESUS, 2021, Vol. 2, p. 93)

Carolina Maria de Jesus leu muitos livros que encontrou nas latas de lixo, escreveu em muitos cadernos, que também encontrou no lixo. Ela classificou como “semi intelectuaes” os que não conheciam o que se passava no seu país e acabavam sendo ignorados pelo público “Eu fico pensando: Eu sou de favela. Semi-ilustrada e suplantei na vendagem os escritores de Academia (JESUS, 2021, Vol. 2, p. 63). Aqui, ela se referiu à venda dos livros, que foi impulsionada pela mídia ao evidenciar “a escritora favelada”. Deixando um pouco de lado a questão do mercado editorial e da

mídia, que impulsionaram as vendas também, vamos focar no que foi escrito por Carolina Maria de Jesus e como foi escrito.

Em *Casa de Alvenaria*, Carolina apontou a conversa com o Senhor Mario Donato, um escritor que disse a ela que buscou outra profissão para ganhar dinheiro, e então quis aconselhar a escritora sobre essa vida. Ele disse: “Carolina, emprega bem o teu dinheiro porque a literatura não é meio de vida. Você não é literata! O teu livro não é literatura. É documentário” (JESUS, 2021, Vol. 2, p. 63). Sabemos que, ainda hoje, há esse pensamento de 1961 circulando na academia, como na discussão ocorrida em 2017, na Academia Carioca de Letras, quando o professor de Literatura e atual Presidente do Conselho Deliberativo da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), Drº Ivan Cavalcanti Proença, disse em seu discurso de homenagem à escritora, em suas palavras, segundo o Blog do jornal “O Globo”: “O livro ‘Quarto de despejo’ não é literatura. Ouvi de muitos intelectuais paulistas: ‘Se essa mulher escreve, qualquer um pode escrever’”. Além disso, segundo Lucinda (2017) o homenageador teria também utilizado como argumento para o caráter não literário do livro a incapacidade da escritora em produzir períodos longos: “Cheia de períodos curtos e pobres, Carolina, sem ser imagética, semi-analfabeta, não era capaz de fazer orações subordinadas, por isso esses períodos curtos”, fato que gerou muito debate entre os estudiosos de literatura¹⁵.

É importante evidenciar alguns pontos, primeiro, com relação ao que ela escrever ser considerado “documentário” ou “documento histórico” e, com base nisso, cabe aqui algumas considerações sobre Literatura levantadas por Derrida (2014, p. 13), “não há nenhum texto que seja literário em si”, em essência, há um diálogo com outros textos, outras produções:

¹⁵ Verificar mais em:

* 21/04/2017 Site “Geledés” (Instituto da Mulher Negra): Professor diz que obra de Carolina Maria de Jesus não é literatura e provoca embate no RJ <<https://www.geledes.org.br/professor-diz-que-obra-de-carolina-maria-de-jesus-nao-e-literatura-e-provoca-embate-no-rj/>>

* 22/04/2017 Blog do Jornal “O Globo”: ‘Racha’ entre intelectuais sobre obra de Carolina de Jesus: clima cada vez mais tenso. <<https://blogs.oglobo.globo.com/gente-boa/post/racha-entre-intelectuais-sobre-obra-de-carolina-de-jesus-clima-cada-vez-mais-tenso.html>>

* 24/04/2017 Arquivo ABI (Associação Brasileira de Imprensa): Ivan Proença: ‘Quarto de despejo’ reflete a miséria <<http://www.abi.org.br/ivan-proenca-quarto-de-despejo-retrata-a-miseria/>>

* 08/05/2017 Blog Marca Páginas – UNICAMP: Carolina Maria de Jesus e a polêmica sobre o que é literatura<<http://www.blogs.ea2.unicamp.br/marcapaginas/2017/05/08/carolina-maria-de-jesus-e-polemica-sobre-o-que-e-literatura/>>

A literatura nunca se identifica de todo a seu próprio discurso, não se resumindo a uma autorreferência que seria também autofágica; mas tampouco se identifica integralmente a nenhum outro discurso, seja filosófico, científico, conversacional. Paradoxo é que, por essas razões mesmas, ou seja, pela impossibilidade de autoidentificação absoluta e pela correlata impossibilidade de se identificar inteiramente a outros discursos -, a literatura precisa, para sobreviver e, nos melhores casos, sobreviver (o *Überleben* benjaminiano), abrir-se ao mundo, dialogando com outras produções artísticas e culturais, bem como com a própria história (DERRIDA, 2014, p. 13-14).

Derrida, portanto, aponta a “impossibilidade de autoidentificação absoluta” de modo que o texto literário, por dialogar com outros textos, não se limita nem a si e nem a eles, é um transpor-se. A literariedade ocorre de forma correlata entre “a relação intencional com o texto, relação esta que integra em si, como um componente ou uma camada intencional, a consciência mais ou menos implícita de regras convencionais ou institucionais – sociais, em todo caso” (DERRIDA, 2014, p. 64). Há uma “experiência” ao invés de uma “essência”.

Assim, Derrida aciona o papel do leitor na função de “transcender” (ou não transcender) o todo que compõe o texto (significante, forma, linguagem):

Um discurso filosófico, jornalístico ou científico pode ser lido de forma “não transcendente”. “Transcender”, nesse caso, significaria ultrapassar o interesse pelo significante, pela forma, pela linguagem (observe que eu não digo pelo “texto”), na direção do sentido ou do referente (essa é a definição da prosa, um tanto simplista mas cômoda, de Sartre). É possível fazer uma leitura não transcendente de qualquer tipo de texto (DERRIDA, 2014, p. 64)

Transcender ou não transcender também não seria o único qualitativo do texto literário, porém, “Uma literatura que proibisse a transcendência anularia a si mesma” (DERRIDA, 2014, p. 65). Além disso,

Esse momento de “transcendência” é irreprimível, mas pode ser complicado ou dobrado; e é nesse jogo das dobras que está inscrita a diferença entre as literaturas, entre o literário e o não literário, entre os diferentes tipos ou momentos textuais de textos não literários. Em vez de, precipitadamente, periodizar ou de dizer, por exemplo, que uma literatura moderna resiste mais à leitura transcendente, deve-se cruzar a tipologia com a história. Há tipos de textos, momentos numa obra, que resistem a essa leitura transcendente mais do que outros, e isso vale não apenas para a literatura no sentido moderno.

Isso não quer dizer que a literariedade esteja sujeita aos caprichos de cada um. Ao buscar uma “essência literária”, fica-se encarcerado a convenções e acordos que estão (felizmente) sujeitos ao jugo das diferentes épocas:

Não há nenhuma essência ou existência garantida da literatura. Procedendo-se a análise de todos os elementos de uma obra literária, nunca se encontrará a própria literatura, somente alguns traços que ela compartilha ou toma emprestado, e que se pode encontrar noutros lugares também, noutros textos, seja uma questão de língua, de significações ou de referentes (“subjetivos” ou “objetivos”). E mesmo a convenção que permite a uma comunidade chegar a um acordo sobre o status literário desse ou daquele fenômeno permanece precária, instável e sempre sujeita à revisão (DERRIDA, 2014, p. 115).

Sendo assim, o que é literário ou não literário, mesmo que venha a ser definido por convenção, pode estar sempre sujeito à revisão devido ao fato de não existir uma essência literária definida e definitiva. Portanto, ao qualificar os diários de Carolina Maria de Jesus, ou até mesmo toda a sua produção literária, como documental, para estudos históricos, sociológicos, antropológicos, etc., é confinar à definição de literatura enquanto convenção, esta, por sua vez, definida por uma pequena porção da elite nacional que se considera “dona” da língua e determina quem pode e quem não pode falar. Devido a isso, Derrida relaciona a literatura com democracia:

“O que é a literatura?”; a literatura como uma instituição histórica, com suas convenções, suas regras, etc., mas também essa instituição da ficção que dá, *em princípio*, o poder de dizer tudo, de se liberar das regras, deslocando-as, e, desse modo, instituindo, inventando e também suspeitando da diferença tradicional entre natureza e instituição, natureza e lei convencional, natureza e história. Nesta altura, seria preciso colocar questões jurídicas e políticas. A instituição da literatura no Ocidente, em sua forma relativamente moderna, está ligada à autorização para dizer tudo e, sem dúvida também, ao advento de uma ideia moderna de democracia. Não que ela dependa de uma democracia instalada, mas parece-me inseparável do que conclama a uma democracia por vir, no sentido mais aberto (e, indubitavelmente, ele mesmo por vir) de democracia (DERRIDA, 2014, p. 51).

Sendo democrática, entende-se que todos podem escrever, todos têm o direito a ter seu texto considerado no plano literário. Sabe-se que nem tudo pode ser considerado literatura, mas deve haver o cuidado em considerar os inúmeros fatores que integram essa análise, no caso, por exemplo de um texto autobiográfico, como são os diários de Carolina Maria de Jesus. Segundo Derrida (2014, p. 62), “num traço autobiográfico mínimo, pode estar reunida a maior potencialidade da cultura histórica, teórica, linguística e filosófica”.

O conhecimento adquirido por Carolina Maria de Jesus não é fruto de anos de estudo escolar, é resultado de letramento adquirido de forma autodidata, o que não torna sua escrita menos importante. No entanto, isso contribuiu, equivocadamente, para sua marginalização. Segundo Miranda (2019, p. 162):

A autora irrompe de um quadro nacional histórico de desigualdade para com a mulher negra. Mas, o fato dela ter apenas dois anos de ensino formal - correspondendo à situação sistemática de restrição do acesso à educação para as mulheres negras - foi justamente o que sustentou por muito tempo a sua marginalização no sistema literário, comprovando seu caráter elitista e restritivo.

É justamente essa busca por entender o mundo por meio de diversas leituras e por representá-lo do seu jeito que potencializa e personaliza seu estilo, que é único. Segundo Pisa:

Carolina de Jesus é ao mesmo tempo historiadora e biógrafa. Como historiadora ela fala do Brasil a sua maneira que não é a de uma universitária, mas que também não é uma versão meramente popular, um tipo de eco distante de um saber histórico. Carolina de Jesus trabalha mais como uma pesquisadora madura, que por azar, não tinha a sua disposição mais do que alguns poucos documentos e uma biblioteca indefinida. (...) Nas suas referências culturais Carolina de Jesus coloca lado a lado sem sombra de excitação, o que nós não encontramos juntos habitualmente, salvo após um longo percurso explicativo. Assim, em seu texto, Nietzsche e Nostradamus são vizinhos tranquilos (PISA, citado por FERNANDEZ, 2019, p. 59)

Sendo assim, Carolina Maria de Jesus surgiu como algo novo para a Literatura Brasileira, uma nova experiência literária, trazendo uma forma diferente no modo de lidar com a língua e de se expressar, diferente no modo de colocar essa linguagem no papel, seja na forma como interrelaciona os gêneros literários, seja ao trazer em primeiro plano o sujeito negro e apresentar o ponto de vista e a vivência do sujeito historicamente marginalizado. Esses fatores caminham no lado oposto do instaurado pelo consenso colonizador (mantido pela elite) e desprende-se dele, contribuindo, no entanto, para o silenciamento e a marginalização da escritora.

A dimensão do silenciamento, contudo, não é só material - isto é, não se restringe às quase cinco mil páginas escritas de Carolina que, "guardadas", ainda não vieram a público. O silenciamento também se faz num âmbito sub-reptício, profundo, que diz respeito à dimensão da escuta, à maneira como Carolina Maria de Jesus é "capturada" enquanto autora: incluída na literatura como margem, ela sempre esteve na periferia do centro, inclusive do centro da ideia de literário (MIRANDA, 2019, p. 166).

A relação dos textos de Carolina Maria de Jesus com o canônico é destoante e isso contribuiu para sua exclusão do meio literário. Isso porque, de acordo com Lugarinho (2000, p. 258):

A formação dos cânones literários é devedora de uma política ostensiva de silenciamento. Já se compreende, com certa exaustão, que os cânones são formados, principalmente, a partir de elementos exteriores ao literário, de maneira que expressem algum conceito que a ele se sobreponha (cf. Jara & Talens 1987). Harold Bloom (1995), em contrapartida, defendeu que os

cânones são formados a partir de critérios estéticos que se apoiam sobre considerações ditas universais. A provocação de Bloom ao invés de intimidar, oferece uma rota segura de investigação na medida em que as formações discursivas que sustentam o edifício canônico forem submetidas às formações ideológicas.

Quanto à questão da crítica literária, há um movimento de abrangência de perspectiva ao compreender o texto literário. Segundo Lugarinho (2020, p. 255):

o texto literário deixou de ser o objeto privilegiado pelo crítico em favor do discurso literário, na medida em que as suas condições de produção é que passaram à ordem do dia. Da descrição das condições de produção passou-se a elaboração de uma crítica mais ampla, na qual a escritura literária não é mais o único objeto privilegiado de análise – esta se dá através do reconhecimento do nicho cultural ocupado pela obra e da sua capacidade de articulação com outros saberes a fim de que seja elaborada uma análise da cultura, da qual a obra emerge e para a qual se destina.

Com relação ao texto literário e a cultura, a pós-modernidade e o surgimento de mudanças sociais globais, houve o favorecimento do que se chama de “globalização cultural” (descentramento e deslocamento que inaugura novos espaços de protestos e produz mudança relevante nas relações entre a alta cultura e a cultura popular), bem como uma fascinação do pós-modernismo com as diferenças (cultural, sexual, racial, étnica) – silenciamento/voz dos marginalizados (HALL, 2003, p. 337). Em contrapartida, essa abertura ao diferente e ao marginal leva a uma reação contrária (resistência agressiva, busca pelos cânones da civilização ocidental, defesa do absolutismo étnico, racismo cultural, xenofobia) (HALL, 2003, 337). Abrem-se as possibilidades para os estudos pós-coloniais que se desenvolveram na perspectiva de compreender que “o colonialismo é um fenômeno histórico de mão dupla e que atinge tanto a cultura do colonizador quanto a cultura do colonizado” (LUGARINHO, 2020, p. 263). Neste sentido, pode-se pensar em uma crítica literária menos excludente:

Assim, os estudos pós-coloniais, mais do que uma disciplina ou ciência, é um campo abrangente de reflexão por onde a crítica transita e que tem por valor principal a construção de um olhar crítico, senão desprovido dos modelos tradicionais de investigação, mas problematizador de si mesmo, ao colocar em suspenso os seus próprios métodos investigativos. Além disso, deve-se frisar: o prefixo “pós” da expressão “pós-colonial” não representa um “depois”, no sentido cronológico linear; trata-se de uma operação de reconfiguração do campo discursivo, no qual as relações hierárquicas são significadas e ressignificadas (Ashcroft/ Griffiths/ Thiffins 1989: 2) (LUGARINHO, 2020, p. 263).

Ao adotar uma visão mais crítica com relação à hierarquização, os estudos pós-coloniais contribuem também com a superação de estereótipos diversos oriundos de paradigmas tradicionais:

Constituindo-se como uma evidente ruptura crítica, ao inverterem (e embaralharem) os polos de investigação e análise, os estudos pós-coloniais melhor representam a superação dos paradigmas críticos da tradição. Ao seu lado, e tão evidentes quanto eles, encontram-se os estudos feministas e os estudos de gênero, entretanto, por atingirem diretamente os conceitos mais caros da tradição crítica, a crítica pós-colonial conseguiram abrir fissuras mais visíveis na medida em que consegue envolver a discussão do gênero, da raça e da etnia, da classe social e da nacionalidade, dando relevo a todos esses marcadores de diferença. O cânone, apesar de todo o peso da tradição, deixa de estar a eles indiferente e passa a convocá-los, alargando-se (LUGARINHO, 2020, p. 263).

A fama passageira e o silenciamento de anos com relação às publicações de Carolina Maria de Jesus são debatidos hoje pelos pesquisadores que, principalmente a partir de 2014, quando se comemorou o centenário do nascimento da escritora, revisitaram seus textos, publicados ou manuscritos, e trouxeram à tona muitas questões, principalmente com relação à autoria negra, conforme questiona Miranda (2019, p. 169):

(...) há limites demarcados para a ficção de autoria negra? Por que quando se trata de autores negros cobra-se mais o dever (aquilo que o texto deve dizer), que o devir (de sentidos, à espera de interpretação)? O lócus enunciativo do autor define prévia e irredutivelmente os sentidos e alcances de um texto literário? Isso significa que, para fazer sentido, o leitor deve compartilhar esse lócus? Por qual razão essa definição incide de forma mais intensa nas textualidades de autoria negra, mesmo em tempos em que se defende que toda enunciação vem de algum lugar no tempo e no espaço, e que, por conseguinte, todo autor está situado?

Dessa forma, descortina-se a colonialidade imposta aos textos literários de escritoras negras e, principalmente, no caso de Carolina Maria de Jesus, a colonialidade que pretendia retirar dela o direito de ser considerada escritora, impor limites sobre como agir, como se vestir, sobre o que escrever, como escrever, qual gênero seguir, etc. Grada Kilomba (2019, p. 28) aponta a construção da escrita como “ato de descolonização no qual quem escreve se opõe a posições coloniais tornando-se escritora ‘validada’ e legitimada e, ao reinventar a si mesma, nomeia uma realidade que fora nomeada erroneamente ou sequer foi nomeada”.

Conforme já mencionamos no capítulo anterior, Carolina não se rendeu às imposições:

Carolina de Jesus jamais fala o que os outros querem ouvir, mas sim o que ela acha certo, baseando-se na sua experiência. É por essa e outras razões que considero Carolina de Jesus uma escritora decolonial, pois não se curva diante da força hegemônica/ideológica da opinião compartilhada da classe dominante nacional, branca e eurocentrada, que no fundo esperaria com condescendência e paternalismo que uma mulher negra, descendente de pessoas que haviam sido sequestradas do continente africano e escravizadas, reconhecesse a importância civilizatória da literatura “colonial” letrada, excludente dos corpos e saberes de matriz africana e indígena (CASTRO E FERNANDEZ, 2023, p. 268).

É diante da resistência de Carolina Maria de Jesus com relação às imposições que se destaca seu caráter decolonial. Ao analisar a trajetória, tanto literária quanto de vida da escritora, fica evidente o quanto tentaram cercear sua autonomia e ainda tentam. Diante disso, ao revisitar os manuscritos para a publicação de *Casa de Alvenaria*, em 2021, foi criado um Conselho Editorial, de modo que a publicação respeitasse, ao máximo, a literariedade que emana desde os manuscritos. Segundo Conceição Evaristo, escritora brasileira, e Vera Eunice de Jesus, filha de Carolina Maria de Jesus, que organizam o Conselho Editorial:

O Conselho Editorial entende que a inscrição e a incorporação sem ressalvas da obra de Carolina Maria de Jesus se iniciam a partir do modo como são olhados e tratados seus manuscritos. Sob essa perspectiva, o escopo do nosso trabalho foi recolher os textos de Carolina a partir dos originais e transcrevê-los da forma mais fidedigna possível. (EVARISTO E JESUS, 2021, p. 13-14)

Ao propor um novo olhar aos manuscritos (que ainda sofrem com o descaso público com relação ao armazenamento), no decorrer da impressão do livro, foram adicionadas imagens das páginas dos manuscritos, de modo que o leitor possa averiguar que realmente o texto possui a transcrição fidedigna do manuscrito, bem como pode ter, no mínimo, o contato visual com o texto original de Carolina Maria de Jesus, conforme demonstra a imagem:

FIGURA 03 – PRIMEIRA PÁGINA DE CASA DE ALVENARIA - VOL. 1, 2021

30 de Agosto de 1960. ^{Mudança}

Levantei as 6 horas preparando as roupas, fazendo trouxas para zarpar da favela. Fiz o café e fui comprar pão. pedi ao Chico para atender-me logo porque eu ia mudar.

- para onde?

- Vou ressidir em Osasco. Ele serviu logo. paguei e sai correndo.

Estava preparando os trastes quando chegou o senhor Paulino de Moura dono da livraria Boulevard. Vêio convidar-me para eu ir na sua livraria autografar os meus livros.

Eu disse. Ele que irei depois que agêitar a vida dos meus filhos porque, quando eu os deixo na favela os favelados maltrata-os.

TRANSCRIÇÃO:

30 DE AGOSTO DE 1960

MUDANÇA

Levantei as 6 horas preparando as roupas, fazendo trouxas para zarpar da favela. Fiz o café e fui comprar pão, pedi ao Chico para atender-me logo porque eu ia mudar.

- Para onde?

- Vou ressidir em Osasco.

Ele serviu logo, paguei e sai correndo.

Estava preparando os trastes quando chegou o senhor Paulino de Moura dono da livraria Boulevard. Vêio convidar-me para eu ir na sua livraria autografar os meus livros.

Eu disse-lhe que irei depois que agêitar a vida dos meus filhos porque, quando eu os deixo na favela os favelados maltrata-os.

FONTE: Jesus (2021, Vol. 1, p. 26)

A transcrição ao lado é exatamente o texto que foi publicado na página 27 do livro *Casa de Alvenaria*, 2021, Volume 1: Osasco. Neste trecho, é possível verificar que o Conselho Editorial manteve a acentuação utilizada por Carolina (“hóras”, “vêio”, “agêitar”); a grafia também foi mantida (“ressidir” ao invés de residir). Ao manter a grafia original, o Conselho Editorial afirma que, com esse trabalho cuidadoso, “a obra de Carolina possa ser apreendida em sua complexidade, grandiosidade e potência”, tendo em vista que seus escritos e forma própria de expressão “resguardam parte da oralidade passada de geração em geração como herança cultural transatlântica de todo um aparato geopolítico, ancestral e diaspórico mantido no tempo, revelando uma tonicidade que atravessa toda a sua obra” (CRISPIM *et al*, 2021, p. 3-4).

Para o Conselho Editorial que realizou a edição para essa publicação de 2021:

a primeira pergunta a ser feita é: por que continuar nomeando-a “semialfabetizada”, como corriqueiramente vemos por aí? Sua voz vem sendo associada ao erro, à falha, ao “quase”, à lógica do “escreve errado”, o que conduz uma parcela de leitoras e leitores — e também de professoras e professores — a se questionar: “Isto é literatura?”. Essas questões abrigam problemáticas que tocam fundo nosso sistema literário e sua estrutura

hegemônica e geram imenso desconforto, uma vez que afetam várias relações de poder cristalizadas nacionalmente (CRISPIM *et al*, 2021, p. 2).

Assim, com a transcrição mais próxima possível do manuscrito, abalaram-se as convenções que permaneciam cristalizadas e, muitas vezes, se mantinham imperceptíveis até para os pesquisadores que defendiam a escritora Carolina como uma resistência no meio literário nacional. Um exemplo disso foi a postagem de críticas realizadas nas redes sociais de pesquisadores que discordam da ação de manter a grafia original de Carolina. Um exemplo foi a postagem feita no Facebook pela pesquisadora Regina Dalcastagné. É importante mencionar aqui que se traz essa argumentação em contraditório não como forma de menosprezar o contrário, mas como uma indício que aponta a necessidade de promover o debate constante a respeito da ligação entre o literário com a norma padrão da língua, de modo a se questionar quem pode produzir literatura. Assim, logo após a publicação do livro *Casa de Alvenaria* (2021) foi publicada a seguinte opinião¹⁶:

É louvável a iniciativa de republicação da obra de Carolina Maria de Jesus pela Companhia das Letras. É importante reconhecê-la pelo que ela foi: uma grande escritora, entre as maiores do Brasil.

Mas discordo completamente da decisão de manter a gramática original de Carolina, com todos os seus muitos desvios da norma padrão da língua, sobretudo na ortografia.

Afirma-se que é para "resguardar a integridade da voz e da escrita" da autora.

Quando se trata de um escritor da elite, porém, o texto sempre passa por uma cuidadosa revisão. Ninguém acha que a "integridade" de sua voz literária está ligada a seus "erros de português".

Ao se reeditar a obra de um escritor do passado, a ortografia também é atualizada. O fato de que a edição grafa "fósforo" em vez de "phosphoro" não é considerado um atentado à dicção literária de Machado de Assis.

Parece que os escritores da elite devem ser lidos pelo que estão nos dizendo. Já Carolina deveria ser lida por sua inadequação - é isso?

A manutenção dos desvios gramaticais de Carolina se presta apenas ao intuito de exotizar sua escrita. Como se sua obra só pudesse ter valor quando a autora é singularizada como a avis rara: a favelada escritora.

A despeito de toda a retórica, a edição da Companhia das Letras aposta em manter Carolina Maria de Jesus nas margens da literatura brasileira, vista

¹⁶ A pesquisadora Regina Dalcastagné registrou sua opinião na sua página do Facebook (<https://www.facebook.com/regina.dalcastagne.3?mibextid=9R9pXO>) mas não está mais visível ao público, houve muitos comentários concordando com esse posicionamento. Pesquisadores que discordaram do ponto de vista de Dalcastagné publicaram seus argumentos contrários em páginas da internet.

como uma curiosidade. Não foi capaz de confiar na força e na beleza de sua prosa.

De minha parte, continuarei a revisar os trechos de sua obra sempre que for citá-los.

Assim, traz-se um debate necessário sobre o processo de edição que os autores “recebem” de seus editores e os reflexos dessa edição na obra. Com relação à Carolina, cabem aqui alguns apontamentos: sobre a expressão “todos os seus muitos desvios da norma padrão da língua, sobretudo na ortografia” - ao dizer que ela comete simplesmente “desvios” gramaticais e ortográficos, desconsidera-se seu processo de letramento, de aquisição da escrita, sua forma de expressar o mundo por meio de seu conhecimento adquirido partindo apenas de dois anos de estudos formais. Ao manter sua forma gramatical, lexical, suas construções sintáticas, respeita-se o seu esforço para adquirir uma língua tão distante das camadas populares e sua engenhosidade para se expressar por meio dela. Não se trata de simples correção de variação histórica da linguagem, trata-se de reparar os sujeitos que historicamente foram silenciados. Não se trata de tornar exótica sua forma de escrever, trata-se de valorização. O exótico é algo temporário, o que se pretende é a efetivação da valorização da escrita tal como ela é, viva e pertencente a todos, não apenas à elite, a eterna “dona” da norma culta e, como tal, ditadora de suas regras e mantenedora de ideologias que vão definir o que está no centro e nas margens. Confiar na força de Carolina é respeitar sua escrita tal como é, compreender seu processo de escrita, apresentando ao público “a engenhosidade” da escritora até então limitada por muitas edições realizadas até então. Ao adequar Carolina à língua padrão, considera-se apenas uma parte de sua engenhosidade, relacionada ao conteúdo, mas perde-se o todo envolto no ato de escrever.

Esse mesmo princípio de fidelidade à escrita manuscrita orientou a defesa de nosso ponto de vista: a publicação de Casa de alvenaria precisa trazer toda a engenhosidade de Carolina Maria de Jesus, representada em sua maneira de lidar com as palavras; suas construções frasais; seus modelos clássicos de linguagem, pelos quais a escritora tinha desejos e encantamentos; sua pertença aos lugares de falas populares; seu acento mineiro; seu estilo de pontuação; sua entonação oralizada, que ela intencionava transportar graficamente para o texto, e, por fim, sua fala nos moldes do “pretuguês” - termo cunhado e defendido por Lélia Gonzalez em “Racismo e sexismo na cultura brasileira”, de 1984, usado para assinalar que a língua falada no Brasil tem forte influência das línguas faladas pelos povos africanos aportados no território brasileiro, em consequência da escravização (EVARISTO E JESUS, 2021, p. 13-14).

A escritora também almejava atingir a linguagem dos clássicos (“pelos quais a ela tinha desejos e encantamentos”), por isso, verificou-se a utilização correta dos pronomes pessoais, como a ênclise (“atender-me”, “convidar-me”, “disse-lhe”, “maltrata-os”) e a próclise (“eu os deixo”). Carolina diferenciava também a linguagem utilizada nos diferentes gêneros. A linguagem do diário era mais coloquial, mais simples, enquanto que, ao escrever poesia e romances, ela buscava utilizar vocabulário mais rebuscado, adquirido com seu diversificado repertório de leituras. Carolina reconhecia seu esforço e alegava que gostaria de ter tido a oportunidade de ter estudado:

Citei-lhe que estou descontente com a literatura devido as criticas dos escritores violetas que tem muitos diplomas e continuam ocultos igual a violeta na grama. Que não cresce igual o eucalipto. Eu tenho dois anos de grupo, mas galguei igual o pinheiro.
Elas tem academia e continuam rasteiras. As criticas não habala-me. Mas eu devo dar o meu ceptro aos ilustrados aos academicos.
Não tive a sorte deles que puderam cursar escolas supérieures. Era o meu desejo estudar mas os desejos dos pobres ficam em pretensões. É igual a fumaça que desvanecem no ar (JESUS, 2021, Vol. 2, p. 164).

Este trecho revelou um pouco da engenhosidade de Carolina ao escrever seu texto, ao expressar suas emoções e sentimentos, mesmo no texto do diário, onde sabia que a linguagem poderia ser menos formalizada. Uma característica marcante de seu discurso é a construção de frases curtas, interligadas, que apresentam o ponto de vista da escritora de forma crítica e com humor, o qual denomino de enunciado-chave (já mencionado anteriormente neste trabalho). É “enunciado” com base na definição Bakhtiniana de unidade real da comunicação verbal inserida em um contexto discursivo, que procede de alguém e se dirige a um outro alguém, ambos inseridos socialmente e historicamente neste contexto (BAKHTIN, 1997, p. 293-294), ; é “chave” porque pode ser inferida com múltiplos sentidos: o que fecha um pensamento; o que leva a um conhecimento; uma base ou um fundamento; o que decifra algum problema ou enigma.

Assim, no trecho: “Citei-lhe que estou descontente com a literatura devido as críticas dos escritores violetas que tem muitos diplomas e continuam ocultos igual a violeta na grama ...”, citado anteriormente, podemos analisar enquanto enunciado-chave, destacando algumas características específicas. Uma primeira característica, a utilização de metáforas e comparações para caracterizar pessoas e/ou situações de conflito construídas com base em seu conhecimento de mundo, da observação da

natureza no espaço rural. É o caso da expressão metaforicamente utilizada contra quem lhe tece críticas, os “escritores violeta”: estes, apesar de tanto estudo, são imperceptíveis como violeta na grama. Já ao referir a si mesma, ela se compara ao pinheiro que, mesmo com pouco estudo, destaca-se imponentemente na natureza/vida. O fato de se ter estudo, deveria afastar os acadêmicos do chão, mas estes continuam “rasteiros”, característica de plantas que se desenvolvem próximas do chão. Uma segunda característica é a multiplicidade de sentidos de uma palavra, como “rasteiro” que também pode significar o que dá rasteira, derruba alguém. A terceira característica do enunciado-chave é a crítica com tom de humor: mesmo sendo rasteiros, Carolina entregou para eles “seu cedro” (objeto de realeza, ela estava no auge da fama) uma alusão ao valor que ela dava aos estudos já que eles tiveram a sorte de estudar, coisa que, para ela, era algo muito distante, já que os pobres não podiam ter “pretenções”, pois eram como a “fumaça no ar”, ou seja, seus sonhos não podiam se concretizar.

Seguem alguns outros exemplos de enunciados-chave que encontramos no decorrer dos relatos de Carolina Maria de Jesus em *Casa de Alvenaria* (JEJUS, 2021, Vol. 2):

O que eu sei dizer é que eu sai da agua tepida e cai na agua fervente. Que vida desgraçada a que eu levo atualmente! (p. 37)

Homem culto igual ao senhor Cesar de Alencar, dá gosto compra-lo a prestação e paga-lo a vida toda! (p. 42)

Preparei o almoço para os filhos. O feijão ficou salgado. Fiquei com dó de estraga-lo com tanto sal porque o feijão, atualmente, está ostentando corôa de rei. (p. 54)

Tenho a impressão que sou um planêta que despreendeu-se do limo e sou novidade na terra. (p.62 63)

Eu tenho muitos livros. Eles olha os meus livros com desprêso. E olham as garrafas de bebidas com afeto. (p. 68)

Eu não escrevi estou revolt-*/ada com a minha vida que é semelhante um mastro que ocila ora a direita, ora a esquerda e não obedece o prumo. Crêio que enquanto eu viver hei de dizer: que não ha coisa pior na vida, do que a própria vida. (p. 134)

Fiquei triste. Parece que a tristêza, é a sombra do poeta. - Todos os dias os aborrecimentos vem visitar-me. (p. 231)

Reconheço que sou debutante na vida burguêsa. Estou conhecendo os tipos de dupla personalidade. Malandros fantasiados de honestos. (p. 319)

Preto e branco não acertam o passo, dançando esta musica que se chama vida. (p. 482)

Só os pobres os favelados é que não espolia ninguém. Espolia as latas de lixo. (p. 482)

Infelizmente vemos as pessoas, mas, não vemos a consciência. (p. 485)

Quando a Vera entrou com o pão parece que a casa ficou mais bonita porque, no preço que está os gêneros de primeira necessidade, os gêneros tem a semelhança de flores. E das joias. (p. 486)

Com esses enunciados-chave, percebemos como Carolina Maria de Jesus expressa seus sentimentos e pontos de vista de forma única. Considera-se importante que o leitor possa ter oportunidade de conhecer essa engenhosidade com a mínima intervenção possível de seus editores que, muitas vezes, não puderam/não quiseram/não consideraram suas especificidades linguísticas e literárias em detrimento do preconceito racial, social e linguístico instituído.

Para Castro e Fernandez (2023, p.272):

A literatura de Carolina de Jesus aparece imbuída de uma materialidade que vai além da crítica literária para ampliar sua interpretação. A análise sociológica-linguística precisa entrar em cena para que possamos ter um olhar capaz de reconhecer fatores ligados aos meios de vida e à organização social de grupos subalternizados. É necessário ir além do que estamos acostumados para entender, reconhecer e valorizar uma nítida sublimação de normas, valores e tradições. Tanto é assim que, no auge de seu reconhecimento, a escritora teve que driblar diversas tentativas de silenciamento e negação de sua produção literária, em geral sob o argumento de uma escrita fora dos padrões exigidos pelos beletistas e defensores da linguagem clássica.

Adotar apenas o clássico como literatura é deixar de considerar a riqueza da língua, da cultura, da história do povo; realmente, é necessário ir além do que foi instituído consensualmente como padrão para entender a importância de se democratizar o literário enquanto direito a todos de se expressar artisticamente, principalmente, derrubar as barreiras impostas que marginalizam o que é considerado fora do padrão, a exemplo da resistência das produções de Carolina Maria de Jesus.

Buscar entender o universo da escrita de Carolina Maria de Jesus é deparar com uma criação muito peculiar de um discurso literário em que o processo da escrita precisa ser pensado para além do que a gramática, os dicionários, os livros escolares, os mestres da língua portuguesa, o sistema de ensino da língua e a escola permitem e oferecem. É preciso considerar fundamentalmente que estamos diante de um registro literário produzido por uma pessoa cuja construção do processo de letramento se deu de maneira muito especial: os caminhos da aprendizagem da leitura e da escrita trilhados por Carolina foram marcados mais por um autodidatismo do que pela frequência à escola. As lições recebidas no ambiente formal de ensino, isto

é, na escola, somaram-se dois anos apenas, correspondentes às etapas iniciais do processo de alfabetização (EVARISTO E JESUS, 2021, Vol 1, p. 12-13).

É necessário ir além das convenções para compreender essa língua viva, socialmente e historicamente forjada, que Carolina traz em seu discurso. É importante considerar que a exclusão de Carolina Maria de Jesus, bem como da maioria da população negra de sua época, do conhecimento sistematizado disponibilizado no espaço escolar não deve ser romantizada, conforme propõem Evaristo e Jesus (2021, Vol. 1, p. 13):

Como se trata de alguém que enveredaria, mais tarde, pelos caminhos da literatura, essa experiência autodidática não deve ser romanceada nem desprezada, mas sim investigada: o modo como Carolina conseguiu criar métodos tão singulares de apropriação da língua portuguesa para construir uma competência própria para a escrita. Nesse sentido, o autodidatismo de Carolina e a temática por ela adotada constituem-se como pontos diferenciais profundos de sua obra em relação à literatura que estava sendo produzida em sua época, nos anos 1960. Pode-se afirmar, porém, que Carolina Maria de Jesus, produzindo a partir de uma capacidade adquirida por um processo autodidático, cria uma tradição literária em que sujeitos da escrita, tendo ou não certificados escolares, mas sempre letrados, fazem da leitura e da escrita práticas sociais que lhes possibilitam se colocar na sociedade em que vivem e inclusive criticá-la.

O processo de letramento vai além do simples aprender a ler e escrever as palavras, remete à competência de leitura e compreensão do mundo em todos os tempos, passado, presente e futuro. Carolina Maria de Jesus compreendia seu processo de escrita:

30 DE NOVEMBRO DE 1960

(...) Pensei: Até quando esta polemica de pretos e brancos, tem tanto espaço no mundo para viver. O homem não é eterno. Na sua trajetória terrestre devem procurar viver em paz. O homem tem o dever de iducar a sua mentalidade para o bem, o belo, e puro. E não cultivar o rancôr contra o semelhante. Quando me foi dado falar agradei as homenagens. Enalteci os pretos gauchos que estão elevando-se instruindo-se. Os cultos tem um lugar ao sol. A raça preta não deve ser indecisa. Não projetar, mas procurar realizar concretisar, só [**] os ideaes Declamei as "Noivas de maio". - O prefeito gostou da poesia. A poesia tem êrros gramaticaes. Não ha possibilidade de correção. É uma advertência social (JESUS, 2021, Vol. 1, p. 153).

Neste trecho, Carolina Maria de Jesus apontou que tinha conhecimento de que a poesia possuía erros gramaticais, mas advertiu que “não há possibilidade de correção”, permitindo ao leitor abrir um leque de inferência sobre a “advertência social” a qual remetia: seria sobre a condição da mulher, ou a respeito do não acesso ao ensino, ou sobre as dificuldades do casamento, etc.

Além disso, desde a produção da poesia “Noivas de maio”, é possível afirmar que ela continuou em constante letramento, o que possibilitou que sua visão com relação à mulher e ao seu modo de escrever poderiam ter se modificado, porém, a poesia produzida se manteria como tal:

E quem lê Carolina confundindo a condição social que ela enfrentou com o seu gesto de criação corre o risco de perder os múltiplos sentidos de sua obra. Ela foi incansável na sua busca por um modo melhor de dizer, de melhor se expressar e de melhor escrever. Tudo em Carolina Maria de Jesus era movimento, era procura, era movência. Uma leitura atenta de *Casa de alvenaria* nos permite perceber como a linguagem de Carolina foi se modificando, aproximando-se da “norma aceitável”, pois ela mesma ia aparando, ajeitando, estudando e corrigindo o seu texto. Da mesma forma que sua escrita ia se modificando, suas análises sobre o social e a questão racial também mudaram (EVARISTO E JESUS, 2021, Vol. 1, p. 17).

Para o leitor, ter acesso a esse “movimento” de Carolina Maria de Jesus de aprendizagem, a essa “movência” pelo aprendizado, de diferenciação no modo da escrita, permitiu que ele mergulhasse também neste processo de crescimento, trazendo um duplo movimento de pertencimento ao mundo literário: tanto para a escritora quanto para o leitor.

Quando lemos a obra da escritora, apreendemos a imagem de uma mulher em sua errância, em sua busca por um espaço, porém ela não cabia em lugar algum, pois os espaços eram pequenos e incompreensíveis para com ela. Carolina Maria de Jesus, ave sem pouso, talvez tenha passado a vida procurando um lugar tanto físico como simbólico para se aninhar, uma peregrinação que começou na infância, quando diz: “Dêsde os meus sete anos que estou procurando um local para estacionar e dizer: 'aqui eu estou bem!'" (CA-Santana, p. 86). Talvez, Carolina, só agora sua errância a conduza a um lugar que é todo seu: a inscrição de seu nome, de sua obra, na literatura brasileira. (EVARISTO E JESUS, 2021, Vol. 1, p. 18).

A Literatura é o lugar de Carolina Maria de Jesus, Literatura brasileira. Ela não está mais à margem de nada. Quem insistir no marginal, demonstra desconhecer sua potencialidade e, com isso, reproduz preconceito, ao manter locais historicamente instituídos que sempre excluíram o sujeito negro e, pior ainda, não aceitaram sua integração no espaço que lhes é direito.

Ler Carolina Maria de Jesus como literatura, colocá-la ao lado de nomes consagrados, como Guimarães Rosa e Clarice Lispector, em vez de relegá-la ao limbo do “testemunho” e do “documento”, significa aceitar como legítima sua dicção, que é capaz de criar envolvimento e beleza, por mais que se afaste do padrão estabelecido pelos escritores da elite (DALCASTAGNÉ, 2012, citado por SANTOS, 2018, p. 18).

A genialidade de Guimarães Rosa com as palavras propiciou que ele criasse/reproduzisse personagens populares de extrema complexidade e riqueza, como Riobaldo, Diadorim, Ze Bebelô, Joca Ramiro, mas, infelizmente, nem todos se enveredaram no enredo de *Grande Sertão: Veredas*. Graciliano Ramos, em *Vidas Secas*, nos permite conviver com a família de retirantes nordestinos com tamanha precisão de detalhes que emocionam o leitor e o faz mergulhar na seca nordestina, acompanhando as dificuldades e sofrimentos da família que sofre também com a “seca” de humanização. Clarice Lispector também leva o leitor a conhecer sentimentos que vêm do interior de seus personagens de modo que o leitor vivencie esses sentimentos. A Literatura permite que a ficção recrie a realidade, essa permissão deve ser atribuída a todos. Ou estaremos lidando apenas com a hipocrisia literária, já que nem tudo a imaginação humana alcança.

Evitem certos tipos, certos ambientes. Evitem a fala do povo, que vocês nem sabem onde mora e como. Não reportem povo, que ele fede. Não contem ruas, vidas, paixões violentas. Não se metam com o restolho que vocês não veem humanidade ali. Que vocês não percebem vida ali. E vocês não sabem escrever essas coisas. Não podem sentir certas emoções, como o ouvido humano não percebe ultrassons. (ANTÔNIO, 2001 [1986], citado por DALCASTAGNÊ, 2021, p. 110)

A Literatura, assim como permite que os observadores do povo falem dele, de seu ponto de vista, criando personagens populares, deve permitir que o próprio povo possa apresentar seus personagens experienciados na imersão do local de fala, sem marginalizá-los ou estereotipá-los quando isso ocorrer.

2.2 UMA ESCRITORA COM MÚLTIPLAS FACES

Sobre o estudo do material não publicado de Carolina Maria de Jesus, Silva (2019, p. 4) vê “a proposta de que através dos arquivos emergja uma outra autora” pois, segundo ela, “há algo ainda inexplorado, que os leitores devem ter a oportunidade de conhecer sobre Carolina Maria de Jesus”. Cabe ressaltar que não se trata de uma nova autora, mas sim, de novos olhares sobre sua obra:

Há uma sugestão de potência analítica, de miradas alternativas. Não surge necessariamente, por enquanto, uma nova autora desses papéis. Contudo algo mais podemos conhecer da já familiar Carolina de Jesus e, como qualquer outro escritor, ter anseio pelo saber integral de sua obra, em condições adequadas, dignas de cidadania literária e social (SILVA, 2019, p. 5).

É justamente essa cidadania literária e social que se buscou ao analisar o processo de edição dos textos publicados de Carolina, permitindo que as várias facetas da escritora fossem percebidas e não apenas a “escritora favelada de diários”. Segundo Fernandez (2019, p. 33):

A revelação de uma Carolina de Jesus artista, para além de uma história singular, procurando definir a escritora no plano estético da arte que reafirma o direito à literatura, estendendo-o ao direito da criação literária. Reconhecimento do artista não como exaltação, mas como valor e, na dignidade da criação artística por ele realizada, merecedora do trabalho para além do crítico, sendo capaz de juntar a escritora com Baudelaire de *Le vin de chiffonniers*, entre outros...

Partindo para as considerações da crítica genética, Calvino (1990), citado por Salles (2008, p. 11) “arte não é só o produto considerado “acabado” [...] a obra consiste na cadeia infinita de agregação de ideias, ou seja, na série infinita de aproximações para atingi-la”. Segundo Salles (2008, p. 14):

Os estudos genéticos nascem de algumas constatações básicas. Na medida em que lidamos com os registros que o artista faz ao longo do percurso de construção de sua obra, ou seja, os índices materiais do processo; estamos acompanhando seu trabalho contínuo e, assim, observando que o ato criador é resultado de um processo. Sob essa perspectiva, a obra não é, mas vai se tornando, ao longo de um processo que envolve uma rede complexa de acontecimentos. A obra é, portanto, precedida por um complexo processo, feito de ajustes, pesquisas, esboços, planos, etc. Os rastros deixados pelo artista de seu percurso criador são a concretização desse processo de contínua metamorfose.

Assim é o trabalho realizado por Carolina Maria de Jesus, um “complexo processo”. Esse processo único de criação literária é chamado por Fernandez (2019, p. 8) de “poética de resíduos”:

Em toda a obra de Carolina de Jesus, sobretudo em seus manuscritos inéditos, pode-se acompanhar uma tensão discursiva que encaminha o leitor para o que se denominou uma “poética de resíduos”, oriunda da condição de marginalidade a partir da qual ela escrevia. Atentando para as passagens realistas, pode-se ver que põem elementos notáveis em atrito com aqueles mais propriamente românticos, revelando as múltiplas facetas da escritora.

É sob esse viés de respeitar o direito à criação literária da escritora Carolina Maria de Jesus que, em 2021, foi publicada uma segunda versão de *Casa de Alvenaria*, pela editora Companhia das Letras, mas, dessa vez, conforme já mencionado, sem a interferência de um único editor, como ocorreu em 1961. A nova publicação compôs a “Coleção Cadernos de Carolina” e contou com um Conselho

Editorial, constituído por seis mulheres que se debruçaram sobre os manuscritos e os publicaram integralmente, mantendo as palavras grafadas, como Carolina colocou nos manuscritos de modo que o leitor conhecesse a linguagem, a forma e o estilo próprios de Carolina. Isso foi abordado aqui anteriormente, e o principal intuito do Conselho Editorial foi valorizar o texto publicado que há muito vinha perdendo com edições que omitiam a potência e a resistência de Carolina Maria de Jesus.

Cabe ressaltar que, até mesmo a nova edição da *Casa de Alvenaria*, publicada em 2021, tomada como um dos objetos de análise, não é uma versão definitiva de seu diário. Segundo a nota sobre a edição do livro:

Ainda há escritos inéditos deixados por Carolina, muitos dos quais permanecem dispersos. As transcrições destes diários se basearam nos cadernos que estão sob a guarda do Museu Histórico Municipal - Corália Venites Maluf, em Sacramento. A obra de Carolina é viva e permanece em construção, de modo que é possível que se encontre, no futuro, mais material correspondente ao período abarcado por esta edição de Casa de alvenaria (JESUS, 2021, Vol. 1, p. 8)

Sendo assim, não só há “movência” na autora, mas também na sua obra, havendo sempre a expectativa de surgir outros textos que possam aumentar a dimensão do que conhecemos sobre sua obra/vida/trajetória que surgem interligadas. Além da questão da mobilidade de sua obra, que pode ser enriquecida por algum manuscrito que reaparece, os escritos de Carolina inspiraram outras produções. É importante o conhecimento de que a voz dela eclodiu em muitos países, inspirando e influenciando inúmeras mulheres. Conceição Evaristo afirmou que Carolina criou uma tradição literária, é o que trataremos nesta unidade, mostrando exemplos de escritores que dialogam com Carolina Maria de Jesus ou que se inspiraram nela:

Em Um quarto só seu, a escritora inglesa Virginia Woolf pontificava que uma mulher, se quisesse se tornar escritora, deveria contar com, no mínimo, um espaço próprio e uma renda que hoje equivaleria a algo como 4 mil reais por mês. Mas ela estava errada. A escritora brasileira Carolina Maria de Jesus mostrou que, na verdade, uma mulher que queira se tornar escritora precisa apenas de um caderno, nem que seja achado no lixo, para despejar sua palavra e para não se apagar, sufocada, num quarto de despejo. Carolina fez isso: quebrou as paredes que separam o universo literário dos escritores oriundos das classes populares e das periferias (COSTA, 2021, p. 32).

Como exemplo dessa inspiração, há o livro *Cartas a uma negra: Narrativa antilhana*, escrito por Françoise Ega (1920-1976), escritora Martinicana que trabalhou como diarista e atuou como defensora de imigrantes caribenhos na França. O livro foi publicado, postumamente, em 1978, é estruturado com capítulos em forma de carta,

com datação (iniciada em maio de 1962 até 23 de junho de 1964). A narradora, em primeira pessoa, dialogava com Carolina, contando as situações que ocorriam com ela e com sua família, durante seu dia a dia e também narrava o que ocorria com outras pessoas; o ambiente se localizava na França, e destacamos os espaços onde a narradora trabalhava, denunciando a forma como as mulheres negras eram tratadas pelas patroas ao realizar seu trabalho como empregadas domésticas ou cozinheiras na França, sendo estas mulheres provenientes das ilhas da América Central.

Maio de 1962

Pois é, Carolina, as misérias dos pobres do mundo inteiro se parecem como irmãs. Todos leem você por curiosidade, já eu jamais a lerei; tudo o que você escreveu, eu conheço, e tanto é assim que as outras pessoas, por mais indiferentes que sejam, ficam impressionadas com as suas palavras. Faz uma semana que comecei estas linhas, meus filhos se agitam tanto que não tenho muito tempo para deixar no papel o turbilhão de pensamentos que passa pela minha cabeça. Estou indignada. Uma jovem da minha terra me contou coisas sobre a sua vida na casa onde trabalha que jurei verificar (EGA, 2021, p. 5).

Segundo a narradora, ela escreveu para Carolina, mesmo não tendo lido seu livro, ela a conheceu pelas revistas. Não leu porque tudo o que ela escreveu já lhe era conhecido, fazendo referência ao fato de compartilharem as mesmas dificuldades da mulher negra para sobreviver e criar os filhos. A narradora também era movida à indignação ao que presenciava ao seu redor e se preocupava em denunciar isso. No trecho a seguir, há a narração de como ela conheceu Carolina e de como era sua rotina em casa:

Maio de 1962

Eu descobri você, Carolina, no ônibus. Levo vinte e cinco minutos para ir até meu emprego. Penso que não tem a menor serventia ficar se perdendo em devaneios no trajeto para o trabalho. Toda semana me dou ao luxo de comprar a revista *Paris Match*; atualmente, ela fala muito dos negros. Foi assim que conheci a sublime sra. Houphouët com seu vestido de gala. Eu não iria lhe dedicar as minhas palavras, ela não compreenderia. Mas você, Carolina, que procura tábuas para o seu barraco, você, com suas crianças aos berros, está mais perto de mim. Volto para casa esgotada. Acendo a luz, as crianças estudam, do jeito como se faz hoje em dia. Elas não têm muitos deveres de casa, seria cansativo demais, mas me contam o enredo, detalhe por detalhe, da última história em quadrinhos que foi lida na escola. Carolina, você nunca vai me ler; eu jamais terei tempo de ler você, vivo correndo, como todas as donas de casa atoladas de serviço, leio livros condensados, tudo muda rápido demais ao meu redor. Para escrever alguma coisa, preciso esconder meu lápis, senão as crianças somem com ele e com meus cadernos. Há noites em que os encontro bem fininhos. Já meu marido me acha ridícula por perder tempo escrevendo bobagens; por isso, ele esconde cuidadosamente sua caneta. Como você conseguia segurar um lápis com a criançada à sua volta? Para os meus filhos, sumir com um lápis é normal, sempre tem o da mãe ao alcance. Somente uma coisa os faz parar: quando digo que temos em casa apenas o dinheiro do pão, eles evitam, por um breve período, perder seus materiais. É sempre a mesma coisa, não importa o que

estejam fazendo. Só me resta esperar para ver quem aparecerá primeiro com os sapatos furados depois de jogar futebol (EGA, 2021, p. 6-7).

A narradora reconheceu em Carolina a interlocutora ideal e, mesmo sabendo que não seria lida, foi mantendo seu diálogo com ela. Não havia a apresentação de um nome para o “eu” que falou nas cartas, o leitor então poderia inferir que esse eu era o mesmo nome próprio da capa do livro, mas não havia certeza nenhuma nisso, apenas inferência. Diferentemente de Carolina, a narradora era casada e apresentou o posicionamento do marido com relação ao fato de ela resolver escrever: “meu marido me acha ridícula por perder tempo escrevendo bobagens”. Carolina muitas vezes mencionou que não se casou porque, dificilmente, um homem aceitaria uma mulher que vivia lendo e escrevendo. Ao fim da narrativa, percebemos algumas semelhanças, como o direcionamento social da mulher negra que impede que os sonhos sejam realizados: “Queria ser, queria ser....não tive tempo para ser nada, fizeram com que eu fosse”; a repercussão do texto escrito em busca do destinatário; e a esperança da mudança.

No Brasil, também encontramos relatos de pessoas que se inspiraram nos textos de Carolina Maria de Jesus, como é o caso da mãe da escritora Conceição Evaristo:

Nas páginas da outra favelada nós nos encontrávamos. Conhecíamos, como Carolina, a aflição da fome. E daí ela percebeu que podia escrever como a outra, porque ela era também a Outra... São lindos os originais de minha mãe, caderninhos velhos, folhas faltando, exteriorizando a pobreza em que vivíamos. Ali, para além de suas carências, ela se valeu da magia da escrita e tentou, como Carolina, manipular as armas próprias do sujeito alfabetizado (EVARISTO, 2011, p. 105 citado por DALCASTAGNÉ, 2021, p.189).

Este é o relato feito por Conceição Evaristo com relação aos escritos da mãe, que não foram publicados, mas serviram também de motivação para a filha, em uma cadeia de inspiração e motivação que tiveram em Carolina Maria de Jesus o pontapé inicial.

Apesar de suas muitas contradições, Carolina de Jesus serviu de modelo para muitas escritoras negras, como Conceição Evaristo, que a tomaram como inspiração para escrever suas histórias. Assim, graças também às muitas Carolinas de Jesus que lhe seguiram os passos, o reconhecimento de sua importância literária parece finalmente ter chegado, ainda que postumamente. Em 2020, a Universidade Federal do Rio de Janeiro concedeu-lhe o título de doutora *honoris causa* pela sua contribuição literária e artística e, em setembro de 2021, o Instituto Moreira Salles inaugurou a exposição *Um Brasil para os Brasileiros* que reúne manuscritos, fotos, documentos históricos e obras de arte inspiradas em sua escrita, com a

curadoria do antropólogo Hélio Menezes e da historiadora Raquel Barreto (CASTRO E FERNANDEZ, 2023, p. 270).

Em 2020, a FLUP (Festa Literária das Periferias) homenageou Carolina Maria de Jesus com o tema: “Uma revolução chamada Carolina”. Desta homenagem, foi publicado o livro *Carolinas: a nova geração de escritoras negras brasileiras*. Na apresentação do livro, Miranda apontou:

Carolina Maria de Jesus é um signo. Uma mulher preta insubmissa. Altaneira. Um caminho luminoso que se abriu na mata fechada. Uma clareira. Uma revolução.
Sabe dela quem sabe das bifurcações de cada gesto, quem sabe dos desafios de si, quem colhe vento de mudança porque antes lutou pelas mudas de ousadia. Carolina é uma estrada.
Sua grande marca na literatura é aquela que sinaliza a nossa cor, a nossa cara, a nossa resistência, a nossa herança. De tudo que ela nos deixou, ficou principalmente o sim, eu escrevo.
- Sim, eu escrevo. E mais: Na minha opinião, escreve quem quer (2021, p. 16).

Nesse viés de motivação literária, o livro *Carolinas* trouxe textos de cerca de 200 mulheres que dialogaram com Carolina Maria de Jesus e apresentaram suas histórias, de formas variadas, em uma proposta ousada. A ousadia está em cruzar os diversos pontos de partida (das autoras estreantes) e os pontos de chegada (das autoras maduras) dentro do “eu” feminino negro, com diversos estilos e gêneros textuais. Segue o trecho de um texto publicado:

MINHA CARA CAROLINA

EDILAINE GONÇALVES (NANÁ)

Hoje quero falar... Falar para a senhora dona Carolina.
Eu nunca morei na favela, mas após meu primeiro despejo fui parar no Capuava, em Mauá, bem próximo à cooperativa... Fui com meu filho pré-adolescente enfrentar este lugar onde drogas, bebidas, roubos, furtos, era comum presenciar... Minha cara Carolina, seriam diferentes nossas histórias? Talvez...!? Com filho, eu precisava ser responsável por sua criação e não deixá-lo se envolver com más companhias; sendo eu a provedora do alimento e tudo o mais... usei de algumas estratégias. Ia buscá-lo no ponto do ônibus quando saía da escola e coloquei meu filho para fazer alguns compromissos de crianças, com hora marcada: jogar bola num campo que reunia jovens da periferia, sempre contando com minha presença, na ida e na volta.
Este período foi um dos mais difíceis enfrentados. Eu havia tentado suicídio 28 vezes, por achar que nada mais tinha sentido por causa desse desemprego, da falência, seja financeira e familiar. E ainda era depressiva. Buscava o máximo possível me manter firme para que não destruísse a única base familiar que eu tinha.

Assim, em primeira pessoa, as histórias de sofrimento, de superação, de esperança, de luta das mulheres e mães negras foram sendo externadas ao público. Para concluir, traz-se aqui novamente um trecho de *Casa de Alvenaria* onde Carolina

Maria de Jesus relata o que observou em um restaurante chique do Rio de Janeiro, em uma viagem feita para divulgação de *Quarto de Despejo* (1960):

3 DE DEZEMBRO DE 1960

(...) Eu não estava trajada a rigor. Mas a minha fama impede que observem os meus trages. Uma voz masculina cantava uma canção sem graça. Eu estava ansiosa para deixar aquele restaurante, da a impressão que aquelas madames vão exhibir seus ricos toiles cada qual querendo ser mais chic do que a outra. Vi um preto alto e fino parecendo pêixe espada. Se havia possibilidade de arranjar-lhe um livro joi lêio el português. As mulheres que sentavam na minha mēsa falavam de refórma social:

- Não é justo dêixarmos os favelados relegados no quarto de despejo. Você fez bem nos alertar para este problema. Temos que amparar os infaustos. Os cultos devem velar e orientar os incultos. Você demonstrou coragem lutando para sair daquele antro.

Eu pensava: elas são filantropicas nas palavras, mas não agem. São falastronas, papagaios noturnos. Quando avistam-me, é que recordam que ha favelas no Brasil. Quando eu morrer, o problema será olvidado como decreto de politico que vão para as gavêtas. Será que surge outras Carolinas? Vamos ver! (JESUS, 2021, Vol. 1 p. 170)

O trecho é constituído de críticas à futilidade da classe rica e à filantropia hipócrita. Carolina queria sair logo daquele lugar e sabia que só mencionaram o pobre porque ela estava ali, logo, a pobreza não seria mais lembrada. Nisto consistia a preocupação de Carolina: se ela seria lembrada, se outras Carolinas surgiriam para continuar as denúncias, por meio da literatura, de modo a mudar a infausta vida do pobre brasileiro. Carolina Maria de Jesus deu o passo inicial. As gerações que se seguem buscam nas palavras dela a motivação para seguirem na luta contra a desigualdade e pelo direito à literatura.

2.3 A QUESTÃO DO DIÁRIO

O diário é uma tipologia textual vizinho da autobiografia, segundo Lejeune (2014, p. 17). O referido autor partiu da definição de autobiografia para depois apontar o que seria o diário, sendo a autobiografia uma “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história, individual, em particular a história de sua personalidade” (LEJEUNE, 2014, p. 16). É necessário conter quatro categorias, segundo o autor, para o enquadramento na autobiografia:

1. *Forma da linguagem:*

a) narrativa;

b) em prosa.

2. *Assunto tratado:* vida individual, história de uma personalidade.

3. *Situação do autor:* identidade do autor (cujo nome remete a uma pessoa real) e do narrador.

4. *Posição do narrador:*

a) Identidade do narrador e do personagem principal;

b) perspectiva retrospectiva da narrativa.

Nessa categorização realizada com base na forma de linguagem, no assunto, na situação do autor e na sua posição, para Lejeune (2014), o diário apenas se diferencia da autobiografia quanto à posição do narrador, sendo que esta normalmente ocorre em uma perspectiva atual do relato e não em retrospectiva, como ocorre na autobiografia. Segundo o autor:

Uma entrada de diário é o que foi escrito num certo momento, na mais absoluta ignorância quanto ao futuro, e cujo conteúdo não foi com certeza modificado. Um diário mais tarde modificado ou podado talvez ganhe algum valor literário, mas terá perdido o essencial: a autenticidade do momento. Quando soa a meia-noite, não posso mais fazer modificações. Se o fizer, abandono o diário para cair na autobiografia (LEJEUNE, 2014, p. 17).

Os diários publicados de Carolina Maria de Jesus possuíam particularidades que acabavam enquadrando-os mais no gênero autobiográfico:

No caso dos diários publicados de Carolina Maria de Jesus, há duas questões que contribuem para que as publicações sejam consideradas “autobiografias”. A primeira diz respeito à motivação da escrita que, muitas vezes é realizada como uma construção consciente e proposital, com intenção futura de ser um meio de melhoria de suas condições de vida – “Faz tempos que eu pretendia fazer o meu diário. Mas eu pensava que não tinha valor e achei que era perder tempo” (JESUS, 1963, p. 26), o que atesta que a maioria dos relatos publicados não ocorre “na mais absoluta ignorância quanto ao futuro”. A segunda questão diz respeito à edição feita nos textos manuscritos para a publicação, que subtraiu muito da essência e da originalidade do conteúdo dos cadernos manuscritos de Carolina Maria de Jesus (SILVA, 2029. p. 57-58).

Assim, havia a intencionalidade da publicação dos seus relatos, e o foco que, muitas vezes, saía do particular para o coletivo ou para o outro que a rodeava, sendo este citado como personagem de seu relato, como é possível perceber no trecho a seguir:

7 de fevereiro de 1961

... Estou atrasada no Diário o Paulo Dantas disse-me que eu estou atrasada. Todos já entregaram os originaes so eu. Falta so o meu livro. Não quero continuar escrevendo Diário, é uma lêitura grosseira. Eu tenho que ser

imparcial passei o dia escrevendo e lavando as roupas dos filhos (JESUS, 2021, Vol. 2, p. 134).

É sabido que Carolina Maria de Jesus ficou conhecida em 1960 com a publicação de seu primeiro diário: *Quarto de Despejo - Diário de uma favelada*. A recepção desse diário foi fenomenal, com repercussão mundial, com o livro ficando no topo das vendas por semanas. Enquanto escritora, ela queria poder seguir com seu “ideal literário” e produzir outros gêneros, mas a insistência dos seus editores em mantê-la presa a esse tipo de texto, revelaram, desde o início, a estereotipação da escritora, por ser negra, pelo pouco estudo formal e por recém ter saído da favela: “Citei ao José Pinto que estou com receio de escrever contra ao nucleo que estou mesclada. Ele disse-me que não ha pirigo. Se eu mudar o estilo serei criticada pelo publico. O meu sonho é sumir de São Paulo, ir para o campo. Não é egoismo é ideal (JESUS, 2021, Vol. 2, p 220).

Sobre o Diário, Lejeune (2014, p. 297) apontou:

QUEM MANTÉM UM DIÁRIO?

Na França, atualmente, quem mantém um diário? É difícil dizer, por diversas razões.

É uma atividade discreta. Pode-se manter um diário em casa ou no avião. Mas, em geral, isso é feito longe do olhar dos outros, escondido da família.

É também uma atividade passageira, ou irregular. Mantemos um diário durante uma crise, uma fase da vida, uma viagem. Começamos, largamos, reencontramos o diário... São raras as pessoas que se obrigam durante um período longo a escrever diariamente, anotando o máximo possível de coisas. A maioria dos diários segue um tema, um episódio, um só fio de uma existência. Uma vez virada a página, esquecemo-nos dele, às vezes, o destruimos...

Carolina Maria de Jesus começou a escrever seu primeiro diário em 1955 e já tinha um objetivo com ele: conseguir dinheiro para sair da favela e dar uma condição melhor para os filhos. Desde o início, ela não tinha a intenção de manter seu texto como uma atividade “discreta”, “longe do olhar dos outros”, visava mesmo a publicação dele, a dizer a todos o que passava no seu dia a dia, aí já temos a primeira distinção com relação ao diário de Carolina Maria de Jesus. A segunda questão divergente com relação ao gênero diário, refere-se ao tempo de escrita, conforme já mencionado: “Começamos, largamos, reencontramos o diário...” - não foi isso que ocorreu com Carolina Maria de Jesus. Ela teve que manter sua escrita, mesmo a contragosto, “Não quero continuar escrevendo Diário”, ela não pode “virar a página” e seguir sua produção literária. Uma terceira questão é com relação à natureza da

produção, ele era feito sob encomenda, não a sua vontade (“São raras as pessoas que se obrigam durante um período longo a escrever diariamente”, Carolina Maria de Jesus se via obrigada), seguindo a vontade dos editores, o que resultava em um tratamento especial com o que seria dito, “Eu tenho que ser imparcial”.

10 de março de 1961

Levantei disposta a deixar São Paulo. Eu não gosto de escrever Diário. É uma leitura rude. Mas o Audalio obriga-me. Preterindo o que escrevo ao natural. (...)

Eu estou nervosa. Quero escrever romances dramas e tenho que escrever Diário. Não gosto deste tipo literário.

Os filhos almoçaram comida que sobrou de ontem. Sai com o Jose Carlos. Está chovendo. Fui a redação procurar os cadernos. Eu não quero escrever porque eu não gosto de Diário. É horrível fazer o que não gostamos. Da impressão que sou escrava.

Eu tenho o pensamento literário ao natural, não preciso escrever Diário. Não casei com ninguém e vivo dominada por este tal Audálio Dantas. Já estou enjoada desta vida atabalhoada (JESUS, 2021, Vol. 2, p. 218).

Novamente, vemos que Carolina Maria de Jesus queria deixar de escrever o diário, por se sentir escravizada. Para ela, escrever ao “natural” é seguir a inspiração, sem se preocupar com direcionamento do texto, se o que está escrevendo vai afetar alguém, como ocorre com o diário.

14 DE FEVEREIRO DE 1961

Levantei as duas da manhã para escrever. Este tipo de literatura que é o diário, cansa muito. Escravisa o escritor. Não aconselho ninguém adotar este estilo literário. Tem pessoas que diz que eu não sou escritora. Quem escreve qualquer coisa é escritor. Mas eu não impressiono com estas fracas considerações (JESUS, 2021, Vol. 2, p. 165).

A escrita do diário, para Carolina Maria de Jesus, encarcerou-a de duas formas: prendia o tempo dela já que ela não podia escrever livremente sobre o que queria e dificultava seu reconhecimento enquanto escritora. Ainda sobre as características do Diário, Lejeune (2014, p. 300) diz:

A base do diário é a data. O primeiro gesto do diarista é anotá-la acima do que vai escrever. "Quarta-feira, 2 de março de 1898", escreve Catherine Pozzi. Johann Heuchel é ainda mais preciso: "5. 4. 91 - sexta-feira, dez para a meia-noite." Chamamos "entrada" ou "registro" o que está escrito sob uma mesma data. Um diário sem data, a rigor, não passa de uma simples caderneta. A datação pode ser mais ou menos precisa ou espaçada, mas é capital. Uma entrada de diário é o que foi escrito num certo momento, na mais absoluta ignorância quanto ao futuro, e cujo conteúdo não foi com certeza modificado. Um diário mais tarde modificado ou podado talvez ganhe algum valor literário, mas terá perdido o essencial: a autenticidade do momento. Quando soa a meia-noite, não posso mais fazer modificações. Se o fizer, abandono o diário para cair na autobiografia (LEJEUNE, 2014, p. 300).

A datação é vista nos diários de Carolina Maria de Jesus com datas que, às vezes, apareciam em sequência e, em outros momentos, ocorriam em espaçamento de tempo mais longo. Ao deixar os cadernos para passar pelas edições, abandonou-se o diário e passou-se para a autobiografia. Por isso, é importante o trabalho do Conselho Editorial do livro *Casa de Alvenaria*, publicado nos dois volumes de 2021, que decidiu pela interferência mínima no diário de Carolina Maria de Jesus. Lejeune apontou para alguns traços do diário que geraram preconceito com relação a este gênero, inferiorizando-o, por isso, justificando sua pesquisa sobre o gênero:

O diário é simplesmente humano. Tem suas forças e suas fraquezas. E as formas que assume, as funções que preenche são tão variadas que é bem difícil tratá-lo como um todo. Um dos objetivos desse livro é acabar com os preconceitos, que se baseiam muitas vezes em um conhecimento livresco, pouco extenso, e, às vezes, em inquietações provocadas em cada um de nós por nossa própria interioridade e pelo vertiginoso escoamento do tempo (LEJEUNE, 2014, p. 309).

Essa inferiorização do diário é percebida socialmente na insistência de manter Carolina Maria de Jesus como escritora apenas de diários. Até mesmo o título da publicação póstuma de seu livro de memórias foi caracterizado como diário: *Diário de Bitita*, 1986. Ao que parece, na visão dos primeiros editores, enquanto escritora favelada, o público aceitaria apenas o diário, dentro do contexto histórico em que se inseria (não tão diferente de hoje, infelizmente). A estreita ligação entre o texto e o autor traz para o texto a carga de preconceito a que se remete ao autor:

Na autobiografia, a pessoa autora se apropria da escrita para lançar um olhar retrospectivo sobre sua vida, selecionando momentos que considera relevantes para narrá-los de forma artística. A pessoa escritora constrói uma narrativa sobre si que possibilita à pessoa leitora se envolver com a história contada. Mais do que eventos acumulados cronologicamente, a autobiografia se constitui como alternativa de contar a própria história (storytelling), enquanto a pessoa escritora negocia os sentidos da narrativa e as interpretações sobre si mesma com o público leitor. Muitas vezes, as pessoas que escrevem autobiografias enfocam suas “epifanias”, momentos que considera cruciais em suas trajetórias pessoais, que as fizeram lançar um olhar crítico sobre si, suas práticas e interações a ponto de provocar transformações em sua maneira de agir, pensar e sentir (ADAM et al., 2011 citado por DANIEL, 2023, P. 51).

No entanto, a inferiorização do diário (e/ou da narrativa autobiográfica) ocorre no plano literário convencionalmente canônico, já que, na atualidade, é visto como um Gênero do discurso que “permite a vivência e a valorização da “diversidade de saberes e vivências culturais”, que por tantos anos foram tratados como não saberes por

currículos escolares atravessados e moldados por uma ideologia colonial” (CRISPIM *et al*, 2021, p. 3). Além disso, pela multiplicidade e diversidade de vozes que o constitui, o diário permite “o questionamento de “uma história única”, que abafou vozes, silenciou histórias, deslegitimou elaborações linguísticas que fugiam do modelo estabelecido como padrão e viabilizou o fortalecimento dos preconceitos e das desigualdades raciais” (idem).

Ao escrever sobre sua vida cotidiana, Carolina denominava o gênero como diário, no entanto, conforme apontou Lejeune (2014, p. 16), tratou-se de autobiografia por ser “narrativa retrospectiva em prosa”, lembrando aqui novamente os elementos essenciais que compõem esse gênero, como: forma da linguagem - narrativa ou em prosa, assunto tratado (vida individual ou história de uma personalidade), situação do autor (identidade do autor e do narrador) e posição do narrador (identidade do narrador e do personagem principal, perspectiva retrospectiva da narrativa).

Com relação à identificação da pessoa do discurso da autobiografia, Lejeune (2014, p. 26) apontou:

É no nome próprio que pessoa e discurso se articulam, antes de se articularem na primeira pessoa, como demonstra a ordem de aquisição da linguagem pela criança. A criança fala de si mesma na terceira pessoa, chamando-se pelo próprio nome, bem antes de compreender que também pode utilizar a primeira pessoa. Em seguida, todos utilizam “eu” para falar de si, mas esse “eu”, para cada um, remeterá a um nome único que poderá, a qualquer momento, ser enunciado. Todas as identificações (fáceis, difíceis ou indeterminadas) acabam fatalmente convertendo a primeira pessoa em um nome próprio.

Na autobiografia, portanto, o “eu” se relaciona ao nome próprio que normalmente fica na capa do livro e na folha de rosto, este, por sua vez, remeterá ao autor. Nisto, tem-se um problema, para Lejeune:

É nesse nome que se resume toda a existência do que chamamos de autor: única marca no texto de uma realidade extratextual indubitável, remetendo a uma pessoa real, que solicita, dessa forma, que lhe seja, em última instância, atribuída a responsabilidade da enunciação de todo o texto escrito. Em muitos casos, a presença do autor no texto se reduz unicamente a esse nome. Mas o lugar concedido a esse nome é capital: ele está ligado, por uma convenção social, ao compromisso de responsabilidade de uma pessoa real, ou seja, de uma pessoa cuja existência é atestada pelo registro em cartório e verificável. É certo que o leitor não irá verificar e é possível que não saiba quem é aquela pessoa. Mas sua existência não será posta em dúvida: exceções e abusos de confiança não fazem senão confirmar a credibilidade atribuída a esse tipo de contrato social (2014, p. 26-27).

Assim, o problema consistia em que “Um autor não é uma pessoa. É uma pessoa que escreve e publica. Inscrito, a um só tempo, no texto e no extratexto, ele é a linha de contato entre eles”. Há que observar o caso de pseudônimos e personagens, o que poderia levar o texto a categoria de romance autobiográfico. Para diferenciar as categorias, a autobiografia firma o “pacto autobiográfico”, de modo que há a correlação entre “autor-narrador-personagem”:

O pacto autobiográfico é a afirmação, no texto, dessa identidade, remetendo, em última instância, ao nome do autor, escrito na capa do livro. As formas do pacto autobiográfico são muito diversas, mas todas elas manifestam a intenção de honrar sua assinatura. O leitor pode levantar questões quanto à semelhança, mas nunca quanto à identidade. Sabe-se muito bem o quanto cada um de nós preza seu próprio nome (LEJEUNE, 2014, p. 30-31).

Sendo assim, nos diários publicados de Carolina Maria de Jesus, há a correlação entre a autora que é, ao mesmo tempo, a narradora e a personagem dos fatos narrados.

Em oposição a todas as formas de ficção, a biografia e a autobiografia são textos *referenciais*: exatamente como o discurso científico ou histórico, eles se propõem a fornecer informações a respeito de uma "realidade" externa ao texto e a se submeter portanto a uma prova de *verificação*. Seu objetivo não é a simples verossimilhança, mas a semelhança com o verdadeiro. Não o "efeito de real", mas a imagem do real. Todos esses textos referenciais comportam então o que chamarei de *pacto referencial*, implícito ou explícito, no qual se incluem uma definição do campo do real visado e um enunciado das modalidades e do grau de semelhança aos quais o texto aspira (LEJEUNE, 2014, p. 43)

É justamente o pacto autobiográfico que permite a referencialidade do texto e o distingue dos demais, produzindo a imagem do real. Devido a essa realidade representada, ao publicar o diário, Carolina Maria de Jesus sabia que isso poderia trazer consequências negativas para ela, já que havia muitas críticas sendo feitas, também ocorria a interferência na narrativa, muitas vezes questionada por Carolina, como demonstra o trecho a seguir:

12 DE MARÇO DE 1961

(...) Agora que estou na casa de alvenaria uso os trages tristes, trages negros. A cor que simboliza tristês. Meu Deus! Será que o Audálio não compreende que estou cansada!

Dá a impressão que sou sua escrava. Ele anula os meus ideaes. Todos escrevem romances e dramas e ele quer obrigar-me a escrever Diário. Um dia ele disse-me que quer fazer o povo tomar medo de mim. Porque?

Isto é maldade. Cheguei a conclusão que os pretos não devem aspirar nada na vida. O mundo não é para os pretos. O mundo é dos brancos. Nós os

pretos somos capachos que eles pizam e nos esmagam. Quando o preto grita igualdade eles põe mordaça (JESUS, 2021, Vol. 2, p. 224).

Além de querer deixar de escrever diário, Carolina Maria de Jesus revelou que se sentia explorada e estendia a crítica da sua exploração para o povo negro. Assim, sua narrativa mantinha um pacto com a autora, com a realidade e verossimilhança, mas ia além disso, passando para o patamar do coletivo, do atemporal, da ficcionalização. Esse pacto ocasionava, além do medo da autora com a publicação, a utilização do diário como uma “arma”:

Citei ao senhor Colmam que não gosto de intriga. Mas, ele insistia.
- Põe; põe Carolina, no teu Diário.
O senhor Renato disse:
- Carolina, põe no teu Diário que eu vou arrojá o Francisco Colman. Mecheu com a Nydia, mecheu comigo. (JESUS, Vol. 2, p. 345)

Com isso, verificou-se o quanto do real foi trazido para as páginas dos diários. Porém, levando em conta tanto as especificidades do diário quanto da autobiografia, concluiu-se que os diários publicados de Carolina Maria de Jesus foram transitando entre gêneros, uma característica da escritora. Mesmo mantendo a narrativa focalizada no “eu”, na primeira pessoa, em alguns momentos, outros textos pessoais ou de outras pessoas podiam perpassar as histórias narradas por Carolina Maria de Jesus, como é o caso de encontrarmos outros textos perpassando sua narrativa diária, como registro de talão de cheques (JESUS, Vol. 1, p. 38), transcrição de entrevista em formato de pergunta e resposta (JESUS, Vol. 1, p. 44-46; p.69), análise sobre os perigos da época (JESUS, Vol. 1, p. 46), transcrição de cartazes espalhados na rua por estudantes universitários (JESUS, Vol. 1, p. 47), transcrição integral de carta do Capitão José Ribeiro para a Assembleia Legislativa de São Paulo (JESUS, Vol. 1, p. 104), inscrição em livro (JESUS, Vol. 1, p. 153), listagem de presidentes do Brasil (JESUS, Vol. 1, p. 186), transcrição de convite (JESUS, Vol. 2, p. 321-322), de citações de poemas (JESUS, Vol. 1, p. 105, p. 123, p. 161-164 ; Vol. 2, p.229-230, p.236, p. 259-260, p.366-367, p. 386, p. 388, p. 394-395, p.446-447), cantiga de criança (JESUS, Vol. 2, p. 253).

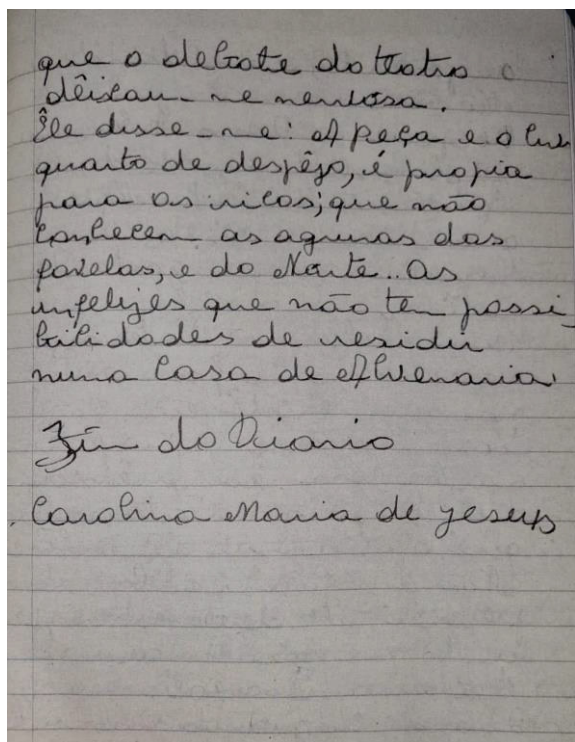
Percebemos, no decorrer da escrita de *Casa de Alvenaria*, várias ocorrências de relato em que Carolina Maria de Jesus reclamou sobre ter a obrigação de escrever o diário, Lejeune (2014, p. 310) questionou: “como terminam os diários?” e apontou três dimensões para esse questionamento:

- * o fim como *horizonte de expectativa*: tentarei mostrar que o diário é vivido como escrita sem fim;
- * o fim do ponto de vista de sua relação com a finalidade, ou antes com as *finalidades* possíveis do diário (distinguirei quatro, para as quais a ideia de fim é completamente diferente);
- * o fim como *realidade*, o diário confrontado com a morte (voluntária ou involuntária) de seu autor (LEJEUNE, 2014, p. 312)

A publicação de 1961 terminou no dia 21 de maio de 1961, quando Carolina foi convidada para almoçar na casa da família Matarazzo, mas ela não aceitou o convite, pegou um táxi e foi pra casa. Ao final do relato, foi grafado com letras maiúsculas: “FIM DO DIÁRIO”. No entanto, este fim marcou apenas o fim do texto que seria publicado porque o diário foi continuado, fato que se comprovou pela publicação de 2021.

Na edição de 2021, o leitor pode verificar que o diário continuou e foi publicado até o dia 18 de dezembro de 1963, quando Carolina Maria de Jesus e os filhos mudaram-se para Parelheiros, distrito de São Paulo e a publicação trouxe o texto sem cortes do dia 21 de maio de 1961 e também adicionou a imagem do caderno de Carolina Maria de Jesus, onde estava escrito “fim”:

FIGURA 04 – FIM DO DIÁRIO PUBLICADO EM 1961
TRANSCRIÇÃO



21 DE MAIO DE 1961

(...) que o debate do teatro deixou-me nervosa.

Ele disse-me: A peça e o livro Quarto de Despêjo, é própria para os ricos; que não conhecem as agruras das favelas, e do Norte. Os infelizes que não tem possibilidades de residir numa casa de alvenaria.

Fim do Diário

Carolina Maria de Jesus

FONTE: Jesus (Vol. 2, p. 346)

Analisando as publicações, percebeu-se que o diário é um gênero adotado por Carolina Maria de Jesus com final mais demarcado pelo horizonte de expectativa dela, já que ela seguia, mesmo após as datas finais das publicações, escrevendo suas considerações, muitas páginas ainda não são de conhecimento do público e se mantêm nos manuscritos.

Entre o particular e o coletivo, os diários escritos por Carolina:

proporcionam ao leitor observar a sociedade brasileira da década de 1960 sob um olhar inédito, distante do apresentado até então e próximo da realidade da maioria dos brasileiros, que não se viam representados no sistema literário nacional, profundamente marcado pela estética eurocêntrica (Crispim et al., 2021, p. 3).

As contribuições de Carolina Maria de Jesus com o gênero diário vão desde a visibilidade que ela deu ao gênero, com o qual alcançou um grande sucesso nacional e internacional, bem como por fazer dele seu porta voz, sua forma de transformar sua vida, uma arma com relação às formas de discriminação que sofria, deixando tênue a linha entre a verossimilhança e a ficção.

2.4 RESISTÊNCIA ANCESTRAL DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Carolina Maria de Jesus nasceu em Sacramento, Minas Gerais, a aproximadamente 25 anos após a abolição oficial da escravidão no Brasil. Passou uma parte de sua infância ao lado do avô, o senhor Benedito José da Silva, negro escravizado e liberto pela Lei Áurea, que trazia consigo habilidades de *griot* (contador de história africano). Segundo Fernandez (2019, p. 100), Carolina Maria de Jesus dedicou ao avô um conto chamado *O Sócrates Africano*, que era como ela chamava o avô pela sabedoria e conhecimento filosófico, político e religioso. Ele unia a família em volta de histórias da tradição africana e da época da escravidão. No referido conto, Carolina falou de quando o avô adoeceu e revelou como ele era conhecido e influente na cidade:

Os homens ricos iam visitá-lo e ficavam horas e horas ouvindo-o. E saíam dizendo:

- Foi uma pena não educar este homem. Se ele soubesse ler, ele seria o homem. Que preto inteligente. Se este homem soubesse ler poderia ser o nosso Sócrates africano.

O Rui Barbosa pôs uma lei no Senado pedindo para incluir os negros na escola porque vai ser difícil ter uma classe culta e outra inculta, vai gerar confusões, choques ideológicos. O analfabeto vai ser apenas um. Não acertará as observações se for admitido como empregado. A sua cooperação

e participação é mínima. Agora, se ele for alfabetizado, a sua cooperação será a máxima (JESUS, 2018, p. 61).

É evidente no trecho a desvantagem social e econômica que os negros tinham, geradas, principalmente, pelo analfabetismo, por não poder frequentar a escola, sendo caso de necessidade de intervenção governamental com a proposta de projeto de lei de Rui Barbosa. No entanto, o avô era visto como uma exceção entre os demais negros da cidade.

Fernandez (2019) apresentou um trecho de manuscrito em que Carolina Maria de Jesus falou do avô, segue transcrito, conforme a grafia original utilizada por Carolina:

Diz Carolina de Jesus: "Fiquei feliz em saber que o meu avô morreu ilibado. O seu nome Benedito José da Silva. E tenho orgulho de acrescentar que êle foi, o Sócrates, analfabeto. Era imprecionante, a sapiência d'aquele homem. Eu tinha a impressão o meu ilustre avô, era semêlhante a uma fita, unindo a família como se fosse um bouquet de flores. Não havia desidências. Predominava á união. Enquanto o vovo estêve vivo, a sua casa parecia uma assembleia. Onde os predominadores discutiam as falhas de nosso povo. Se naquela época a nossa população era: a maioria analfabeta. E a minoria alfabetizada: Era um povo sem luz mental". IMS: CMJ, Pi, 002 - "Um Brasil", F.101 (FERNANDEZ, 2019, p. 100).

Ao relatar a sabedoria do avô, do orgulho que tinha dele e de sua “impressionante sapiência”, Carolina Maria de Jesus aproveitou para tecer um comentário crítico contrastando essa sabedoria com a falta de conhecimento da maioria do seu povo, povo analfabeto e “sem luz mental”. O avô também não era alfabetizado, mas isso não o impediu de adquirir conhecimento que recebeu oralmente de seus ancestrais e o aprimorou, repassando também a seus filhos e netos.

Segundo Vera Eunice de Jesus, filha de Carolina Maria de Jesus, em entrevista publicada no livro *Cinderela Negra: a saga de Carolina Maria de Jesus*, de Levine e Meihy (2015, p. 75), a relação entre seu bisavô e sua mãe foi algo que trouxe muito aprendizado para a mãe e que aguçou a curiosidade da criança Carolina, que era apelidada de Bitita pela família, na infância:

As poucas lembranças da infância dela que foram BOAS eram da mãe e do avô. Além da mãe, só o avô esteve próximo dela na infância. Ele era conhecido como "Sócrates Africano"; um homem muito inteligente e sábio que, apesar da cor, foi respeitado até pelos ricos e poderosos daquela região. Pelo que ele que sei, eles conversavam horas e horas a fio, discutindo as histórias contava, falando dos tempos em que ele era jovem, da escravidão... Minha mãe aprendeu a contar história com ele; o gosto pela leitura veio com a curiosidade de saber mais histórias dos lugares, dos heróis, Tiradentes,

Zumbi dos Palmares... Ela ouvia, se interessava e ia procurar nos livros. Como minha mãe só pôde cursar os dois primeiros anos da escola, foi o gosto pela leitura, a facilidade que ela tinha de ler livros e jornais que a motivaram a continuar se desenvolvendo.

O depoimento de Vera Eunice de Jesus confirmou o quanto o avô foi importante para despertar na mãe a curiosidade que foi a motivação principal para a busca de conhecimento, já que, mesmo com apenas dois anos de estudo formal, ela aprendeu a ler e, diferente do avô, agora poderia buscar também nos livros o conhecimento, algo que ainda estava pouco acessível à população negra.

As histórias contadas pelo avô e seus ensinamentos, bem como as leituras diversas feitas na praça de Sacramento pelo mulato Manoel Nogueira, foram lembradas por Carolina Maria de Jesus e perpassaram seus textos em formato de personagens, de tipos de ações e, principalmente, assentaram-se nos provérbios, como o provérbio citado por Fernandez (2019, p. 138-139):

A bondade e a semente são semelhantes.
A bondade produz a paz universal.
E a semente produz bons frutos.
(FBN: MS-565-4 Caderno 4, Provérbios, diário e texto O Brasil, Fotograma s/n).

Os provérbios, enquanto ditos populares curtos, são formas de ensinamento de costumes e moral, com tradição antiga, tanto na oralidade quanto na escrita. Na literatura de Carolina Maria de Jesus, os provérbios integram outros gêneros textuais. Elena Pajaro, citada por Fernandez (2019, p. 139), aponta que

existem diversos vínculos entre a escritora e os elementos culturais da diáspora africana no continente americano, sobretudo no que tange às tradições africanas que valorizam a palavra escrita. A pesquisadora identifica ligações entre Carolina de Jesus e a cultura de Cabinda e, segundo ela, o avô da escritora, exaltado por ela e pelos vizinhos como "o Sócrates africano" por representar a voz e a palavra sábia na antiga Sacramento (MG), era ex-escravo e seus pais teriam vindo dessa região, "onde o exercício da formação moral e da busca do caminho reto era feito por meio de diálogos e provérbios, muitas vezes pictografados em tecidos e cerâmicas"¹⁷.

Além dos provérbios, Elena Pajaro aponta que há ligação de Carolina Maria de Jesus com a tradição musical afrodescendente conhecida como *spirituals*, ou *African American Spirituals*, que é um gênero musical popular cristão, difundido

¹⁷ Segundo Fernandez (2019, p. 139): A região de Cabinda hoje luta por sua independência de Angola. Foi um porto muito importante, entre o atual Congo e a atual Angola, já há tempos ocupado pelo povo bakongo. Sendo um porto, muitos negros que eram capturados ou trazidos do interior por seus sobas (chefes tribais) passaram a ser denominados "cabinda".

principalmente por negros escravizados do século XIX nos Estados Unidos, que tem função de guiar e orientar os caminhos corretos a seguir, dentro do plano ético religioso e político¹⁸. Segundo Elena Pajaro, citado por Fernandez (2019, p. 139), “Como os provérbios, os *spirituals* comunicam o caminho a ser seguido e lamentam os seus desvios, recriando uma ética religiosa e política que foi constantemente retomada nos discursos em prol dos direitos civis, especialmente nas décadas de 1950 e 1960”.

Em *Casa da Alvenaria*, Carolina Maria de Jesus utiliza-se de provérbios na constituição de seus relatos diários. A publicação de 1961 trouxe em sua edição cortes que omitiram alguns desses provérbios, conforme é possível observar nas Tabelas 20, 21 e 23 que seguem. O trecho a seguir, foi publicado em 1961 e 2021 e se referem ao dia 23 de novembro de 1960¹⁹:

TABELA 20 – TRECHO DE 23 DE NOVEMBRO DE 1960

1. Publicação de 1961	2. Publicação de 2021 (Vol. 1)
Estes dias eu não estou escrevendo. Estou pensando, pensando, pensando. Quando escrevi contra os favelados fui apedrejada... ... Todos os dias chega cartas de editor internacional que quer traduzir o livro. Até eu estou abismada com a repercussão do livro. (JESUS, 1961, p. 83)	Estes dias eu não estou escrevendo, estou pensando, pensando, pensando. Quando escrevi contra os favelados fui apedrejada. Escrevendo contra a burguesia podem enviar-me um tiro. Mas o Audálio diz que eu devo escrever Diário, sêja feita a vontade do Audálio. Tenho recebido cartas do globo, agradeço aos que me escrevem. O Audalio está amável, atencioso. Nos não esperavamos este sucesso do livro. Todos os dias chegam cartas de editor internacional, que quer traduzir o livro. Até eu estou habismada com a repercussão do livro! Tem pessoas que jogam livros fora, ou quêima-os. Aconselho o povo a ler, a lêitura, é o adubo da alma, fortifica o carater. E o que é forte triunfa. (Grifo nosso) (JESUS, 2021, Vol. 1, p. 144)

FONTE: A autora (2023)

Na Tabela 20 acima, tem-se, na primeira coluna, o trecho de 23 de novembro de 1960, publicado na edição de 1961 de *Casa de Alvenaria* e, na segunda coluna, temos a publicação feita em 2021. Relembramos que os trechos destacados em

¹⁸ Para mais informações sobre as canções denominadas *Spirituals*, verificar em <https://www.loc.gov/item/ihms.200197495/>. Acesso em 31 out 2023.

¹⁹ A grafia das palavras na publicação de Casa de Alvenaria, Vol. 1 e Vol. 2, (2021) foi mantida a mesma que Carolina Maria de Jesus utilizou em seus manuscritos, na edição, não foi realizada correção ortográfica de modo que se preservasse todas as características da forma de escrever da escritora. Todas as citações diretas da escritora manterão a forma original da escrita dela.

negrito na segunda coluna representam o que não foi publicado em 1961, portanto, foi cortado pelo editor, o jornalista Audálio Dantas.

É possível verificar que os trechos omitidos em 1961 foram marcados com reticências “...” em duas partes, mas não houve aviso de corte ao leitor no final do trecho. Os trechos que foram somente publicados na edição de 2021 revelaram fatores importantes: primeiramente, diziam respeito à recepção dos textos de Carolina pela sociedade (o primeiro diário, *Quarto de despejo*, foi surpreendentemente aceito enquanto que Carolina temia sofrer até violência física letal com a publicação do segundo diário, *Casa de Alvenaria*, que desvendou as máscaras que escondiam a verdadeira face burguesa da sociedade paulistana de 1960 e 1961); em segundo, apontaram a interferência de Audálio na produção escrita de Carolina, sendo até comparado indiretamente e ironicamente a Deus, por meio da metaforização da frase bíblica encontrada no Evangelho de Mateus, capítulo 6, versículo 10, e também utilizada na oração do Pai Nosso - “que seja feita a tua vontade” - Carolina escreveu: “sêja feita a vontade do Audálio”; por último, tratou da importância do livro, trazendo um provérbio, conforme mencionado anteriormente, marca da influência da ancestralidade cabinda na escrita de Carolina Maria de Jesus: “Aconselho o povo a ler, a leitura, é o adubo da alma, fortifica o caráter. E o que é forte triunfa”. Como Carolina Maria de Jesus compreendia a importância da leitura, ela também procurou repassar essa importância por meio de provérbio.

Segue a comparação da publicação de um outro trecho, agora datado de 30 de novembro de 1960, dia em que Carolina Maria de Jesus viajou para o Rio Grande do Sul e participou de um debate no Clube Fica Aí, na cidade de Pelotas, RS:

TABELA 21 – TRECHO DE 30 DE NOVEMBRO DE 1960

1. Publicação de 1961	2. Publicação de 2021 (Vol. 1)
Depois dos comes e bebes foi os discursos dos pretos. Um discurso esquisito. Queixas raciais. Pensei: até quando esta polemica de pretos e brancos? Tem tanto espaço no mundo para viver. O homem não é eterno. Na sua trajetoria terrestre deve procurar viver em paz. O homem tem o dever de educar a sua mentalidade para o bem. O belo e o puro. E não cultivar o rancor contra os semelhantes. Quando me foi dado falar, agradei as homenagens. (...) Ganhei uma lembrança do Clube "Fica-Aí". Um livro de prata com a inscrição: <i>"Só o livro imortaliza um povo. A Carolina Maria de Jesus, Clube Cultural Fica-Aí. Pelotas, 30-11-60."</i> (JESUS, 1961, p. 88)	Depois dos comes e bebes foi os discursos dos pretos, um discurso exquisto, queixas raciaes. Pensei: Até quando esta polemica de pretos e brancos, tem tanto espaço no mundo para viver. O homem não é eterno. Na sua trajetoria terrestre devem procurar viver em paz. O homem tem o dever de iducar a sua mentalidade para o bem, o belo, e puro. E não cultivar o rancôr contra o semelhante. Quando me foi dado falar agradei as homenagens. Enalteci os pretos gauchos que estão êlevando-se instruindo-se. Os cultos tem um lugar ao sol. A raça preta não deve ser indecisa. Não projetar, mas procurar realizar concretisar, só [*.*] os ideaes - Declamei as "Noivas de maio". - O prefeito gostou da poesia. A poesia tem êrros gramaticaes. Não ha possibilidade de correção. É uma advertência social. Ganhei uma lembrança do Club Fica Aí. Um livro de prata com a inscrição: So o livro imortaliza um povo. A Carolina Maria de Jesus Club Cultural Fica Aí Pelotas 30-11-60 (Grifo nosso) (JESUS, 2021, Vol. 1, p. 153)

FONTE: A autora (2023)

É possível observar, por meio da comparação dos trechos, que, na publicação de 1961 foram mantidos os seguintes provérbios: “O homem não é eterno. Na sua trajetoria terrestre deve procurar viver em paz” e “O homem tem o dever de educar a sua mentalidade para o bem. O belo e o puro. E não cultivar o rancor contra os semelhantes”. No entanto, a edição de 1961 omitiu a continuidade do discurso de cunho aconselhador proferido por Carolina às pessoas de Pelotas que estavam no Clube, o trecho omitido foi marcado com parênteses e reticências: (...). Verifica-se que, como o avô, Carolina procurou aconselhar, tendo consciência da importância dessa ação e do seu papel de exemplo para os demais negros que ali estavam, que denunciavam o racismo presente na sociedade de Pelotas. Assim, além de enaltecer os negros, ela aconselhou a buscarem a instrução, trecho que foi cortado da versão de 1961: “Enalteci os pretos gauchos que estão êlevando-se instruindo-se. Os cultos

tem um lugar ao sol. A raça preta não deve ser indecisa. Não projetar, mas procurar realizar concretizar, só [***]²⁰ os ideaes”.

Assim, Carolina Maria de Jesus aproveitou o local de fala privilegiado em que se encontrava - escritora convidada a falar para um público composto por estudantes e pela elite da cidade que estava visitando para aconselhar e instruir os demais presentes, principalmente os negros que relataram sofrer preconceito. É importante apontar que a percepção de preconceito racial foi ficando mais forte em Carolina, na medida em que ela se percebeu escravizada pela fama e, alguns meses depois da fama, quando ela começou a entrar em declínio. No início da fama com a publicação de *Quarto de despejo*, realizar qualquer denúncia de preconceito na elite era visto de forma estranha por ela, já que, a princípio, estava havendo aceitação, além do esperado, de seu diário.

A tabela a seguir contém trecho do dia 24 de dezembro de 1960, quando Carolina decidiu mudar de Osasco e ir para sua casa de alvenaria que já fazia tempo que tinha comprado a casa, mas não podia se mudar porque os inquilinos não saíam da casa, conforme já relatado anteriormente, ela se mudou mesmo assim, na véspera de Natal.

TABELA 22 – TRECHO DE 24 DE DEZEMBRO DE 1960

1. Publicação de 1961	2. Publicação de 2021 (Vol. 1)
Ela trabalha para mim, mas não bebe nas minhas xicaras, não prova a comida de minhas panelas. Ela é muito orgulhosa. ... O José Carlos voltou com o caminhão. O motorista, depois de examinar os moveis disse-me que era preciso dois caminhões. (JESUS, 1961, p. 88)	Ela trabalha para mim, mas não bebe nas minhas xicaras. Não prova a comida de minhas panelas. Ela é muito orgulhosa - Mas, já recebeu o seu castigo! - O seu esposo é cego e as filhas são infelizes. São doentes e lutam demaes na vida. Eu sou feliz! Porque não tenho orgulho. Os meus dias são belos! Todos os dias eu estou alegre, igual as aves. Não tenho nôjo de ninguém. Não olho ninguém com desprêso. Não estou elogiando-me, estou apresentando os módós que adotei para viver e ser feliz. Porque o orgulho é uma chave, que não abre pórtá para o triunfo! O José Carlos voltou com o caminhão. O motorista, depois de examinar os moveis, disse-me que era preciso dôis caminhões. (Grifo nosso) (JESUS, 2021, Vol. 1, p. 27)

FONTE: A autora (2023)

²⁰ O símbolo [***] revela uma palavra não identificada no manuscrito, portanto, sem transcrição.

Pela comparação, ficou evidente a omissão marcada com reticências “...” da sua opinião sobre o fato de a empregada não beber nem comer na casa de Carolina bem como a omissão do provérbio. O orgulho da parte da funcionária a que Carolina se referia pode ser condicionante de preconceito, tendo em vista que, pelo relato de muitas trabalhadoras domésticas, eram as patroas que não permitiam que se utilizasse os talheres e objetos da casa, ou proibiam que as funcionárias comessem os alimentos feitos para os patrões, mas Carolina denunciou o contrário, a funcionária, por si própria, se recusou a se alimentar na casa de Carolina. Isso foi tão ofensivo e agressivo para Carolina que ela acabou “se conformando” com a situação, pensando em um possível “castigo” sofrido pela mulher ao analisar a condição de infelicidade por sua constituição familiar. Diante disso, ela se manifestou com um provérbio com ensinamento sobre o orgulho: “Porque o orgulho é uma chave, que não abre porta para o triunfo!”.

Assim, ao trazer para seu relato cotidiano do diário momentos que revelaram conselhos, ensinamentos morais ou religiosos, Carolina Maria de Jesus foi incorporando no seu estilo de escrita a ancestralidade recebida do avô, o que pode ser percebido, inúmeras vezes, na construção do seu discurso.

3. ANÁLISE DE CASA DE ALVENARIA (1961 E 2021): SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS

3.1 RECEPÇÃO DE CASA DE ALVENARIA (1961), TRADUÇÕES E PARATEXTOS

O diário *Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada* foi publicado em 1961, logo após o grande sucesso de *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, publicado em 1960. Segundo Meihy e Levine (2015, p. 42):

O sucesso de seu segundo livro foi bem menor, apesar de ser a continuação de seu diário, escrito inclusive no mesmo estilo. Em novembro de 1961, antes de se ter completado um ano do lançamento de *Quarto de Despejo*, seus editores publicaram *Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada*, obedecendo ao mesmo critério do *Quarto*. O novo livro cobria o período desde a saída da família do Canindé até a propalada *Casa de Alvenaria*. Apesar de Audálio Dantas e muitos outros jornalistas e intelectuais terem dito que o segundo livro era tão importante como o primeiro, este só vendeu de pronto apenas 3 mil exemplares de uma edição de 10 mil.

Assim, é importante conhecer como foi a recepção de *Quarto de Despejo*, para tal, recorreremos à pesquisa de Elzira Divina Perpétua, realizada em 2000 e publicada em 2014, a qual aborda “a gênese, a tradução e a recepção de *Quarto de Despejo*”. Neste trabalho, há referência à *Casa de Alvenaria*, mas, segundo a autora, interessou-lhe apenas os registros de Carolina Maria de Jesus feitos neste segundo diário que mencionam a recepção de *Quarto de despejo* para análise do primeiro diário.

Ressalta-se que, dois anos antes da publicação de *Quarto de despejo*, o público já estava sendo preparado para essa publicação, tendo sua divulgação realizada por meio de duas reportagens que abriram espaço na mídia: a primeira foi publicada no Jornal Folha da Noite, em 09 de maio de 1958; a segunda saiu na Revista O Cruzeiro, em 11 de junho de 1959; essa reportagem contribuiu para que Carolina Maria de Jesus fosse convidada para ir a um programa de TV, motivando o interesse e a curiosidade pela publicação do livro. De acordo com Perpétua (2020, p. 167-168):

Sendo **Quarto de despejo** um texto nascido da influência direta e intencionada de um agente, sua gênese liga-se diretamente à recepção prévia e ambas se estreitam em relação ao agenciador que planejou a produção. Esses três aspectos gênese, recepção, intermediário imbricam-se nos registros em que Carolina comenta as reportagens que antecederam o lançamento do livro. Os manuscritos, assim, articulam sua gênese à sua recepção, na medida em que revelam não só os bastidores da produção das

notícias, mas também sua repercussão e seus desdobramentos em outras estratégias que visam a promover o futuro livro.

Ao acionar um público que antecedeu a obra, o ideal imaginário foi sendo construído e o livro teve que se encaixar nesse imaginário criado. Portanto, o trabalho de edição também teve que levar em conta esse fator. Para Perpétua (2020, p. 167):

As modificações realizadas na transposição dos manuscritos para o livro publicado mostram que o projeto de Quarto de despejo realizou-se como um ato intencionalmente predeterminado de conferir à publicação um valor de representação coletiva da miséria e do abandono do favelado. Para cumprir esse objetivo, foi necessário que o editor adaptasse a narradora a um modelo de sujeito que convergisse para uma personagem que, além de íntegra, forte, resignada e atenta aos problemas da comunidade, fosse também submissa, passiva, sem capacidade de julgamento, sem liberdade interior - enfim, produto e não produtora de um destino. Esse perfil de Carolina é que teria guiado o editor às inúmeras modificações do original, das quais apresentamos uma amostra.

Segundo Perpétua (2020, p. 164-167), as modificações resumiram-se em três pontos: acréscimos, substituições e supressões. Os acréscimos são lexicais e ocorreram para “fornecer um esclarecimento semântico ao significado, naturalmente necessário quando fora da situação de comunicação”, por exemplo: “Mandeí o João comprar 15 <cruzeiros> de paes”, foi acrescentado o vocábulo “cruzeiros”. As substituições surgiram na medida que o editor trocou um vocábulo utilizado por Carolina Maria de Jesus por outro mais popular, denotando, segundo Perpétua (idem), sua intenção com relação à imagem da escritora que pretendia divulgar ao público, por exemplo: “Ouvi [o *radio divulgando*] <no radio> o desastre da central De manhã o José Carlos disse que [*tem*] <tinha> vontade de ver um encontro de trens. Eu disse-lhe: Não penses nisto. [*pobre operário*] <Coitados dos operários>!” - as substituições deixaram o trecho narrado menos formal, contribuindo com o estereótipo da escritora favelada com baixa escolarização. As supressões ocorreram frequentemente e, segundo Perpétua (2014, p. 158), essas “acabam por subtrair informações importantes à coerência do discurso de Carolina e sobretudo à construção de sua imagem”, por exemplo, a omissão do trecho que demonstrou que Carolina Maria de Jesus tinha conhecimento sobre filosofia:

Quando eu comecei escrever ouvi vozes alteradas. Faz tanto tempo que não ha briga na favela. [*Uns 15 dias pensei até que os favelados estavam lendo Sócrates. O homem que não gostava de polemica. Ele dizia: que pode se realizar uma Assembleia e resolver os problemas com palavras.*] Era a Odete e o seu espôso que estão separadós. Brigavam porque ele trouxe outra

mulher no carro que ele trabalha (JESUS, citado por PERPÉTUA, 2014, p. 161).

Sendo assim, como *Casa de Alvenaria* foi publicado como sequência de *Quarto de Despejo*, é possível que essas estratégias possam ter sido adotadas na edição do segundo diário, tendo em vista que era necessário dar sequência na imagem que o primeiro diário promoveu a respeito de sua escritora.

Durante a escrita de *Casa de Alvenaria*, Carolina Maria de Jesus estava vivenciando o auge da fama com a publicação de *Quarto de Despejo*, participou de programas de TV, de rádio, escreveu artigos para jornais, participou de vários eventos, debate em Universidade, fez inúmeras viagens. Enquanto autodidata, foi aprendendo com suas experiências e cada vez mais ficava difícil de ser manipulada por quem quer que seja ou, como ela dizia, não aceitava ser “teleguiada”. O processo de edição ficaria mais complicado.

Casa de alvenaria é um texto de conteúdo muito mais agressivo que *Quarto de despejo*, e no entanto atraiu muito menos. Nele Carolina adotou uma linguagem mais radical e é provável que essa linguagem, por ser tão mais próxima da argumentação comum da esquerda, não tenha encantado a direita nem tenha se distinguido da esquerda. Estudantes e intelectuais não aceitaram sua “nova” empáfia e desprezaram seus posicionamentos públicos. Carolina aos poucos ia vestindo a roupagem de “oportunista” garantida pela opinião pública (MEIHY. LEVINE, 2015, p. 42).

A mesma mídia que a promoveu, em pouco tempo, foi destituindo a escritora de sua fama. Mesmo assim, o segundo diário ainda teve repercussão internacional. Segundo Perpétua (2014, p. 272- 273) *Casa de Alvenaria* teve quatro publicações: na Argentina, com o título: *Casa de ladrillos*, em 1963; na França, com o título: *Ma vraie maison*, em 1964; na Alemanha ocidental, com o título: *Das Haus aus Stein*, em 1984; e nos Estados Unidos (1997). Seguem os dados das publicações:

Casa de ladrillos. Buenos Aires: Editorial.

Apendice: Diário de viagem (Argentina, Uruguay, Chile). *Casa de ladrillos*. Buenos Aires: Editorial Abraxas, 1963.

Ma vraie maison. Trad. Violante do Canto. Paris: Stock, 1964.

Das Haus aus Stein: Die Zeit nach dem Tagebuch der Armut. Trad. Johannes Gerold. Bornheim-Merten: Lamuv, 1984. (Copyright Nymphenburger Verlagsbuchhandlung, Munique).

I'm going to have a little house: the second diary of Carolina Maria de Jesus. Trad. Melvin S. Arrington Jr. e Robert M. Levine. Lincoln and London: University of Nebraska Press, 1997. (PERPÉTUA, 2014, 272-273)

É importante destacar que o trabalho de edição de *Casa de Alvenaria*, em 1961, por estar ligado a *Quarto de Despejo*, herdou a necessidade de manter a imagem da escritora construída no primeiro diário: a escritora favelada, que necessitava de ajuda; e ainda precisava evitar que houvesse problema na recepção do texto, como algo negativo, na medida em que então ele passou a ser falado de um outro local que não a favela, mas a casa da elite de São Paulo. A edição de 1961 trouxe um texto, a publicação de 2021 surgiu com o intuito de revelar o que não podia ser publicado e não foi conhecido pelo público de 1961, isso é o que será verificado na sequência.

3.2 A EDIÇÃO DE 1961

Conforme mencionado anteriormente, a edição de *Casa de Alvenaria*, de 1961 procurou seguir os moldes adotados em *Quarto de Despejo*, devido à preocupação com a recepção dessa obra, o que preconizou que poderia haver a intenção de dar sequência à imagem veiculada no diário anterior, de modo que não houvesse incoerência:

Conforme explica Audálio Dantas no prefácio de **Casa de alvenaria**, o segundo diário publicado de Carolina receberá o mesmo tratamento editorial de **Quarto de despejo**. Como os manuscritos foram lidos e selecionados por ele, presume-se que o editor buscou encontrar formas para que a imagem de Carolina mostrada em **Quarto de despejo** fosse completada de modo coerente com aquela conhecida do público (PERPÉTUA, 2014, p. 181)

Sendo assim, *Casa de Alvenaria*, publicado em 1961, em um único volume, começou com a apresentação feita por Audálio Dantas, o repórter que promoveu a publicação dos dois diários.

Essa apresentação de Dantas foi feita em duas etapas: a primeira trouxe o discurso do Audálio repórter, tecendo suas considerações sob uma ótica elitista, como que pedindo licença à elite para receber o segundo diário de Carolina que, dessa vez, não tinha mais o pano de fundo da favela, mas sim, as inúmeras contradições daqueles que não precisavam se preocupar com a fome; a segunda parte, os quatro últimos parágrafos finais, foi carregada de personalidade do editor, com um tom mais emotivo, conforme veremos.

Dantas começou dizendo como encontrou Carolina Maria de Jesus e o que o segundo diário trazia:

Um dia - era uma tarde de abril de 1958 - fui à favela do Canindé e quando cheguei lá encontrei uma revolução dentro de um barraco: eram as narrativas de uma negra chamada Carolina Maria de Jesus. A revolução tomou forma de livro e foi chamada "Quarto de Despejo".

Agora, tenho de falar de novas histórias daquela mesma negra em cujo barraco encontrei a subversão manuscrita. Ela saiu do quarto de despejo e instalou-se num sonho - uma casa de alvenaria. É nossa vizinha, aqui na sala de visitas, onde continuou a olhar em torno com o mesmo olhar acostumado a ver favela, a observar e a anotar tudo - as grandezas e as misérias do lado de cá (JESUS, 1961, p. 5).

Audálio Dantas classificou as narrativas de Carolina como "revolução". É possível inferir que ele estava se referindo a uma revolução no campo social, político e/ou econômico, tendo em vista que, posteriormente, ele se referiu ao diário dela como um "registro de grande valor humano e de grande valor como contribuição para estudo sociológico" (JESUS, 1961, p.6). Mas, afirma-se aqui nesta pesquisa que a revolução trazida por ela ocorreu também no campo linguístico e literário: ao trazer ao público a realidade da vida na favela, ela o fez ao seu modo de ver, ao seu modo de dizer, dentro de um contexto muito difícil, cercado pela fome, pelo preconceito e pela batalha pela sobrevivência dela e dos três filhos. Assim, Carolina Maria de Jesus não apenas revolucionou, mas também "subverteu", nas palavras de Audálio Dantas. O verbo "subverter" tem um sentido contraditório: pode ser entendido como algo positivo ou negativo, por seu significado amplo:

1. Voltar de baixo para cima; revolver.
2. Provocar destruição ou ruína. = ANIQUILAR, ARRUINAR, DESTRUIR, EVERTER
3. Submergir.
4. Perverter.
5. Revolucionar.
- verbo pronominal
6. Afundar-se.²¹

Saindo então do "quarto de despejo" - que foi um termo cunhado pela própria Carolina para se referir ao lugar onde a prefeitura "jogava" os pobres sem moradia na cidade de São Paulo, constituindo as favelas - e chegando na "sala de visitas" - a parte da cidade com infraestrutura – ela conseguiu deixar registrado que a miséria humana ia muito além da relacionada com a fome, era uma miséria ligada ao existir, ao ser, ao ter, ao poder etc, enfim, "as misérias do lado de cá". O termo "cá" remete indiretamente ao "lá", marcando uma dualidade de posições e de lugares de fala. O "cá" é de onde

²¹ "subverter", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/subverter> Acesso em em 03 de maio de 2022.

fala o jornalista Audálio Dantas, onde ele residia e de onde falaria a recém-chegada escritora. É também o local dos leitores do diário, tendo em vista que "lá", na favela, predominavam o analfabetismo e a falta de condições financeiras para se adquirir um livro.

Audálio Dantas também apresentou a comparação entre os dois diários:

Casa de alvenaria é, na forma, o mesmo que o diário escrito na favela do Canindé; na essência, é coisa bem diferente; é um depoimento, também, mas sobre outro mundo - o mundo de alvenaria que foi sonho e conquista de Carolina. Casa de Alvenaria é depoimento tão importante quanto "Quarto de Despejo", mesmo sem o tom dramático da miséria favelada. Em certos aspectos, é um livro mais fascinante, porque nele há um pouco de alegria, há o deslumbramento da descoberta, há a felicidade do estômago satisfeito, há a perplexidade diante de pessoas e coisas diferentes e uma amarga constatação: a miséria existe também na alvenaria, em formas as mais diversas (DANTAS, 1961, p. 5).

Este parágrafo da apresentação de Audálio Dantas aparentou ser uma estratégia de *marketing* para que este diário também fosse um sucesso de vendas, no entanto, ele era mais: mais fascinante e diferente, pois relatava a vida em um mundo sonhado e alcançado por Carolina Maria de Jesus.

Os personagens que desfilam nestas páginas são, quase todos, de condição diferente daqueles angustiados que se agitam no mundo de tábuas e zinco da favela. Aqui eles são vistos, muitas vezes com deformações, por uma criatura que viveu sempre à margem, uma desintegrada social que lutou desesperadamente para entrar na sociedade mais ampla e menos infeliz da sala de visitas (DANTAS, 1961, p.6).

Os personagens de *Casa de alvenaria* eram pessoas de condição social superior aos moradores da favela e isso ficou claro na escolha do vocábulo feita por Dantas: são apresentados como pessoas que "desfilam" na narrativa de Carolina, no entanto, estão "deformados" pela visão "marginalizada" de Carolina. Esse modo de situar a visão de Carolina como uma deformação, como algo sem nitidez, acabou negativando o local de fala da escritora. Dantas percebeu que, para a época, a visão que Carolina estava apresentando da sala de visitas continha críticas duras a este ambiente que dificilmente seriam aceitas pelo público leitor que, de certo, tomariam negativamente para si. Assim, o retrato "distorcido", de antemão, possivelmente buscou amenizar uma eventual rejeição ao novo diário, sob a ótica de Dantas. E ele enfatizou:

... Ela procurou enfocar, com aquele seu notável senso de observação, mas não conseguiu a necessária nitidez, simplesmente porque na favela, ponto bem nítido e definido da miséria, um Orlando Lopes explorador da luz e da água não passa de Orlando Lopes explorador da luz e da água, enquanto aqui fora os homens costumam usar muitas faces ... (DANTAS, 1961, p.6).

Neste trecho acima, Audálio Dantas fez um elogio à Carolina: "notável senso de observação", porém, o fato de ela "procurar" fazer algo já pré-anunciou algo não concretizado, uma suposta falha em tornar as coisas nítidas, que foi reforçada pelo uso da conjunção adversativa "mas", logo a frente. Dantas estava muito certo de seu discurso, o que foi comprovado pelo termo "simplesmente"; no entanto, as coisas não eram tão simples assim e ele próprio caiu na lógica do seu discurso: para ele, na favela, as coisas eram mais nítidas e definidas do que fora dela, isso se configurou como uma visão distorcida do ambiente da favela, tendo em vista que as múltiplas faces da humanidade podiam ser reveladas em qualquer ambiente e nas mesmas proporções. Além disso, mais uma vez, houve a utilização da expressão adverbial de lugar definindo um "lá" e um "cá": o termo "aqui fora" marcava muito mais do que um espaço físico, mas um local de fala contrastante entre a escritora e Audálio, bem como entre ela e os leitores. Essa delimitação entre um aqui, um lá e uma escritora em meio-lugar pode ter sido pensada como necessária para favorecer a recepção do texto de Carolina ao público (o que não adiantou muito, tendo em vista que a obra não passou das duas mil tiragens iniciais na época); porém, o custo a ser pago por isso foi um certo descrédito na narrativa, tendo em vista que toda a nitidez apresentada no discurso de Carolina Maria de Jesus em *Quarto de despejo* agora foi questionada por esse lugar indefinido de fala dela.

O primeiro contato de Carolina Maria de Jesus com a "sala de visitas" não foi seu sobrado comprado com o dinheiro das vendas do primeiro diário. Audálio Dantas narrou da seguinte forma: "Foi para um quartinho de Osasco, a sua primeira alvenaria, presente de um senhor muito condoído com a pobre favelada que, então, já tinha ganho 240 mil cruzeiros de direitos autorais" (DANTAS, 1961, p.7). O uso do sufixo -inho em "quartinho", aqui conotou uma depreciação de Audálio Dantas pelo local onde Carolina foi residir, reforçado pelo advérbio "muito" e pelo adjetivo "pobre", termos não essenciais ao contexto, que remeteram a um exagero irônico. Isso porque Dantas recebeu críticas por não ter contribuído antes com a saída de Carolina da favela, logo após a publicação de *Quarto de despejo*. Ela e os filhos já não estavam mais sendo queridos naquele ambiente, pelo fato de pensarem que ela estava ficando rica às

custas dos moradores da favela. Mas, Dantas não pensava assim e nos revelou isso, indiretamente, por meio de seu discurso, reforçado pelo valor informado do lucro recebido pela escritora.

Audálio seguiu sua apresentação prevenindo o leitor a respeito dos conselhos que ele dava à Carolina, os quais não eram vistos por ela com bons olhos, temendo que ele quisesse se colocar como "dono" dela ao ir contra os seus demais projetos artísticos. Segundo Dantas, Carolina estava deslumbrada com as coisas novas, "inebriada com o sucesso" e ele a aconselhava, temendo ao ridículo: "Já imaginaram o pessoal do rádio usando a figura de Carolina para exposições ridículas nos auditórios?" (DANTAS, 1961, p.7). Parece que Audálio ficou tão preocupado com a imagem dela ser prejudicada que não conseguiu enxergar a artista que Carolina era. Ela percebeu isso e acabou fazendo coisas sem o consentimento dele, como a gravação de seu LP (*long play*, disco de vinil) cantando suas próprias músicas, sem o aval dele. O termo "ridículo" era subjetivo e pessoal.

Desfocar, distanciar, reduzir a complexidade das pessoas da favela, preocupar-se com o ridículo, eram ações que revelaram o mundo branco masculinizado de Audálio Dantas em relação ao mundo negro feminino, com todas as suas nuances. É importante salientar que essas marcas de discurso empregadas por Audálio Dantas foram destacadas aqui não como uma forma de ataque ao trabalho realizado pelo jornalista, mas como algo que evidenciou marcas de uma época e de contexto discursivo de produção, com base em um contexto histórico específico da publicação do livro.

Ao situar dessa forma o contexto de escrita de *Casa de alvenaria* por uma ex-favelada, Dantas pareceu estar abrindo caminhos para que Carolina adentrasse no mundo do nobre leitor da sala de visitas e soou como uma tentativa de amenizar a recepção do diário. A própria Carolina apresentou seu medo: "Não estou tranquila com a ideia de escrever o meu diário da vida atual. Escrever contra os ricos. Eles são poderosos e podem destruir-me" (DANTAS, 1961, p.8). Como uma excelente observadora e crítica da realidade, Carolina não se alienava sobre as questões da nação e já tinha convivido com muito tipo de pessoa, desde agosto de 1960, quando foi a publicação do primeiro diário. Ela teve contato com políticos, com artistas, com estudiosos dos mais diversos níveis, com várias celebridades. Ela também se tornou uma celebridade, com seu diário no topo das vendas, no Brasil, e sendo traduzido

para outras partes do mundo. No entanto, mesmo assim, Dantas limitou o conhecimento de Carolina com as seguintes palavras:

Os ricos, aí, não são os propriamente ditos; do ponto de vista da autora, egressa da favela, rico é todo aquele que mora em casa de alvenaria. Mas, sem saber, ela terminou dizendo uma verdade, tirando uma conclusão mais do que acertada (DANTAS, 1961, p. 8).

Carolina pode observar muitas pessoas da classe alta durante seu momento de sucesso. Porém, Dantas reduziu e limitou o "ponto de vista da autora", que era "egressa da favela". Ou seja, a propriedade de conhecimento de Carolina girou em torno da favela, fora disso, ela falaria mais por especulação, "sem saber".

Em outro trecho, mais uma vez, ele deslocou a fala da escritora:

Por isso não se deve estranhar as queixas constantes que Carolina faz contra a sala de visitas. Deve-se considerar a sua condição de "peixe fora d'água" quando ela, logo depois de bendizer o momento em que deixou a favela, diz que preferia voltar para lá. Contradição humana, espanto diante de uma realidade que afugenta o sonho (DANTAS, 1961, p.8).

A contradição era algo comum no discurso de Carolina, talvez fosse muito cedo para Dantas perceber isso, mas, hoje, é possível perceber isso claramente. Portanto, essa contradição não estava relacionada apenas ao fato de ela estar fora da favela, que, aliás, foi um ambiente de passagem para Carolina. Ela não cresceu na favela, teve origem rural, trabalhou no campo e nas casas como doméstica, foi "despejada" na favela em 1948, um pouco antes do nascimento do primeiro filho e lutou para sair de lá por ser um "peixe fora d'água" neste ambiente.

Assim, ao final deste discurso de repórter tão direcionado à elite, Dantas deixou escapar:

Tudo isto é de grande importância, demonstra o valor deste livro que é um retrato da sala de visitas feito por uma retratista que veio do quarto de despejo, gritando em nome dos que ficaram lá e dos que não estão lá e vivem as injustiças aqui de fora (...) (DANTAS, 1961, p.8).

Aqui, não houve a necessidade de adjetivos e advérbios não essenciais para obnubilar o discurso da escritora diante do público leitor, ele ainda concluiu sua análise afirmando o que Carolina representou: "Demonstra, sem necessidade de novos argumentos, o que essa negra vinda do monturo representa no inconsciente coletivo: voz de protesto" (DANTAS, 1961, p. 9). No entanto, Dantas reconhece a originalidade

de Carolina: “Está tudo aí, contado no seu jeito originalíssimo de dizer as coisas” (idem).

3.3 UMA POSSÍVEL COMPARAÇÃO DAS EDIÇÕES DE 1961 E 2021

A publicação de *Casa de Alvenaria* de 1961 teve seu texto iniciado na data de 5 de maio de 1961 (data da assinatura do contrato de publicação do primeiro diário), com relatos do cotidiano de Carolina Maria de Jesus que antecedem a publicação de *Quarto de Despejo*, em 19 de agosto de 1960. Já em *Casa de Alvenaria*, publicado em 2021, a datação inicia-se no dia 30 de agosto de 1960, quando Carolina deixou a favela com seus filhos. Para fins de comparação e análise, portanto, foi limitada a datação que correspondeu às duas publicações, ou seja, entre o dia 30 de agosto de 1960 e 21 de maio de 1961.

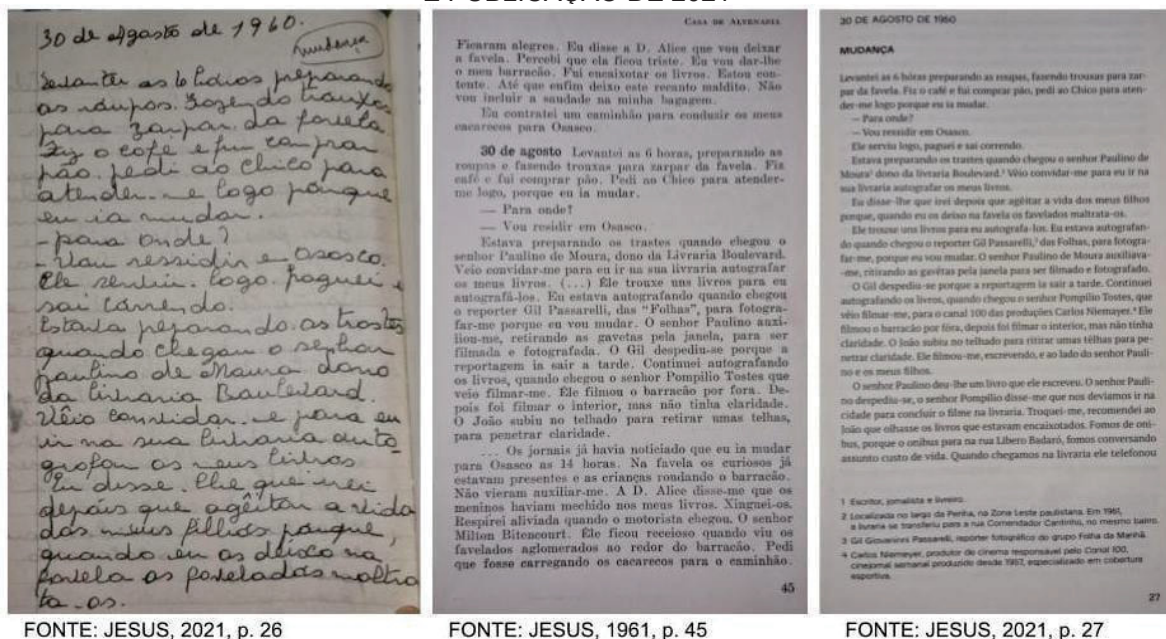
Ficou visível ao leitor que a edição de 1961 foi bem mais condensada, com a marcação de muitos cortes na narrativa (por meio de reticências (...), como ocorreu na edição do diário anterior, *Quarto de Despejo*, 1960). Ao comparar as duas publicações, que apresentaram uma diferença de tempo considerável de sessenta anos entre elas, apontaram-se aqui as diferenças, de modo a analisar quais fatores histórico-sociais poderiam ser usados como base para justificar os cortes e qual impacto o conteúdo cortado teve dentro dos respectivos contextos discursivos, bem como na questão da literariedade da obra.

Segundo Audálio Dantas, o editor da publicação de 1961, ocorreram cortes na narrativa, e alterações da seguinte ordem:

O tratamento dado a **Casa de Alvenaria** foi o mesmo que dei a "Quarto de Despejo". Conservei a linguagem e a ortografia da autora, sem alterar nada. No trabalho de compilação houve cortes de grandes trechos, todos sem maior significação. Ficou o essencial, o importante, funcionando como uma película cinematográfica. O que fiz foi algo semelhante a uma montagem de filme. Os originais estão guardados para possível confronto (DANTAS, 1961, p. 9).

Portanto, o editor afirmou que conservou “a linguagem e a ortografia da autora, sem alterar nada”. Também afirmou que cortou trechos (grandes) que não apresentavam “maior significação”. A seguir uma imagem composta pela página do manuscrito, datada de 30 de agosto de 1960, a página de *Casa de Alvenaria*, de 1961 e a de 2021, onde consta, respectivamente, o trecho do manuscrito.

FIGURA 06 – 30 DE AGOSTO DE 1960: MANUSCRITO, PUBLICAÇÃO DE 1961 E PUBLICAÇÃO DE 2021²²



FONTE: JESUS, 2021, p. 26

FONTE: JESUS, 1961, p. 45

FONTE: JESUS, 2021, p. 27

No canto esquerdo da imagem acima, vê-se a página do manuscrito original, que constou na publicação de *Casa de Alvenaria* de 2021, adicionada pelo Conselho Editorial do livro, onde é possível ler a data, uma anotação no canto direito e o texto escrito à mão com a caligrafia da escritora Carolina Maria de Jesus; ao meio, tem a página da publicação de 1961, na qual é possível observar que o texto inicia-se pela data sem o ano (30 de agosto) e vemos, superficialmente, as marcas de cortes na narrativa (reticências (...) dentro e fora de parênteses); no lado direito da imagem 6, temos a foto da publicação de 2021, onde é possível verificar a data completa (30 de agosto de 1960), um subtítulo (“Mudança”) e o texto, com 4 notas de rodapé que vão situando o leitor a respeito de quem são as pessoas citadas ou a localização de local citado.

Para melhor leitura dos textos das páginas que compõem a Imagem 6, apresenta-se a seguir a transcrição dos enunciados:

²² As imagens de cada página foram adicionadas nos Anexos, nas páginas 151, 152 e 153.

TABELA 23 – TRANSCRIÇÕES DO DIA 30 DE AGOSTO DE 1960

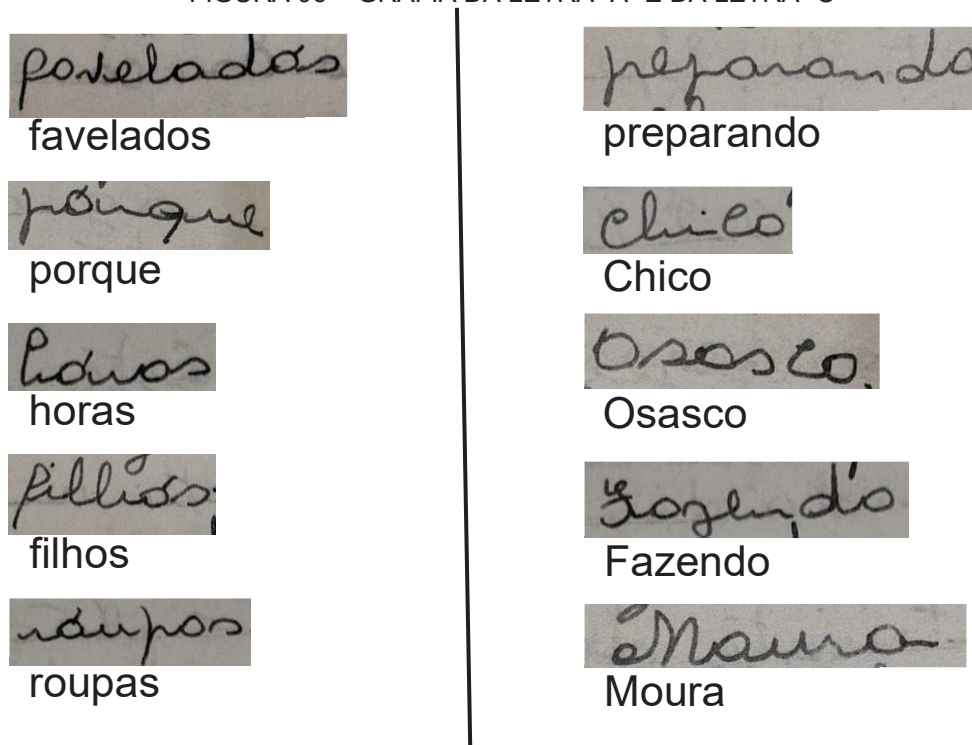
A) MANUSCRITO	B) PUBLICAÇÃO DE 1961	C) PUBLICAÇÃO DE 2021
30 de Agosto de 1960. (mudança) Levantei as 6 horas preparando as roupas, fazendo trouxas para zarpar da favela. Fiz o café e fui comprar pão. pedi ao Chico para atender-me logo porque eu ia mudar. - para onde? - Vou ressidir em Osasco. Ele serviu. logo. paguei e sai correndo. Estava preparando . os trastes quando chegou o senhor paulino de Moura dono da livraria Baulevard. Vêio convidar-me para eu ir na sua livraria autografar os meus livros. Eu disse-lhe que irei depois que agêitar a vida dos meus filhos porque, quando eu os deixo na favela os favelados maltrata-os.	30 de agosto Levantei as 6 horas, preparando as roupas e fazendo trouxas para zarpar da favela. Fiz café e fui comprar pão. Pedi ao Chico para atender-me logo, porque eu ia mudar. - Para onde? - Vou residir em Osasco. Estava preparando os trastes quando chegou o senhor Paulino de Moura, dono da livraria Boulevard. Veio convidar-me para eu ir na sua livraria autografar os meus livros. (...)	30 DE AGOSTO DE 1960 MUDANÇA Levantei as 6 hóras preparando as roupas, fazendo trouxas para zarpar da favela. Fiz o café e fui comprar pão, pedi ao Chico para atender-me logo porque eu ia mudar. - Para onde? - Vou ressidir em Osasco. Ele serviu logo, paguei e sai correndo. Estava preparando os trastes quando chegou o senhor Paulino de Moura¹ dono da livraria Boulevard.² Vêio convidar-me para eu ir na sua livraria autografar os meus livros. Eu disse-lhe que irei depois que agêitar a vida dos meus filhos porque, quando eu os deixo na favela os favelados maltrata-os.

FONTE: A Autora, 2023.

Nesta tabela, temos a transcrição apenas dos trechos que são correspondentes, na Figura 6, com o texto do Manuscrito, transcrito na coluna A da tabela 23. Portanto, na coluna B e C só foram transcritas as partes cujo texto faz referência ao mesmo trecho do manuscrito para uma comparação mais específica.

Com relação à transcrição do manuscrito, em comparação com a imagem do manuscrito (lado esquerdo da Figura 06), foi possível realizar a transcrição deste trecho sem muita dificuldade, com base na caligrafia da escritora Carolina Maria de Jesus. Não houve palavras escritas de modo a dificultar o reconhecimento delas ou com algum borrão. No entanto, a grafia da letra “a” e da letra “o” minúsculas gerou dúvida em algumas palavras para identificar qual era, por parecerem semelhantes em algumas palavras, como mostra a figura a seguir.

FIGURA 06 – GRAFIA DA LETRA “A” E DA LETRA “O”



FONTE: A Autora, 2023.

A Figura 07 traz dois grupos de palavras, do lado esquerdo estão as palavras com a letra “o” grafadas com um traço: (o). No lado direito, estão as palavras com a letra “o” grafadas sem nenhum outro traço, dificultando a transcrição, como na palavra “Moura” que poderia ser “Maura” ou “Mouro”, mas, recorrendo ao contexto, trata-se do escritor Paulino de Moura, a inferência pelo contexto também foi realizada com demais palavras que geram dúvida. Às vezes, o traço da letra até pareceu com o acento agudo, como no caso de “hóras”, que foi transcrito na publicação de 2021 com acento agudo (conforme é possível verificar na coluna C, da Tabela 1).

Com relação à transcrição da publicação de 1961, que consta na coluna B da Tabela 23, que trouxe o texto editado por Audálio Dantas (que afirmou que conservou “a linguagem e a ortografia da autora, sem alterar nada”), é possível comparar alguns trechos por meio da tabela a seguir:

TABELA 24 – COMPARAÇÃO ENTRE A GRAFIA DO MANUSCRITO E A PUBLICAÇÃO DE 1961

Manuscrito (Coluna A da tabela 1)	Publicação de 1961 (Coluna B da tabela 1)
1. Levantei as 6 horas	1. Levantei as 6 horas
2. - para onde?	2. - Para onde?
3. Vou ressidir em Osasco.	3. Vou residir em Osasco.
4. Ele serviu. logo. paguei e sai correndo.	4. (Trecho cortado pelo editor sem aviso)
5. ... chegou o senhor paulino de Moura dono da livraria Baulevard.	5. ... chegou o senhor Paulino de Moura, dono da livraria Boulevard.
6. Vêio convidar-me para eu ir na sua livraria autografar os meus livros.	6. Vêio convidar-me para eu ir na sua livraria autografar os meus livros.
7. ...irei depois que agêitar a vida dos meus filhos...	7. (...) (Trecho cortado pelo editor com aviso marcado pelo uso das reticências).

FONTE: A autora (2023)

Na Tabela 24, trazemos, na primeira coluna, seis trechos do manuscrito e os comparamos com os trechos que foram editados e publicados em 1961, disponibilizados na segunda coluna. Ao contrário do que afirmou Audálio Dantas, por meio da comparação deste pequeno trecho, já foi possível perceber que houve alterações feitas na grafia de algumas palavras (como na utilização de letra maiúscula no inicial da linha 2: “para” / “Para” e no nome próprio grafado na linha 5: “paulino” / “Paulino”), alteração na pontuação (vírgula adicionada no aposto da linha 5: “Paulino de Moura, dono da livraria...”) e foi realizado corte na narrativa sem marcador que anuncia ao leitor esse corte (na linha 4 da Tabela 2 demonstra o corte sem aviso e na linha 7 o exemplo de corte com aviso). No restante do trecho transcrito, na coluna B da Tabela 24, vê-se que houve uso de reticências para indicar corte na narrativa. Quanto ao que não foi alterado, pode-se perceber que foi mantida a grafia na linha 1, sem a adição da crase ao mencionar as horas (“as 6 horas”) e foi mantida a discordância da regência verbal no trecho “eu ir na sua livraria”, na linha 6. Sendo assim, foi possível perceber que, no trecho comparado, houve mais casos de interferência do editor do que respeito à forma como Carolina Maria de Jesus se expressava no seu diário manuscrito. Com relação a isso, teceu-se uma crítica, não pelo fato de ter ocorrido edição com correção de palavras e cortes, mas porque o editor tinha assegurado que não iria fazer alterações (até mesmo citando que possuía os cadernos originais para que isso pudesse ser averiguado).

A tabela a seguir será utilizada para comparar o trecho do manuscrito e da edição de 2021, ambos transcritos anteriormente na Tabela 23, Coluna A e C, respectivamente.

TABELA 25 – COMPARAÇÃO ENTRE A GRAFIA DO MANUSCRITO E A PUBLICAÇÃO DE 2021

Manuscrito (Coluna A da tabela 1)	Publicação de 2021 (Coluna C da tabela 1)
1. Levantei as 6 horas	1. Levantei as 6 horas
2. - para onde?	2. - Para onde?
3. Vou ressidir em Osasco.	3. Vou ressidir em Osasco.
4. Ele serviu. logo. paguei e sai correndo.	4. Ele serviu logo, paguei e sai correndo.
5. ... chegou o senhor paulino de Moura dono da livraria Baulevard.	5. ... chegou o senhor Paulino de Moura dono da livraria Boulevard.
6. Vêio convidar-me para eu ir na sua livraria autografar os meus livros.	6. Vêio convidar-me para eu ir na sua livraria autografar os meus livros.
7. ...irei depois que agêitar a vida dos meus filhos...	7. ...irei depois que agêitar a vida dos meus filhos...

FONTE: A autora (2023)

Na Tabela 25, disponibilizamos trechos do manuscrito na primeira coluna e os mesmos trechos foram retirados da transcrição da edição de 2021 e foram postos na segunda coluna. Por meio da comparação das duas colunas, foi possível verificar que ocorreram algumas mudanças com relação ao manuscrito. Na linha 1, as editoras colocaram acento em horas (“horas”), mas pode ser que esse acento agudo não exista, se considerar o traço grafado acima da letra “o” como marcação para diferenciar a letra “o” da letra “a”, conforme demonstrado anteriormente na Figura 7. Na linha 2 e na linha 5 observou-se a alteração no uso da letra maiúscula (no início da frase e no nome próprio, respectivamente) e houve troca na pontuação do trecho da linha 4 (troca do ponto final pela vírgula). No mais, a edição de 2021 manteve a grafia destoante da norma padrão das palavras, conforme escritas no Manuscrito de Carolina Maria de Jesus, de modo a respeitar as etapas do “aprendizado linguístico da escritora”, conforme exposto na nota sobre a edição de 2021, como na linha 3 (“ressidir”), linha 6 (“Vêio”), linha 7 (“agêitar”).

Ainda tratando a respeito da grafia, segue a tabela com outros trechos das duas edições de *Casa de Alvenaria*:

TABELA 26 – COMPARAÇÃO DA GRAFIA DAS PUBLICAÇÕES

3. Publicação de 1961	4. Publicação de 2021 (Vol. 1)
1. Êle trouxe uns livros para eu autografá-los. (p. 45)	1. Ele trouxe uns livros para eu autografa-los. (p. 27)
2. O senhor Paulino auxiliou-me, retirando as gavetas pela janela, para ser filmada e fotografada. (p.45)	2. O senhor Paulino de Moura auxiliava-me, ritirando as gavêtas pela janela, para ser filmado e fotografado. (p.27)
3. - Vê se não esquece dos pobres. (p. 46)	3. - Ve se não esqueçe dos pobres. (p. 46)
4. É que o visinho é impicante. Eles não atinge o muro do visinho. (p. 62)	4. É que o visinho é impricante. Eles não atinje o muro do visinho. (p.61)

FONTE: A autora (2023)

Na tabela acima, temos na primeira coluna trechos retirados de partes distintas de *Casa de Alvenaria* publicado em 1961 e, na segunda coluna, temos os trechos correspondentes às publicações de 1961, mas que foram publicadas em 2021.

Antes de proceder com a comparação, é importante registrar o que Fernandez apontou sobre a grafia de Carolina Maria de Jesus, em sua minuciosa pesquisa sobre os manuscritos da escritora:

Nos originais de Carolina de Jesus, nota-se que as imposições da norma culta da língua portuguesa estão praticamente ausentes e, em geral, cedem lugar às marcas da oralidade, tais como se processam no nível lexical, discursivo e fonológico, em contraste com um número expressivo de vocábulos cultos, inseridos de memória, da cultura paraescolar, de leituras autodidatas e do ouvido atento. O uso da acentuação e da pontuação prefigura com maior intensidade a reprodução das falas das personagens representadas no texto, pela presença do sotaque mineiro dela mesma, do nordestino, do português, do cigano ou do espanhol ("iducado", "fidida", "purtugueis", "imprimacar", "puis", "treis", "ricibi", "reencarnações", "lumbriga", "maguá-lo") do que propriamente uma adequação às regras gramaticais ou a um estilo único determinado (FERNANDEZ, 2019, p. 62)

Por meio da comparação da Tabela 26, é possível perceber que foram mantidas as marcas que registram a prosódia mineira na coluna da edição de 2021 na linha 2 ("ritirando") e na linha 4 ("impricante"). Essa prosódia não somente é mineira, mas herança do contato da língua portuguesa com as línguas africanas dos negros escravizados, foi chamada de "pretuguês" por Lélia Gonzalez (1988, p.70). A língua carregada de ancestralidade manifestada em músicas, poesias e demais produções que, segundo Gonzalez (idem) "Desnecessário dizer o quanto tudo isso é encoberto pelo véu ideológico do branqueamento, é recalcado por classificações

eurocêntricas do tipo "cultura popular", "folclore nacional" etc, que minimizam a importância da contribuição negra". A edição de 1961 manteve na linha 1 o acento diferencial em "êle" porque a publicação ocorreu antes da reforma ortográfica de 1971 e alterou as palavras para a norma padrão: adicionou acentuação em "autografá-la", na linha 1, e em "Vê", na linha 2, "filmada e fotografada"; tirou o cedilha de "esquece" na linha 3; alterou as palavras "retirando", "implicante" e "atinge". Sobre a escrita original, a edição de 1961 manteve apenas a grafia de "visinho" fora do padrão na linha 4 e a concordância verbal nesta mesma linha, "atinge". Também, na coluna 1, foi possível observar que houve supressão do sobrenome de uma pessoa, "Paulino", dificultando a referencialidade no texto.

Com a análise das tabelas 24, 25 e 26 foi possível constatar que houve mais interferência do editor na grafia das palavras da publicação de 1961, apesar de Audálio Dantas ter dito que não teria feito este tipo de alteração. Já a edição de 2021, trouxe bem menos interferência das editoras, no entanto, elas podem ser percebidas, como nas linhas 2 e 4 da Tabela 3.

O próximo quadro trouxe a comparação com relação à escolha lexical:

TABELA 27 – ESCOLHA DE PALAVRAS

1. Publicação de 1961	2. Publicação de 2021
1. O reporter chegou tarde. (p. 61)	1. O Audálio chegou tarde. (p. 56)
2. Fiquei contente quando o reporter chegou. (p. 61)	2. Fiquei contente quando o Audalio chegou. (p. 56)
3. Eu estive em Baurú com o reporter. (p. 61)	3. Eu estive em Baurú com o Audalio. (p. 59)

FONTE: A autora (2023)

Na tabela 27, é possível verificar que foi realizada a substituição de palavra na edição de 1961, que utilizou o termo "reporter" no lugar de seu nome próprio, "Audálio", como foi feito em 2021. Com isso, afetou-se o campo semântico de significação, tendo em vista que gerou uma despersonalização do fato narrado ao retirar o nome próprio. Notou-se que foi mantida a grafia original na versão de 1961, sem acentuação de "reporter". Já a variação da acentuação em "Audálio" foi comum ser encontrada no relato de Carolina Maria de Jesus.

Em entrevista feita em 1995 pela pesquisadora Elzira Divina Perpétua com Audálio Dantas, ele confirmou que a troca de vocábulos atestada na Tabela 27 foi intencional:

27. E o processo de edição dos manuscritos foi o mesmo?

Sim, foi exatamente igual. Só que em Casa de alvenaria eu cortei mais, até pela minha presença do livro. E eu ainda apareço, mas substituí meu nome, que ela escreve muitas vezes, Audálio, Audálio, por "o repórter". Minha preocupação era poupar o leitor da repetição exaustiva (PERPÉtua, 2014, p. 336)

Não apenas poupou-se o leitor, mas a si próprio, tendo em vista que, no segundo diário, Dantas apareceu muitas vezes, a princípio como mocinho para Carolina, mas, depois, como vilão.

A segunda verificação a ser analisada foi com relação aos cortes feitos por Audálio Dantas que, segundo ele, “houve cortes de grandes trechos, todos sem maior significação. Ficou o essencial, o importante, funcionando como uma película cinematográfica”. É neste ponto que foi possível analisar melhor o que foi considerado “sem maior significação”. Primeiramente, diferente da nota ao leitor da edição de 2021, que explicou o que certos símbolos representaram ao aparecer na narrativa, apareceram marcas na publicação de 1961 que não foram explicadas ao leitor, que deveria inferir:

- 1) que as reticências apareceram no início de parágrafos representando corte de trechos: “... Ele filmou-me, escrevendo, e ao lado do senhor Paulino e os meus filhos.” (JESUS, 1961, p. 27);
- 2) que as reticências dentro de parênteses apareceram no meio de parágrafos, também representando cortes:

17 de maio Troquei a Vera e o José Carlos e fomos para a cidade. Passei no empório do senhor Eduardo para pagar-lhe o que devo. Eu disse ao senhor Eduardo que eu ia na cidade. Que ia ganhar uns livros. Tomamos o onibus. (...) Fiquei alegre quando vi o reporter José Hamilton. Depois chegou o senhor Gil Passarelli. Voltamos para a Rua Caroneiro Leão, 267. O gerente da Edições O Livreiro Ltda. estava na porta. Ele disse-me que eu podia escolher os livros que agradasse-me. Orientada pelo reporter José Hamilton escolhi os livros. (...) Hoje é o meu grande dia. A tristeza estava residindo comigo há muito tempo. Veio sem convite. Agora a tristeza partiu, porque a alegria chegou. Para onde será que foi a tristeza? Deve estar alojada num barraco da favela (JESUS, 1961, p. 22).

- 3) que houve a utilização de um travessão longo no meio da linha, talvez indicando um corte maior na narrativa, mas isso não ficou certo para o leitor, —————:

Ela pararam bruscamente, olharam a nota de mil cruzeiros. Depois olharam-me. E sorriam. Pensei: Ah, dinheiro... invenção diabólica que escraviza o homem e liberta o homem.

... Tenho que voltar a São Paulo para ir no Baile da Primavera no Salão de Festas Fazano. (...) Fomos de onibus porque não tinha automoveis. Os motoristas estavam em greve (JESUS, 1961, p. 61).

A partir daqui, será focalizado na questão dos cortes realizados na narrativa de *Casa de Alvenaria* 1961 que foram publicados na narrativa de 2021.

TABELA 28 – TRECHO SOBRE A MUDANÇA PARA OSASCO

1. Publicação de 1961	2. Publicação de 2021
Que confusão! Eu não sei de onde surgiu tantas pessoas para presenciar a minha partida. <u>A Chica</u> e a Nair xingavam-me e diziam: - Você vai embora para não apanhar! Eu disse-lhe: - Estou aqui há 12 anos e você nunca espancou-me. Pode espancar. Eu vou residir em Osasco. O meu endereço é Rua Antonio Agu 833. O Audálio e os <u>outros</u> jornalistas estavam no meio dos favelados. Eu temia uma agressão. Despedi só da D. Alice e da D. Eunice. O Audálio queria que eu despedisse dos favelados pegando-lhes nas mãos, gesto que eu reprovei. ... <u>As visinhas de alvenaria</u> olhavam-me no caminhão acenando as mãos. Mas eu vou sentir saudade só da D. Isaltina. Que portuguesa boa! Ela dava comida e roupas para os meus filhos (JESUS, 1961, p. 46, todas as marcações no trecho foram de minha autoria).	Que confusão. Eu não sei de onde surgiu tantas pessoas para presenciar a minha partida. <u>O Chico Kiss</u> e a Nair Mathias xingava-me e diziam: - Você vae embora para não apanhar! Que nojo que eu tenho da Nair ela, foi criada na favela, e não aprendeu nada, podia aprender o corte e custura, podia trabalhar em casa, para auxiliar o seu ilustre espôso que é muito bom. Eu disse-lhe: - Estou aqui ha doze anos, e vocês nunca expancou-me, podem expancar, eu vou ressidir em Osasco, o meu endereço é rua Antonio Agui 833, pergunta ao senhor Antonio Soeiro Cabral onde é a minha ressidencia, ele indica. O Audalio e os jornalistas estavam no méio dos favelados. Eu temia uma agressão, despedi so da Dona Alíçe de Barros e Dona Eunice, as duas visinhas amáveis. Eu estava no centro. O Audalio queria que despedisse dos favelados pegando lhes nas mãos, gesto que eu reprovei, <i>porque a mão do favelado não tem poesia, não tem ternura, não sabe acariciar. Mãos que não pratica um gesto caritativo, maos que desconhecem suas utilidades, porque a mão quando é bem orientada constroe altares de gloria. Maos que suplantam as machinas.</i> <u>Os visinhos de alvenarias</u> olhavam-me no caminhão acenando as mãos, mas eu vou sentir saudades so da Dona Isaltina, que portuguesa bôa! Ela dava comida e roupas para os meus filhos (JESUS, 2021, Vol. 1 p. 29, todas as marcações no trecho foram de minha autoria)

FONTE: A autora (2023)

A tabela 28 apresentou um trecho do relato de Carolina Maria de Jesus onde foi contado o dia da mudança da favela do Canindé para Osasco. O diário de 1961, apesar de ser bem mais sucinto na edição da narrativa, neste dia, procurou fazer

menos cortes no que foi narrado, devido à importância daquele momento que gerou muito sensacionalismo. A saída da escritora da favela foi agendada, avisada na mídia, sendo acompanhada por jornalistas e pelos favelados que rodeavam o barraco de Carolina, muitos estavam nervosos por pensar que ela estava enriquecendo às custas deles. Mesmo com poucos cortes, na comparação das duas publicações, é possível levantar alguns apontamentos:

1. Os vocábulos marcados em azul representaram a manutenção da grafia original da escritora; os termos em vermelho representaram a mudança do vocábulo para atender à norma padrão. Na publicação de 1961, teve-se a ocorrência de 11 vocábulos escritos fora da norma padrão, mas 9 foram corrigidos pelo editor, ficando apenas 2 preservando a forma como a escritora escrevia (lembrando que, na apresentação da edição, foi garantido que a forma de escrita da escritora foi mantida). Por outro lado, não houve ocorrência de alteração na grafia para atender à norma padrão, neste trecho da edição de 2021 (mantendo o que o conselho editorial tinha apontado na nota sobre a edição).
2. Os termos sublinhados marcaram os acréscimos e substituições, estratégia de Dantas levantada por Perpétua (2014), mencionada anteriormente. A troca do gênero das palavras gerou um efeito semântico diferenciado na compreensão do trecho. Por exemplo, Dantas, ao optar por substituir “O Chico Kiss” (2021) por “A Chica” (1961) e trocar “Os vizinhos de alvenarias” (2021) por “As vizinhas de alvenaria” (1961) levou a entender que recaiu sobre o gênero feminino a culpabilização pela confusão, numa visão simplista de que é a mulher que protagoniza o conflito, enquanto que o homem é quem daria o exemplo e auxiliaria na solução do mesmo. A edição de 2021, ao manter ambos os gêneros, fez com que a narrativa se aproximasse da realidade, tendo em vista que tanto homens quanto mulheres estavam envolvidos na confusão da mudança de Carolina Maria de Jesus. Também, ao trocar o “vocês” (2021) pelo “você” (1961) era como se a ameaça fosse feita apenas por uma pessoa, em uma discussão individual, enquanto que Carolina respondeu não apenas para as interlocutoras, mas para qualquer um que estava ali, demonstrando que não temia ameaças de ninguém. O acréscimo do vocábulo “outros” (1961) ao termo “jornalistas” impôs mais sensacionalismo à cena, tendo em vista que

quantificou, mesmo que indefinidamente, a presença dos jornalistas no local, reforçando a ideia de que o assunto não importava apenas para ele e para quem ele trabalhava.

3. Os vocábulos em *Itálico* representam os trechos cortados na versão de 1961 com aviso ao leitor, por meio das reticências (...). Neste trecho, houve uma análise crítica que Carolina fez com relação ao termo “mãos”, utilizado tanto no sentido de parte do corpo quanto no sentido figurado, representando a força de trabalho.
4. Os vocábulos em **negrito** representaram os trechos cortados na versão de 1961 sem aviso ao leitor, como, por exemplo, sem demarcar com as reticências. A utilização do nome próprio “Mathias” (2021) deu um tom de referencialidade específica, apontando diretamente com quem Carolina falava, sem medo de represálias. O trecho “Que nojo que eu tenho da Nair ela, foi criada na favela, e não aprendeu nada, podia aprender o corte e costura, podia trabalhar em casa, para auxiliar o seu ilustre espôso que é muito bom” (2021) revelou os sentimentos diretos de Carolina com relação às pessoas, que poderia ser tanto bom quanto ruim, dependendo de como a pessoa se portava; para Carolina Maria de Jesus, no casamento, ambos precisavam contribuir com o trabalho para que não houvesse a ruína dele. Os demais trechos também denotaram situações de apreço com relação às pessoas, o que levou a entender que Carolina era uma mulher forte, determinada, destemida mas, ao mesmo tempo, era dócil e sabia expressar carinho e afetividade, contrastando com o perfil dos demais moradores da favela. Como a ideia da publicação de 1961 era dar sequência a *Quarto de Despejo*, pode ser que a estratégia utilizada aqui funcionasse para manter a imagem de Carolina Maria de Jesus mais próxima da dos favelados.

3.4 ANÁLISE LITERÁRIA DE CASA DE ALVENARIA (2021)

Apontaremos aqui as considerações literárias especificamente relacionadas à *Casa de Alvenaria* (2021). No item “1.6 Carolina Maria de Jesus na casa de alvenaria” já foi tratado sobre a trajetória de Carolina neste ambiente, em comparação com a publicação de 1961. Também no Capítulo 2 foram abordadas algumas questões literárias a respeito das duas edições.

Sobre a edição de 2021, ela foi publicada pela editora Companhia das Letras, em dois volumes: *Casa de Casa de Alvenaria* - Volume 1: *Osasco* e *Casa de Alvenaria* - Volume 2: *Santana*. A publicação seguiu de acordo com os manuscritos que se encontraram arquivados na cidade de Sacramento, MG e o Conselho Editorial, que realizou a edição dos dois volumes, afirmou que procurou ser fiel aos manuscritos, mantendo a grafia das palavras, a estrutura dos enunciados, a escolha lexical, da forma como a escritora Carolina Maria de Jesus utilizou na época dos manuscritos. O Conselho Editorial foi coordenado pela escritora Conceição Evaristo e pela filha de Carolina Maria de Jesus, Vera Eunice de Jesus, e contou com o auxílio de quatro pesquisadoras carolinianas: Raffaella Fernandez, Fernanda Felisberto, Fernanda Miranda e Amanda Crispim.

O formato da narrativa foi em diário, no entanto, dadas as condições de produção, de edição e de publicação, a narrativa enquadrou-se no gênero autobiográfico. Outros gêneros textuais perpassaram o texto, como poemas, bilhete, convite, dedicatórias, provérbios. Além disso, ao contar sobre seu dia, muitas vezes, Carolina acabou se remetendo à memória para escrever situações que ocorreram em outros momentos, até mesmo por não ter tido tempo de escrever no dia específico, utilizou-se também de diálogos com outras pessoas e reflexões consigo mesma, que acabaram distanciando o texto do diário, conforme já dito. Portanto, quem narrou os fatos foi a própria escritora Carolina Maria de Jesus, que apareceu nos diários como autora-narradora-personagem. É importante que o leitor entenda que a narrativa retratou a realidade de Carolina Maria de Jesus, no entanto, não deve ser tomado unicamente como um retrato fiel da realidade, tendo em vista que Carolina aplicou ao relato seu estilo de escrita e seu modo de ver, analisar e descrever os fatos, as pessoas e as situações, muitas vezes, recorrendo à memória para a constituição dos seus testemunhos. A essa escrita testemunhal, Conceição Evaristo chamou de “escrevivência”, e relatou no prefácio de seu livro *Becos da memória* (2017) como isso ocorreu:

Também já afirmei que invento sim e sem o menor pudor. As histórias são inventadas, mesmo as reais, quando são contadas. Entre o acontecimento e a narração do fato, há um espaço em profundidade, é ali que explode a invenção. Nesse sentido, venho afirmando: nada que está narrado em *Becos da memória* é verdade, nada que está narrado em *Becos da memória* é mentira (EVARISTO, 2017, np.).

Assim, parafraseando Evaristo (2017, np.) e Sirino (2019, p. 80), por extensão, nada do que está narrado em *Casa de Alvenaria* é verdade e nada do que é narrado em *Casa de Alvenaria* é mentira. Partindo do pressuposto de que a narrativa testemunhal vai além da realidade do momento e do fato narrado, os diários de Carolina transitaram no gênero literário da mesma forma em que entraram e saíram do testemunho histórico e social. Ou seja, eles puderam tanto testemunhar a condição da mulher negra e pobre, bem como dos demais moradores da favela do Canindé, retratando a pobreza existente na cidade considerada a mais rica do Brasil (caso de *Quarto de despejo*) ou denunciaram o preconceito e os demais problemas existentes que vão além da fome (como em *Casa de Alvenaria*), bem como trouxeram em si a riqueza de um estilo literário próprio de Carolina Maria de Jesus, já tratado aqui nesta tese: a linguagem que refletia o “pretuguês”, abordado por Lélia Gonzalez (1988), marcas da sua ancestralidade, por meio da escolha de vocábulos e no modo de construir seus enunciados, estilo próprio de narrativa com mescla de gêneros, processos estes que devem ser valorizados.

Com relação ao tempo, a publicação de *Casa de Alvenaria*, nesta edição de 2021, em dois volumes, possuiu datação iniciada em 30 de agosto de 1960 a 20 de dezembro de 1960 (no volume 1) e de 24 de dezembro de 1960 até 18 de dezembro de 1963 (no volume 2). Os manuscritos que compuseram o diário foram escritos enquanto Carolina Maria de Jesus vivenciava o sucesso da publicação de seu primeiro diário, *Quarto de despejo* (1960), que ficou por muito tempo no *ranking* dos mais vendidos no Brasil, ao lado de publicação de Jorge Amado e Clarice Lispector. No entanto, dentro do quadro literário nacional, não se encontrou seu nome na historiografia canônica, como também ocorreu com outros escritores negros, como Teixeira e Sousa e Maria Firmina dos reis, ambos precursores de romance no Brasil. Para trazer voz aos escritores e escritoras negras omitidos/silenciados pela historiografia literária, surgiu uma ramificação no quadro literário, denominado de Literatura Negra ou Afro-brasileira. Tratou-se de uma resposta à marginalização histórica do sujeito negro autor na literatura, enquanto busca de um espaço na literatura nacional, não como mais uma forma de segregação para o negro, mas sim de autoafirmação e de valorização de sua herança cultural, enquanto parte constitutiva da cultura brasileira. Ainda, dentro da Literatura Negra, encontra-se a Literatura Periférica ou Marginal, que é onde costumeiramente (e por desconhecimento de seu

escopo literário) encontramos o nome de Carolina Maria de Jesus e sua obra, o que vem sendo questionado na vertente dos estudos decoloniais.

Sobre o local onde se ocorrem os fatos narrados, no volume 1, “Osasco”, parte-se do dia da saída de Carolina Maria de Jesus da favela do Canindé e chegada em um quarto de alvenaria emprestado pra ela, localizado em Osasco, e seguiu retratando a vida de Carolina e dos filhos em Osasco e as viagens de Carolina por outras cidades do Brasil, em decorrência da divulgação de *Quarto de despejo*, até o dia que Carolina decidiu que iria se mudar para sua casa de alvenaria comprada, mas que ainda estava ocupada pelos antigos moradores que relutavam em deixar a casa vendida. O volume 2, “Santana”, mostrou a mudança de Carolina de Osasco até o bairro de Santana, considerado como de classe média em São Paulo, e seguiu retratando as dificuldades dela neste espaço: de chegar na casa infestada de pulgas que estava ainda ocupada pela família que não saía, pelas dificuldades em manter a casa, cuidar dos filhos e cumprir sua agenda de viagens e eventos para divulgar seu primeiro diário. Nesse meio tempo, entre as narrativas de seu cotidiano, Carolina foi tecendo comentários críticos a respeito das pessoas e do ambiente fora da favela e seguiu opinando sobre acontecimentos políticos importantes que ocorreram no Brasil e no mundo, demonstrando conhecimento amplo e que estava atualizada com relação ao que se passava ao redor.

Com relação aos elementos do texto, constaram nos dois volumes da publicação de *Casa de Alvenaria* (2021) o “Sumário” que trouxe os elementos pré-textuais, o texto em si e os elementos pós-textuais. Como pré-textuais, teve-se a “Nota sobre esta edição” - que já deixou claro ao leitor que a edição conservou a grafia e o modo de escrever de Carolina Maria de Jesus, indo além da questão da pouca escolarização da escritora, mas como respeito ao modo criativo da escritora, bem como alerta que a ordem cronológica dos manuscritos fora respeitada, mantendo-se mesmo os saltos na narrativa, resultados de cadernos incompletos ou de folhas soltas, ficando o leitor ciente que ainda poderia haver mais textos dispersos que diziam respeito a *Casa de Alvenaria*; e trouxe um artigo escrito por Conceição Evaristo e pela filha de Carolina, a Vera Eunice de Jesus, “Outras letras: tramas e sentidos da escrita de Carolina Maria de Jesus”, em que as autoras procuraram mostrar ao leitor de *Casa de Alvenaria* a importância dessa obra publicada após o maior sucesso de Carolina Maria de Jesus, *Quarto de despejo*, contendo o contexto desse sucesso, bem como

dava pistas aos leitores de como compreender o universo de escrita da escritora. Como elementos pós-textuais, teve uma breve biografia de Carolina Maria de Jesus intitulada “Sobre a autora”; e “Sugestões de leitura” com as obras de Carolina Maria de Jesus e com referências gerais de trabalhos sobre sua obra.

Sobre o relato do primeiro dia que inicia o Volume 1, 30 de agosto, ele trouxe uma narrativa considerada longa, em comparação com o que ocorre em outros dias do diário, rica em detalhes sobre a saída de Carolina da favela do Canindé e a chegada dela em Osasco. Durante os dois volumes do diário, não houve uma regularidade na extensão dos relatos diários, ou foram bem curtos (um ou dois parágrafos) ou extensos (vários parágrafos ou várias páginas), dependendo da importância do que ocorrera e do tempo de Carolina. Sobre o primeiro dia relatado, a mudança foi acompanhada por repórteres, fotógrafos, cinegrafistas, pois Carolina já era reconhecida como escritora do diário *Quarto de Despejo*, publicado há alguns meses. Com a fama, despertou-se também a fúria dos demais moradores de favela que pensavam que Carolina estava ficando rica às custas deles e alguns apedrejaram o caminhão de mudança. Audálio Dantas queria que Carolina saísse da favela pegando na mão dos moradores, fato que não ocorreu - “a mão do favelado não tem poesia, não tem ternura, não sabe acariciar” (JESUS, 2021, vol. 1, p. 29), algo desconhecido pelo jornalista que também não compreendia que essa não era a diplomacia praticada ali - “Confete de favelados é pedra” (JESUS, 2021, vol. 1, p. 32). A chegada de Carolina em Osasco, já foi com recepção diferente, conforme nota-se no trecho a seguir:

A televisão já estava aguardando-me, os fotógrafos fotografou-me perto dos meus cacarecos que achei no lixo. Eu olhava os cacarecos e pensei nos quinze anos que vivi no lixo. Fiquei triste porque o Audálio não estava presente, pensei: sera que ele não queria que eu mudasse da favela?...

Várias pessoas havia dito que o Audálio transformou-me em rato, para os gatos, mas, o rato corre mais do que o gato, e eu corri para Osasco. Os vizinhos do senhor Cabral afluíram-se perguntando:

- O que aconteceu?

Expantados com o povareu da imprensa.

- É a Carolina que está mudando para Osasco.

- Que Carolina?

- A Carolina da televisão!

- Aquela que escreve.

- Ah!... Já sei.

Chegou o reporter José Milton e o senhor Gil Passareli, perguntei pelo Audálio:

- Ele não pode vir. (JESUS, 2021, vol 1, p. 31)

Destacamos este trecho porque nele podemos perceber vários pontos do estilo de Carolina Maria de Jesus, que seguem durante a narrativa de seus dias, nos dois volumes publicados, a saber:

1º A linguagem: a utilização de pronome enclítico (“aguardando-me”, “fotografou-me”, “afluíram-se”) e a utilização de vocábulos não comuns ao cotidiano das pessoas (“afluíram” e “povareu”), marcam que Carolina trazia em sua linguagem a preocupação em seguir a norma culta (aprendida autodidaticamente com a leitura de livros); já a não utilização de acentos (“fotografos”, “varias”, “reporter”, etc), a troca de consoantes (“visinhos”, “expantados”), a conjugação do verbo poder (“poude”) aproximam sua linguagem da fala popular e, em muitas das situações, mantendo a forma de falar denominada de “pretuguês”, já mencionada anteriormente. Além disso, Carolina Maria de Jesus se utilizou frequentemente de linguagem comparativa ou metaforizada, como uma arma que ela podia usar para se defender, criticar ou atacar, já que ela tinha autonomia e queria correr atrás de seus sonhos, conforme observou-se no trecho: “Varias pessôas havia dito que o Audálio transformou-me em rato, para os gatos, mas, o rato corre mais do que o gato, e eu corri para Osasco”. Pode-se inferir, por meio desta metáfora zoomórfica, que Carolina tinha conhecimento de que podia ser explorada e tomou suas próprias decisões, não dependendo exclusivamente do aval de Audálio Dantas, seu editor e responsável pela publicação dos dois primeiros diários de Carolina Maria de Jesus. O termo “rato”, correlacionado à Carolina, pode ser inferido como algo que circula pelo lixo, no entanto, a escritora rapidamente apresentou uma característica do rato - a agilidade - para positivar a comparação indiretamente negativa feita a ela. No contexto da narrativa, ela conseguiu um local temporário para sair da favela, e saiu, independente do que pensava Audálio.

2º A narrativa: neste trecho, podemos perceber como é constituída a narrativa de Carolina, ao contrário do que normalmente ocorreu no texto de diário, com o foco voltado para o “eu” - sujeito que escreve, notou-se a existência de diálogo, havendo, portanto, a fala de vários “personagens” que integraram seu texto. Tratamos aqui de “personagens” as pessoas que a cercavam, levando em conta que o diário teve seu caráter ficcionalizado. Se tomamos Carolina Maria de Jesus como autora-narradora-personagem, as pessoas que integraram sua narrativa também são consideradas como personagem, ainda mais com a distância temporal existente entre o manuscrito

e a publicação de 2021. No trecho: “- Que Carolina? /- A Carolina da televisão!/ - Aquela que escreve./ - Ah!... Ja sei”, houve o diálogo entre os vizinhos novos, que já conheciam a escritora pela TV. Alguns “personagens” são mais comuns, como os filhos e o editor Audálio Dantas, outros apareciam com certa frequência, como o senhor Antônio Soeiro Cabral que emprestou um local para ela morar ou apareciam apenas uma vez, dependendo do contexto, para ser lembrado, criticado ou para demonstrar gratidão. A edição de 2021 revelou os nomes, conforme constam nos manuscritos, sem abreviações ou omissões, como ocorreu na primeira publicação de 1961.

3º A memória: Este trecho também trouxe uma marca da memória de Carolina, que disse que esteve 15 anos na favela, mas ela residiu lá de 1937 a 1960, o que daria menos que 15 anos, fato que mostrou que a memória era incerta, principalmente quando muitos outros sentimentos estavam envolvidos. Estava sendo um dia muito importante para ela, que misturava a raiva de ser maltratada pelos favelados e alívio por ter saído daquele ambiente; o sentimento de tristeza também foi revelado no fato de Carolina não ver o Audálio Dantas, com quem tinha uma relação conflituosa, alimentada por muitos que achavam que ele a explorava, mas ela tinha apreço por ele.

4º O testemunho: O retrato que Carolina Maria de Jesus trouxe de forma inegavelmente bem convincente (por sua “escrevivência”) mostrou como era difícil a realidade de uma mãe de três filhos que morava na favela que, em mais de uma década de vivência, só conseguiu acumular alguns “cacarecos que achei no lixo”, nada mais. Em outras passagens, Carolina Maria de Jesus retratou o preço pago pelas coisas e, na edição de 2021, foi possível encontrar algumas notas de rodapé com a conversão do valor para o ano da atual publicação, de modo que o leitor pudesse ter uma noção mais nítida dos valores. A escrita testemunhal foi, por muito tempo, uma barreira (de muitas outras) que afastava o texto de Carolina da apreciação literária, mantendo-o em áreas como a Antropologia, História e Sociologia.

Essa primeira fase de Carolina Maria de Jesus, a da fama, foi marcada por muitas novidades, muitas longas viagens de Osasco a São Paulo (3 horas, dependendo do meio de transporte) e outras viagens a diversas cidades do Brasil e do exterior para a divulgação de *Quarto de Despejo*. Isso trouxe novos problemas

porque ela não tinha tempo para escrever, nem para ler, e ainda tinha que cuidar dos filhos. O trecho a seguir reflete bem esse momento:

17 DE OUTUBRO DE 1960

Não tenho tempo para escrever o meu Diário devido os convites que venho recebendo de varias cidades do interior para autografar livros. Convites que atendo com todo prazer porque vou conhecer algumas cidades do Brasil.

Eu estou cansada. Não tenho tempo para ler.

O Audálio disse-me que este entusiasmo do povo passa. Eu pretendia ficar na favela, mas as mulheres feras que ressidem lá maltratavam o meu filho Jose Carlos na minha ausência. Fui autografar livros em Mogi das Cruzes. O Audalio acompanhou-me, quando voltamos eu não encontrei condução, paguei um taxi para conduzir-me a Osasco. 300,00. Tive que ressignar. E eu que quero fazer economia para comprar uma casa. Eu vinha dormindo dentro do automovel. Quando chegamos em Osasco o motorista despertou-me. Desci do auto e paguei o taxi, os filhos estavam dormindo. Que suplicio para desperta-los.

O senhor Antonio Soeiro Cabral não reclama a nossa permanencia na sua casa.

O “Diário” ao qual Carolina se referiu ao dizer “Não tenho tempo para escrever o meu Diário” é o próprio diário publicado como *Casa de Alvenaria*, que foi escrito já com a intenção de publicação e ela sabia que poderia ter problemas com a nova publicação (“Não estou tranquila com a ideia de que dêvo escrever o meu Diário da vida atual. Escrever contra a burguesia, eles são poderosos, pode destruir-me” (JESUS, vol. 1, p. 144)). A princípio, Carolina Maria de Jesus até gostou da ideia de viajar e conhecer o Brasil, mas a questão da falta de tempo para ler, escrever, cuidar dos filhos e até mesmo pagar as viagens começou a ser um grande empecilho para ela, que pagava caro para se transportar de Osasco a São Paulo.

O segundo volume de *Casa de Alvenaria* (2021) marcou uma outra fase vivida pela escritora e se iniciou com mais uma mudança, mas dessa vez era para a casa que ela havia comprado, no bairro de Santana, São Paulo. A mudança foi em 24 de dezembro de 1960 e a casa ainda estava ocupada pelos antigos moradores que não queriam deixa-la. Carolina entendeu que queriam mais dinheiro dela para isso, mas ela resolveu se mudar mesmo com as pessoas lá. Na sua nova casa, Carolina Maria de Jesus foi experimentando novas formas de violência, como a imposição para conseguir que os moradores deixassem sua casa, a dificuldade para conseguir pessoas para trabalhar para ela, tanto na reforma da casa quanto na limpeza da casa e a constante tentativa de extorsão, ao ponto de ela ver o dinheiro como um grande provedor de problemas. A vida na casa de alvenaria foi ficando difícil, os filhos continuavam a sofrer violência dos vizinhos, o custo de vida foi ficando mais alto, o

dinheiro foi chegando com menos frequência e a fama foi diminuindo. Carolina Maria de Jesus percebeu que não conseguiria viver como escritora na sua tão sonhada casa de alvenaria e teve que vender até mesmo sua máquina de escrever para comprar comida aos filhos.

Mas Carolina Maria de Jesus não tinha como ficar no lamento, ela tinha que lutar. Pensando que a vida no campo, como em sua infância, seria a resposta para a sobrevivência e para a criação dos filhos, em 18 de dezembro de 1963, Carolina e os filhos deixaram São Paulo para morar em uma chácara em Parelheiros, distrito localizado na zona Sul de São Paulo, em uma casa que ainda não estava concluída, sem janela e sem luz, mas com toda a esperança de seguir batalhando por uma vida onde pudesse realmente encontrar seu lugar.

Ao concluir a leitura de *Casa de Alvenaria*, volume 1 e 2, o leitor conseguirá ter uma dimensão do quanto foi difícil a trajetória de Carolina Maria de Jesus para se manter como escritora, como mãe, como mulher, tendo visivelmente sua raça, seu gênero e sua classe dificultado sua trajetória artística e literária, mas, mesmo em sofrimento, ela teve forças para continuar sua luta e para não desistir diante das dificuldades. O leitor também terá uma experiência literária diferente do que costuma ver nos renomados livros da literatura nacional ao ver como sujeito de enunciação uma mulher negra com linguagem e estilo literário específicos que despertam no leitor a ânsia por novas experiências literárias.

Carolina Maria de Jesus foi uma fonte de inspiração tanto para outras mulheres negras quanto para todos aqueles que se encontram de alguma forma excluídos e têm nela o exemplo e a força para seguirem suas batalhas, principalmente, por meio da arte literária.

CONCLUSÃO

Esta tese surgiu após a realização da pesquisa de Mestrado na Universidade Federal do Paraná: “A trajetória na construção da identidade da personagem-narradora-autora Carolina Maria de Jesus em seus diários”²³, defendida em 2019, a partir da qual se evidenciou a necessidade de aprofundar a questão da autoria negra feminina nos diários publicados de Carolina Maria de Jesus, cuja trajetória estava diretamente ligada a sua produção literária e, por isso, percebeu-se que muitos dos seus textos publicados tiveram cortes ou omissões por parte dos editores que indicavam a estereotipação da escritora antes mesmo da recepção dos seus textos, por uma sociedade que inferiorizava o sujeito negro bem como o sujeito feminino. As duas publicações *Casa de Alvenaria*, ocorridas em épocas distintas, 1961 e 2021, permitiram realizar uma análise comparativa de modo a compreender o quanto a edição pode omitir fatores que contribuem para a estereotipação de Carolina bem como a edição permite revelar uma escritora com qualidades diversas e exclusivas.

O primeiro ponto levado em conta nesta tese foi a situação do negro na sociedade brasileira, apontando aspectos históricos que afetaram a condição social da população negra desde a colonização brasileira até a época de publicação das duas edições de *Casa de Alvenaria*. Por meio dos estudos de Prado Junior (2004), destacou-se a colonização brasileira marcada pela dinâmica do mercado mundial, estando ligado ao comércio todas as principais decisões que afetaram nossa estrutura social, inclusive a escravização e a abolição. Neste processo mercantil, Gorender (2016) apontou que o negro escravizado, enquanto parte das relações de produção, conseguiu resistir e sobreviver ao processo de despersonalização forjado pela escravização por meio de uma constante criação imaginária, que afeta a “força social das significações e dos símbolos. Isso permitiu ao negro criar simbolicamente e na sua vida situações de resistência individuais ou coletivas que iam contra a “coisificação subjetiva” da escravização. A pesquisa de Florestan Fernandes (2021) apontou as principais dificuldades impostas estruturalmente ao negro ao tentar se incluir na sociedade de classes, como a estereotipação negativa (que limitava as oportunidades de trabalho), as dificuldades com relação à socialização prévia do

²³ Disponível em <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/60738> Acesso em 19 de agosto de 2019.

trabalhador negro, a reação do negro com relação a sua situação social de existência e o complexo de inferioridade e o conformismo.

Carolina Maria de Jesus se destacou e se distanciou com relação aos negros de sua época pela relação que ela tinha com a leitura e a escrita. A leitura era o principal meio pelo qual ela procurou aprender e compreender o mundo e a sociedade. A escrita era sua arma, não apenas uma forma de fuga da sua dura realidade, mas também de resistência contra essa realidade, e mais ainda, como condição própria de existência. No entanto, mesmo possuidora de um diferencial com relação à população negra de sua época, Carolina teve seu sonho de viver como escritora barrado pelo preconceito e pelas imposições sociais atribuídas a ela, mulher negra, mãe solo, de condição social pobre e recém-saída da favela. Procurando ser resistente às imposições, sua obra acabou promovendo uma ruptura com o cânone literário. Cabe salientar que não é porque houve uma ruptura com o canônico que sua obra perdeu valor literário, ao contrário, acabou ganhando em detrimento disso.

Na literatura, o canônico não precisa temer em ter que rever toda a sua estrutura excludente e elitista para integrar a mulher negra e pobre como sujeito de discurso literário porque não é isso que se pretende. Durante a pesquisa, foi possível identificar algumas formas de exclusão pela qual passou e passa a obra de Carolina Maria de Jesus, em particular, seu diário. A primeira exclusão refere-se à língua padrão, Carolina Maria de Jesus não frequentou a escola regularmente, tendo que abandoná-la logo que aprendeu a ler e a escrever para acompanhar o trabalho rural da sua família na infância; a norma padrão ia se revelando aos poucos para ela, e ela foi se apropriando da língua portuguesa de acordo com sua vivência, conforme ia realizando suas leituras e escritas, ia aprendendo, escrevendo e criando sua forma própria de escrita, longe do ambiente acadêmico. A segunda exclusão decorre justamente referente ao seu modo de escrever, a edição de 2021 manteve a grafia original de Carolina Maria de Jesus e isso gerou polêmica entre críticos literários que defendem que a escrita de Carolina Maria de Jesus deva ser adequada ao padrão vigente da língua para adquirir valor; no entanto, a edição de 2021 procurou manter exatamente a escrita encontrada nos manuscritos, prezando para que o leitor tivesse contato com toda a particularidade de criação da escritora, que revela tanto o “pretuguês” cunhado por Lélia Gonzalez, quanto a sua ancestralidade, verificada na escolha de vocábulos e na construção dos enunciados, processo que deve ser

valorizado. A terceira exclusão tem a ver com o sujeito e com o local de fala, mulher, negra e pobre, a interseccionalidade apontada por Angela Davis; Carolina Maria de Jesus procurou existir como escritora e se impor em um mercado editorial que se revelou preconceituoso e machista, ao que se deve o silenciamento de sua obra por décadas, mesmo após sua extraordinária fama com a publicação de seu primeiro diário, *Quarto de Despejo* (1960).

Casa de Alvenaria de 1961 foi editado para ser o diário de uma escritora ex-favelada, no limite do que ela, uma mulher negra, pobre, mãe (não casada) poderia dizer para a sociedade paulistana e brasileira de 1961. Sendo assim, cortes na edição de 1961 esconderam a mãe presente e preocupada com a educação dos filhos e com a forma com os filhos eram socialmente tratados em detrimento de sua raça e condição social - a ideia de mãe que criou os filhos sozinha não era socialmente aceita, fato que deveria ser silenciado, pois a criação dos filhos era algo a ocorrer dentro de um casamento, centralizado na figura do homem. A mulher dona de si, dos seus desejos e do seu futuro também foi algo omitido na edição de 1961, que permitiu apenas revelar uma personalidade difícil de Carolina Maria de Jesus ao se recusar a aceitar os conselhos dos homens que a cercavam. Uma insubmissão com motivos, muitas vezes, não revelados em 1961, devido ao fato de, ao sair da extinta favela do Canindé e ao residir ao lado da elite, a escritora passou a conhecer e o preconceito também existente neste novo local de residência e também no ambiente das letras, onde ela tanto almejava ter reconhecimento, mas foi barrada. Muitas vezes, em seu diário, ela citou que não queria ficar presa ao gênero do diário, mas era obrigada pelos editores porque, para eles, seus relatos eram importantes como registro da realidade e não como literatura. Carolina Maria de Jesus não aceitou isso e continuou tentando ser reconhecida como escritora e como uma artista completa, que cantava, tocava, sabia encenar e descrever o mundo ao seu modo particular, com todo direito a fazê-lo.

A edição de 2021 de *Casa de Alvenaria* trouxe uma escritora revolucionária, resistente, que batalhou contra uma estrutura patriarcal, preconceituosa, montada para que ela continuasse à margem. Os trechos revelados na edição de 2021 deixaram evidente que, em qualquer lugar que a colocassem, ela seria resistência, seria ela mesma, seria a Carolina Maria de Jesus, nunca teleguiada, dona de si e de suas decisões. É importante ressaltar que Carolina Maria de Jesus levou consigo, até

recentemente, o epíteto de “escritora favelada” por sua passagem temporária pela extinta comunidade do Canindé, mas ela procurou deixar claro que não pertenceu a esse ambiente, ali não era seu lugar e ela batalhou com suas armas (a leitura e a escrita) para sair dali. Conseguiu. A edição de 2021 de *Casa de Alvenaria* foi importante porque revelou ao leitor como isso ocorreu e como foi a recepção dela no ambiente da elite paulistana da década de 1960. A edição de 1961 teve como filtro um homem branco e uma sociedade conservadora e altamente preconceituosa, assim, o que foi publicado teve que levar em conta aquele contexto histórico e social. Já a edição de 2021, realizada por um conselho editorial feminino e majoritariamente negro, procurou romper as barreiras históricas, sociais e literárias impostas à escrita de Carolina Maria de Jesus e, por meio dessa edição, o leitor pode ter uma visão mais ampla e menos estereotipada por pré-conceitos diversos que permearam a obra da escritora. Com esse trabalho, evidenciou-se que a autoria de Carolina Maria de Jesus possui característica interseccional, ou seja, é permeada pelas questões de gênero, classe social e raça, que ficaram evidentes na medida em que ocorreu ou não interferência dos editores no texto publicado.

Após Carolina Maria de Jesus, mais mulheres negras vêm abrindo espaço e reconstruindo um mundo literário menos excludente, mais humano, com sentimentos e subjetividades que enriquecem nosso quadro literário e possibilitam aos leitores experiências literárias inéditas e grandiosas. Além disso, ao repensar criticamente seu processo de construção artística, bem como a edição de seus textos, colocou-se em evidência a importância da sua produção literária e sua representatividade na historiografia literária de autoria negra feminina e se contribuiu para desconstruir os estereótipos que permeiam a imagem da escritora e da sua obra.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, Aline Alves. **Carolina Maria de Jesus: projeto literário e edição crítica de um romance inédito**. Tese de Doutorado. Belo Horizonte: UFMG, 2015.

BAKHTIN, Mikhail Mjkhailovitch. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Emsantina Galvão G. Pereira. Coleção Ensino Superior. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARCELLOS, Sérgio da Silva. **Vida por escrito: guia do acervo de Carolina Maria de Jesus**. Sacramento, MG: Bertolucci, 2015.

BERND, Zilá. **O que é negritude**. Coleção Primeiros Passos – 209. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. 3ª Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CASTRO, Susana de. FERNANDEZ, Raffaella. Carolina Maria de Jesus, escritora decolonial e diaspórica. *In: Feminismo e resistência: ressonâncias na literatura latino-americana e caribenha*. Org. FREITAS, Lorena de. SOUZA, Livia Santos de. São Paulo: Pimenta Cultural, 2023.

COSTA, Cristiane. Protagonistas de uma nova história. *In: Carolinas: a nova geração de escritoras negras brasileiras*. Org. LUDEMIR, Julio. 1ª ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo: Flup, 2021.

CRISPIM, Amanda. EVARISTO, Conceição. FELISBERTO, Fernanda. MIRANDA, Fernanda. FERNANDEZ, Raffaella. JESUS, Vera Eunice de. **De mãos dadas com Carolina: Casa de Alvenaria em sala de aula**. Material para professores. Companhia das Letras, 2021. Disponível em: <https://cdl-static.s3-sa-east-1.amazonaws.com/SalaProfessor/Materiais/PDFs/GuiaProf_De_maos_dadas_com_Carolina_Maria_de_Jesus.pdf>. Acesso em 12 mar. 2024.

QUILOMBHOJE (ORG.) **Reflexões sobre literatura afro-brasileira**. São Paulo: Conselho de Participação e desenvolvimento da Comunidade Negra, 1985. p.15 - 24

DALCASTAGNÈ, Regina. **O prego e o rinoceronte: resistências na literatura brasileira**. Porto Alegre: Zouk, 2021.

DANIEL, Camila. Autoetnografia e “decolonialidade feminista negra”: escritas de si e a produção de intelectuais negras no Brasil. *In: Feminismo e resistência: ressonâncias na literatura latino-americana e caribenha*. / Organizadoras Lorena de Freitas, Livia Santos de Souza. – São Paulo: Pimenta Cultural, 2023. DOI: 10.31560/pimentacultural/2023.95903.2

DANTAS, Audálio. Casa de Alvenaria - história de uma ascensão social. *In*: JESUS, Carolina Maria. **Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada**. São Paulo: Francisco Alves, 1961.

DANTAS, Audálio. A atualidade do mundo de Carolina. *in*: JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**. Edição Popular, 1963. Disponível em: <<https://historiaafrosuzano.files.wordpress.com/2016/10/1960-quarto-de-despejo-p1.pdf>>. Acesso em 10 jan. 2018.

DAVIS, Angela Y. **Mujeres, raza y classe**. Madrid: Tres Cantos, 2004.

DERRIDA, Jacques. **Essa estranha instituição chamada literatura: uma entrevista com Jacques Derrida**. Trad. Marileide Dias Esqueda. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

DUARTE, Constância Lima. Literatura e feminismo no Brasil: primeiros apontamentos. *In*: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane (Org.). **Mulheres no mundo. Etnia, marginalidade e diáspora**. João Pessoa: Ed. Universitária; Ideia, 2005.

DUARTE, Eduardo de Assis. Literatura afro-brasileira: um conceito em construção. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, nº. 31. Brasília, janeiro-junho de 2008.

EGA, Françoise. **Cartas a uma negra: Narrativa antilhana**. Trad. CARNEIRO, Vinícius. MOATY, Mathilde. São Paulo: Todavia, 2021.

EVARISTO, Conceição. Fêmea fênix. *In*: **Maria Mulher – Informativo**, ano 2, n. 13, 25 jul. 2005.

_____. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. *In*: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane (Org.). **Mulheres no mundo. Etnia, marginalidade e diáspora**. João Pessoa: Ed. Universitária; Ideia, 2005.

_____. **Becos da memória**. Pallas Editora, 2017.

_____. JESUS, Vera Eunice de. **Outras letras: tramas e sentidos da escrita de Carolina Maria de Jesus**. *In*: JESUS, Carolina Maria de. **Casa de Alvenaria, Volume 1: Osasco**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira . - Salvador: EDUFBA, 2008.

FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1972.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. 6ª ed. São Paulo: Editora Contracorrente, 2021.

FERNANDEZ, Raffaella. **Processo criativo nos manuscritos do espólio literário de Carolina Maria de Jesus**. Tese de doutorado – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP : [s.n.], 2015.

_____. **A poética de resíduos de Carolina Maria de Jesus**. 1ª edição. Ebook. Brasília: Edições Carolina, 2019.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. **Tempo Brasileiro**. Rio de Janeiro, v.92, n. 93, p. 68-92, jan./jun. 1988. Disponível em: <<https://institutoodara.org.br/wp-content/uploads/2019/09/a-categoria-polc3adtico-cultural-de-amefricanidade-lelia-gonzales1.pdf>>. Acesso em 01 nov. 2023.

GORENDER, Jacob. **A escravidão reabilitada**. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, Fundação Perseu Abramo, 2016.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Org. Liv Sovik. Trad. Adelaine La Guardia Resende *et all*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

JESUS, Carolina Maria. **Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada**. São Paulo: Francisco Alves, 1961.

_____. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. Edição Popular, 1963.

_____. **Antologia Pessoal**. (Org.) José Carlos Sebe Bom Meihy. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

_____. **Meu estranho diário**. José Carlos Sebe Bom Meihy e Robert M. Levine (Orgs.). São Paulo: Xamã, 1996b.

_____. **I'm going to have a little house. The second Diary of Carolina Maria de Jesus**. Trad. ARRINGTON JR, Melvin S. e LEVINE, Robert M. University of Nebraska Press, 1997.

_____. **Diário de Bitita**. São Paulo: Sesi-SP editora, 2014a.

_____. **Quarto de Despejo: diário de uma favelada**. 10ª ed. São Paulo: Ática, 2014b.

_____. **Onde estaes Felicidade?** Org. DINHA [Maria Nilda de Carvalho Motta] e FERNANDEZ, Raffaella. São Paulo: Me Parió Revolução, 2014c.

_____. **Dr. Silvio**. In: ARRUDA, Aline Alves. Carolina Maria de Jesus: projeto literário e edição crítica de um romance inédito. Tese de Doutorado. Belo Horizonte: UFMG, 2015.

_____. **Meu sonho é escrever... contos inéditos e outros escritos**. Org. FERNANDEZ, Raffaella. 1ª ed. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2018.

_____. **Clíris: poemas recolhidos**. Org. Raffaella Fernandez e Ary Pimentel. Rio de Janeiro: Desalinho, Ganesha Cartonera, 2019.

_____. **Casa de Alvenaria - Volume 1: Osasco**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

_____. **Casa de Alvenaria - Volume 2: Santana**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação. Episódios de Racismo Cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico – De Rousseau à Internet**. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha (org.). Coleção Humanitas. UFMG, 2014.

LIMA, Vera Eunice de Jesus. Esta história é meio minha e meio de minha mãe. *In*: MEIHY, José Carlos Sebe Bom. LEVINE, Robert M. **Cinderela negra: a saga de Carolina Maria de Jesus**. 2ª ed. Sacramento MG: Editora Bertolucci, 2015.

LUGARINHO. Mário César. Cãnone e Crítica: Superações. *In*: **Cadernos de Literatura Comparada**. Nº 43, dezembro de 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.21747/21832242/litcomp43a15>. Acesso em: 30 jun 2023.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. LEVINE, Robert M. **Cinderela negra: a saga de Carolina Maria de Jesus**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.

MIRANDA, Fernanda R. **Silêncios prescritos: estudos de romances de autoras negras brasileiras (1859 - 2006)**. Rio de Janeiro: Malê, 2019.

MIRANDA, Fernanda. Carolina, Carolinas, e um futuro que se abre. *In*: **Carolinas: a nova geração de escritoras negras brasileiras**. Org. LUDEMIR, Julio. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo: FLUP, 2021.

PERPÉTUA, Elzira Divina. **A vida escrita de Carolina Maria de Jesus**. Belo Horizonte: Nandyala, 2014.

PRADO JUNIOR, Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** E-book, não paginado. Companhia das Letras, 2018. Disponível em: <<https://idoc.pub/documents/quem-tem-medo-do-feminismo-negro-djamila-ribeiropdf-6nq9kxxo01lw>>. Acesso em 11 out. de 2023.

SANTOS, Mirian Cristina dos. **Intelectuais negras: prosa negro-brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

SALLES, Cecília Almeida. **Crítica Genética: Fundamento dos estudos genéticos sobre o processo de criação artística**. São Paulo: Educ, Editora da PUC de São Paulo, 2008.

SILVA, Mário Augusto Medeiros da. Prefácio. In: FERNANDEZ, Raffaella. **A poética de resíduos de Carolina Maria de Jesus**. 1ª edição. Ebook. Brasília: Edições Carolina, 2019.

SILVA, Vanessa Maria Poteriko da. **A Trajetória na construção da identidade da personagem-narrador-autora Carolina Maria de Jesus em seus diários**. Dissertação (mestrado em Letras) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná. Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Vasconcelos Machado. Curitiba: UFPR, 2019. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/60738>>. Acesso em 12 ago. 2019.

SIRINO, Tallyssa Izabella Machado. **Canetas roubadas de Carolinas que r.existem**. Tese Doutorado. Orientação de Acir Dias da Silva. Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE, Centro de Educação, Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2019.

ANEXOS

PÁGINA DO MANUSCRITO

30 de Agosto de 1960. ^{mudança}

Se sentar as 6 horas preparando
 os rámpas. Fazendo tranxos
 para zapar da foreta.
 Fiz o café e fui comprar
 pão. pedi ao Chico para
 atender. e logo porque
 eu ia mudar.

- para onde?
 - Vou residir em Osasco.
 Ele sentiu. logo. paguei e
 sai correndo.

Estava preparando as trocas
 quando chegou o senhor
 paulino de Mauro dono
 da livraria Baulerard.

Vêio convidar. e para eu
 ir na sua livraria auto-
 grafar os meus livros.

Eu disse. Ele que me
 depois que agêntar a vida
 dos meus filhos porque,
 quando eu os deixo na
 foreta os porceladas moltra
 ta-os.

PÁGINA DE CASA DE ALVENARIA (1961)

CASA DE ALVENARIA

Ficaram alegres. Eu disse a D. Alice que vou deixar a favela. Percebi que ela ficou triste. Eu vou dar-lhe o meu barracão. Fui encaixotar os livros. Estou contente. Até que enfim deixo este recanto maldito. Não vou incluir a saudade na minha bagagem.

Eu contratei um caminhão para conduzir os meus cacarecos para Osasco.

30 de agosto Levantei as 6 horas, preparando as roupas e fazendo trouxas para zarpar da favela. Fiz café e fui comprar pão. Pedi ao Chico para atender-me logo, porque eu ia mudar.

— Para onde?

— Vou residir em Osasco.

Estava preparando os trastes quando chegou o senhor Paulino de Moura, dono da Livraria Boulevard. Veio convidar-me para eu ir na sua livraria autografar os meus livros. (...) Ele trouxe uns livros para eu autografá-los. Eu estava autografando quando chegou o reporter Gil Passarelli, das "Folhas", para fotografar-me porque eu vou mudar. O senhor Paulino auxiliou-me, retirando as gavetas pela janela, para ser filmada e fotografada. O Gil despediu-se porque a reportagem ia sair a tarde. Continuei autografando os livros, quando chegou o senhor Pompilio Tostes que veio filmar-me. Ele filmou o barracão por fora. Depois foi filmar o interior, mas não tinha claridade. O João subiu no telhado para retirar umas telhas, para penetrar claridade.

... Os jornais já havia noticiado que eu ia mudar para Osasco as 14 horas. Na favela os curiosos já estavam presentes e as crianças rondando o barracão. Não vieram auxiliar-me. A D. Alice disse-me que os meninos haviam mechido nos meus livros. Xinguei-os. Respirei aliviada quando o motorista chegou. O senhor Milton Bitencourt. Ele ficou receioso quando viu os favelados aglomerados ao redor do barracão. Pedi que fosse carregando os cacarecos para o caminhão.

PÁGINA DE CASA DE ALVENARIA (2021, VOL. 1)

30 DE AGOSTO DE 1960

MUDANÇA

Levantei as 6 horas preparando as roupas, fazendo trouxas para zarpar da favela. Fiz o café e fui comprar pão, pedi ao Chico para atender-me logo porque eu ia mudar.

— Para onde?

— Vou residir em Osasco.

Ele serviu logo, paguei e sai correndo.

Estava preparando os trastes quando chegou o senhor Paulino de Moura¹ dono da livraria Boulevard.² Vêio convidar-me para eu ir na sua livraria autografar os meus livros.

Eu disse-lhe que irei depois que agêitar a vida dos meus filhos porque, quando eu os deixo na favela os favelados maltrata-os.

Ele trouxe uns livros para eu autografa-los. Eu estava autografando quando chegou o reporter Gil Passarelli,³ das Folhas, para fotografar-me, porque eu vou mudar. O senhor Paulino de Moura auxiliava-me, ritirando as gavêtas pela janela para ser filmado e fotografado.

O Gil despediu-se porque a reportagem ia sair a tarde. Continuei autografando os livros, quando chegou o senhor Pompilio Tostes, que vêio filmar-me, para o canal 100 das produções Carlos Niemayer.⁴ Ele filmou o barracão por fóra, depois foi filmar o interior, mas não tinha claridade. O João subiu no telhado para ritirar umas têlhas para penetrar claridade. Ele filmou-me, escrevendo, e ao lado do senhor Paulino e os meus filhos.

O senhor Paulino deu-lhe um livro que ele escreveu. O senhor Paulino despediu-se, o senhor Pompilio disse-me que nos devíamos ir na cidade para concluir o filme na livraria. Troquei-me, recomendei ao João que olhasse os livros que estavam encaixotados. Fomos de onibus, porque o onibus para na rua Libero Badaró, fomos conversando assunto custo de vida. Quando chegamos na livraria ele telefonou

1 Escritor, jornalista e livreiro.

2 Localizada no largo da Penha, na Zona Leste paulistana. Em 1961, a livraria se transferiu para a rua Comendador Cantinho, no mesmo bairro.

3 Gil Giovaninni Passarelli, repórter fotográfico do grupo Folha da Manhã.

4 Carlos Niemeyer, produtor de cinema responsável pelo *Canal 100*, cinejornal semanal produzido desde 1957, especializado em cobertura esportiva.